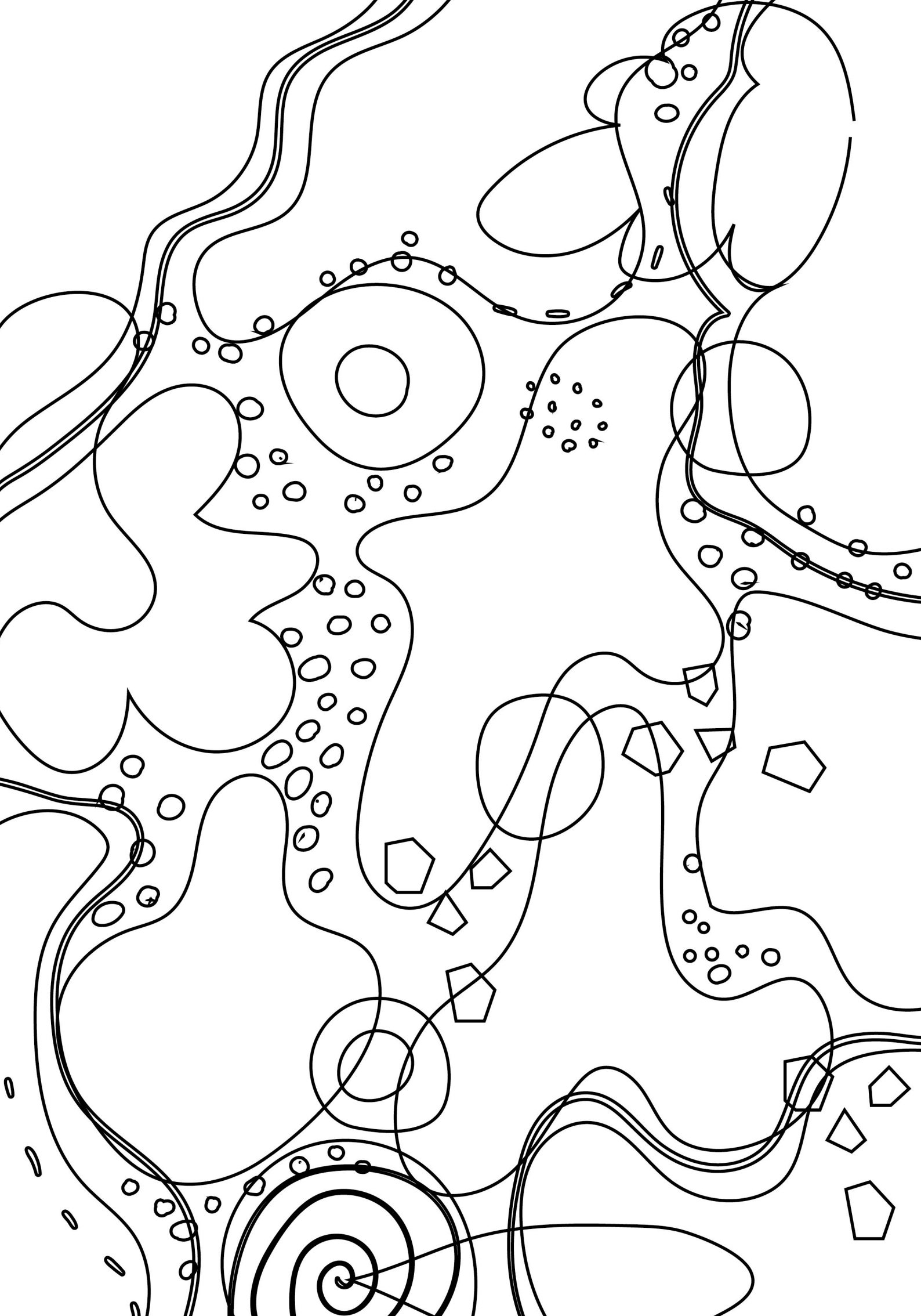


Trajetórias na inclusão: da sensibilização ao serviço em AEE



Flávio Iassuo Takakura
Letícia das Graças Rosignoli de Oliveira
Patrícia Rafaela Otoni Ribeiro
Thereza Cristina De Souza Prata Oliveira
(Organizadores)

**TRAJETÓRIAS DE INCLUSÃO:
da sensibilização ao serviço em AEE**

Juiz de Fora
ICE/NGIME/UFJF
2023

©2023 by Flávio Iassuo Takakura, Leticia das Graças Rosignoli de Oliveira, Patrícia Rafaela Otoni Ribeiro e Thereza Cristina de Souza Prata Oliveira (Organizadores)
Carolina Lessa Cataldi, Cássia Maria Davanço, Flávia Ceccon Moreira Gil, Gustavo de Mello Duarte, Leticia Das Graças Rosignoli de Oliveira, Patrícia Rafaela Otoni Ribeiro e Thereza Cristina De Souza Prata Oliveira (Equipe de publicações)

Direitos desta edição reservados ao ICE/NGIME/UFJF.

Capa: Gabriel Schuery Custódio

Projeto gráfico, diagramação e editoração: Rogério Lêdo Matos | Estúdio Brio

Os textos são de total responsabilidade de seus autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trajetórias na inclusão [livro eletrônico] : da sensibilização ao serviço em AEE / organização Flávio Iassuo Takakura...[et al.]. -- Juiz de Fora, MG : Estúdio Brio, 2023.
PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Leticia das Graças Rosignoli de Oliveira, Patrícia Rafaela Otoni Ribeiro, Thereza Cristina de Souza Prata Oliveira.
Bibliografia.

ISBN 978-65-997903-7-9

1. Educação inclusiva 2. Atendimento Educacional Especializado (AEE) 3. Pessoas com deficiência 4. Pessoas com deficiência - Acessibilidade 5. Pessoas com deficiência - Educação 6. Tecnologia Assistiva (TA) I. Takakura, Flávio Iassuo. II. Oliveira, Leticia das Graças Rosignoli de. III. Ribeiro, Patrícia Rafaela Otoni. IV. Oliveira, Thereza Cristina de Souza Prata.

23-162984

CDD-371.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Atendimento Educacional Especializado : Educação inclusiva 371.9

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Instituto de Ciências Exatas

Diretor

Prof. Dr. Eduardo Barrére

Faculdade de Educação Física

Diretor

Prof. Dr. Jefferson Macedo Vianna

PREFÁCIO

O que nos difere? O que nos agrupa? O que nos inclui? O que nos faz pertencer? Como sujeitos sociais, somos constituídos historicamente pelas relações. E é nesse conjunto de interações que, direta ou indiretamente, somos acionados a refletir, discutir e intervir naquilo que nos afeta.

Nessa direção, debruçamo-nos sobre as implicações pedagógicas no que se refere aos alunos público-alvo do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e na forma como esse serviço é oferecido, reconhecendo, dentre outros fatores, que as políticas públicas educacionais com ênfase na inclusão perpassam, necessariamente, a formação de profissionais para a atuação na educação básica.

Como compromisso e contribuição, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) ofertou um curso de aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEE), em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), o Instituto de Ciências Exatas (ICE) e o Núcleo do Grupo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância (NGIME).

A formação continuada ocorreu no período de novembro de 2022 a abril de 2023, com cursistas de diversas regiões do país. Com uma equipe de docentes e tutores especializados, os profissionais completaram 180 horas de disciplinas teóricas, com ênfase prática, contemplando conteúdos voltados ao ambiente virtual de aprendizagem (EaD), às Políticas Públicas de Inclusão e Acessibilidade Educacional, ao Atendimento Educacional Especializado e uso de tecnologias assistivas com enfoques específicos nas deficiências: física, visual, auditiva e intelectual, além de altas habilidades. Ao final, os cursistas produziram um plano de ação pedagógico, o qual representa o resultado do aprendizado ao longo do curso.

Mediante o aprofundamento em conhecimentos teóricos e práticos relacionados a esta área, os cursistas foram estimulados a desenvolverem competências e habilidades para o atendimento de pessoas com deficiência no Serviço de Atendimento Educacional Especializado.

Os trabalhos elaborados ao final do curso, como produto materializado, indicam que a formação proposta alcançou, com êxito, o seu objetivo, que é capacitar profissionais, em especial, professores, para um atendimento de qualidade aos educandos com deficiência e o estímulo a superação de desafios para se fazer a inclusão na prática. Foram mais de trezentos concluintes e, através dessa publicação, é possível conhecer uma amostra representativa da trajetória de sensibilização ao trabalho no Serviço de Atendimento Educacional Especializado.

Organizadores

APRESENTAÇÃO

O livro “Trajetórias de inclusão: da sensibilização ao serviço em AEE” reúne um conjunto de autobiografias de uma amostra significativa de alunos do curso de Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado – SAEE da Universidade Federal de Juiz de Fora. Os relatos apresentam narrativas sobre memórias e fatos marcantes da vida de cada autor, que nos levam a sentir emoções, sentimentos e, ainda, refletir acerca da formação do profissional capacitado para atender pessoas com deficiência, abordando tal formação em diferentes momentos de sua trajetória de vida.

Ao considerar o histórico e as especificidades de cada sujeito/educando que constituiu o corpo deste curso, parte-se do princípio de que as histórias de vida e registros identitários são construções subjetivas de todo profissional, que instigam reflexões e práticas mais significativas. Além disso, relatos autobiográficos podem indicar diferentes maneiras de ser, superar barreiras, lutas e conflitos internos. Por sua vez, as interações entre vida profissional e pessoal, bem como experiências individuais e cultura familiar, religiosidade, status socioeconômico e, especialmente, as influências do contexto educacional, constituem teias de significado que indicam as escolhas dessas trajetórias.

Nóvoa (1995) reforça a ideia de que as experiências e o entorno sociocultural, bem como as vivências e visões de mundo, deveriam ser levados em consideração no processo de construção da identidade profissional. O autor esclarece, ainda, que não há separação entre formação profissional e vida privada, sendo a identidade pessoal um fator central para o sucesso dos profissionais. Para ele, a construção da identidade do professor é um processo único do sujeito que abraça toda sua história de vida, pessoal, profissional e familiar.

Nesse sentido, as trinta autobiografias descritas neste livro são capazes de resgatar sentidos e significados marcantes, que vão ao encontro de memórias que foram fundamentais nas trajetórias de vida. De igual modo, na visão de Kramer (1999), resgatar a história das pessoas significa vê-las se reconstituírem em sujeitos e reconstituir sua cultura, seu tempo, sua história, reinventando a palavra. As experiências do passado, por meio da memória, abrem caminhos para a formação profissional, já que as autobiografias podem ser um meio de constituição e aprendizagens e não somente de lembranças.

Kramer (1999) ressalta a importância das narrativas de histórias de vida na estimulação do processo reflexivo: “lembrar é, então, assumir o tempo como medida humana, como história. A narrativa reinterpreta o passado e permite mudar um futuro que se mostrava

inevitável” (KRAMER, 1999, p.134). Por isso, [...] “é uma aprendizagem não só da história, mas com a história: ouvindo, falando, contando, os professores repensam a história dando a ela um outro/novo significado, num processo contínuo e dinâmico de transformação” (KRAMER, 1999, p.135).

As produções de autobiografias diferem-se uma das outras, assim como difere as próprias experiências dos sujeitos. O sentido das narrativas vindo de situações vividas por familiares, com desafios, dificuldades e obstáculos, trazendo reflexões sobre as perspectivas profissionais futuras ou atuais, são o que denominamos de autobiografias. Já as narrativas de formação ou autobiografias de formação são relatos que trazem mais especificamente o contexto profissional do sujeito, com as dificuldades inerentes de todo profissional e as superações no campo da inclusão. Independente do enfoque, é possível conhecer, significar e ressignificar práticas pedagógicas desses profissionais na relação com os alunos público-alvo do Serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

As escritas individuais contidas neste livro estão dispostas em duas partes. De modo geral, a divisão reflete a trajetória de vida e o engajamento com o Serviço Educacional Especializado – AEE. A primeira parte, intitulada “Memórias de vida, aprendizagem, formação e escolha da docência”, é organizada em torno de quinze autobiografias que resgatam relatos desde a infância, passando pelas primeiras escolhas da formação superior até se tornarem profissionais.

Com um olhar para história e para as experiências familiares que refletiram no direcionamento profissional, os autores partem das experiências mais profundas de si, em que questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens e descortina possibilidades de sua formação através do que foi vivido. A ênfase nas subjetividades apresentadas revela identidades das práticas de formação do sujeito como profissional, levando em consideração os diferentes aspectos de sua história. Essa primeira seção é composta pelas autobiografias de Fabianna Santana Moço Mendonça Alves, Francisca Thanisia de Freitas Falcão, Josiane Melo Rocha, Karen Peixoto Lopes Silva, Luciana Leitão Justino, Ângela Maria Florentino Bernardo, Aline Emília da Silveira Mesquita, Carla Regina Lima de Brito, Claudineia Ribeiro Pacheco, Cláudio Alves de Araújo, Elenise Pimentel, Juliana Vieira Carvalho e Souza, Maria Regina Cavalcante, Mirian Ferreira de Lima Maltez, Rodrigo Aparecido Estevão, Rosemary Zillig e Tamires Rodrigues Siqueira.

A segunda parte, sob o título “Trajetórias profissionais: o AEE como formação con-

tinuada”, compreende as autobiografias que relatam as memórias de professores sobre o início da atividade com AEE e descrever fatores e experiências que determinaram a busca por conhecimento nessa atividade. Destacam-se as possibilidades de experiências na educação especial no sentido de dar legitimidade a esse modo de produção do saber subjetivo. Ariane Monteiro Siqueira, Carla Regina Gouveia Monroe, Edleusa Luzia Moreira Pereira de Souza, Elza Costa Porto De Oliveira, Gilsinéia Corrêa Henrique, Jocelma Rodrigues dos Santos, Jaqueline Supriano de Souza Alves, Kamilla Andrade Oliveira, Luciana Camilo Borges, Roberto Alves Dias Rocha, Silvia Cleide Piquiá dos Santos, Solange Oliveira Lara e Suelmo Felipe da Costa são os autores que compõem essa segunda parte das autobiografias.

A intenção deste livro é possibilitar conexões e aproximações com as histórias de vida e as práticas de formação em AEE, por entender que o alcance heurístico das autobiografias vai muito além de meras experiências individuais de certo modo irrepetíveis: elas podem ser fontes para elaboração de aprendizagens e significados no sentido de potencializar o Serviço de Atendimento Educacional Especializado.

Profª Thereza Cristina de Souza Prata Oliveira

Referências

KRAMER, Sonia. Leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação. **Cadernos de Pesquisa**, p. 129-157, 1999.

NÓVOA, António. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

SUMÁRIO

PARTE I:

| | |
|--|-----------|
| Memórias de vida, aprendizagem, formação e escolha da docência..... | 13 |
| “Passei a me dedicar sobre a temática de inclusão de alunos com deficiência auditiva...” | |
| Fabianna Santana Moço Mendonça Alves | 14 |
| “Às vezes chego a ter um sentimento de impotência por perceber que poderia fazer muito mais...” | |
| Francisca Thanisia de Freitas Falcão..... | 20 |
| “Estou na educação especial por escolha...” | |
| Josiane Melo Rocha | 24 |
| “O cérebro humano e suas complexidades sempre despertaram em mim uma aguçada curiosidade...” | |
| Karen Peixoto Lopes Silva | 29 |
| “Olhar para a condição dos meus alunos com uma lente mais apurada...” | |
| Luciana Leitão Justino..... | 31 |
| “Tive contato com um mundo novo, que eu ignorava...” | |
| Aline Emília da Silveira Mesquita | 36 |
| “Tive a certeza de que ser professora era o maior objetivo da minha vida...” | |
| Carla Regina Lima de Brito | 38 |

| | |
|---|----|
| “Não me vejo parando por aqui...” | |
| Ângela Maria Florentino Bernardo..... | 43 |
| “Sempre enxergava (e enxergo) meu irmão em cada um...” | |
| Claudineia Ribeiro Pacheco | 46 |
| “A vida escolar é muito difícil para pessoas com deficiência...” | |
| Cláudio Alves de Araújo..... | 52 |
| “Descobri que superar obstáculos seria minha rotina...” | |
| Elenise Pimentel..... | 54 |
| “Não tem como fugir de um propósito...” | |
| Juliana Vieira Carvalho e Souza | 60 |
| “Estudar diferentes deficiências me estimulou a estudar o caso de meu filho...” | |
| Maria Regina Cavalcante | 63 |
| “Lutaria para que outras crianças não vivenciassem situações discriminatórias...” | |
| Mirian Ferreira de Lima Maltez..... | 66 |
| “Um olhar mais apurado e abrangente acerca dos processos inclusivos na educação...” | |
| Rodrigo Aparecido Estevão | 72 |
| “Fui e ainda sou questionadora e interessada na transformação dos protagonistas que chegam em nosso caminho...” | |
| Rosemary Zillig Chile..... | 76 |
| “Todos os sujeitos, independentemente de sua deficiência e/ou limitação, podem aprender e participar ativamente das atividades escolares...” | |
| Tamires Rodrigues Siqueira | 82 |

PARTE II:

| | |
|---|-----------|
| Trajetórias profissionais: o AEE como formação continuada | 85 |
| “Tive contato com uma criança com TEA que me chamou à atenção...” | |
| Ariane Monteiro Siqueira | 86 |
| “Precisei aprender a aprender para, assim, conseguir ajudar meus alunos...” | |
| Carla Regina Gouveia Monroe | 89 |
| “Tem me transformado não só em uma educadora melhor, mas em um ser humano melhor...” | |
| Edleusa Luzia Moreira Pereira de Souza | 91 |
| “Precisamos enxergar além, além das limitações, além das barreiras, além da invisibilidade...” | |
| Elza Costa Porto De Oliveira | 93 |
| “A inclusão efetiva e humanizada em salas de aula não era real...” | |
| Gilsinéia Corrêa Henrique | 98 |
| “Garantindo o seu direito a uma educação de qualidade, significativa e inclusiva...” | |
| Jocelma Rodrigues dos Santos | 101 |
| “O AEE abre caminhos para que a Educação Inclusiva de fato aconteça...” | |
| Jaqueline Supriano de Souza Alves | 104 |
| “Gratidão por estar ali e ter feito diferença de forma positiva na vida de alguém...” | |
| Kamilla Andrade de Oliveira | 106 |
| “Aspiro caminhos possíveis e necessários...” | |
| Luciana Camilo Borges | 108 |

“A minha mente foi se abrindo para as infinitas possibilidades da educação inclusiva...”

Roberto Alves Dias Rocha..... **110**

“Vontade de aprender Libras e conseguir me comunicar com as pessoas surdas...”

Silvia Cleide Piquiá dos Santos..... **113**

“Lutarei sempre pela inclusão de todas as pessoas na sociedade”

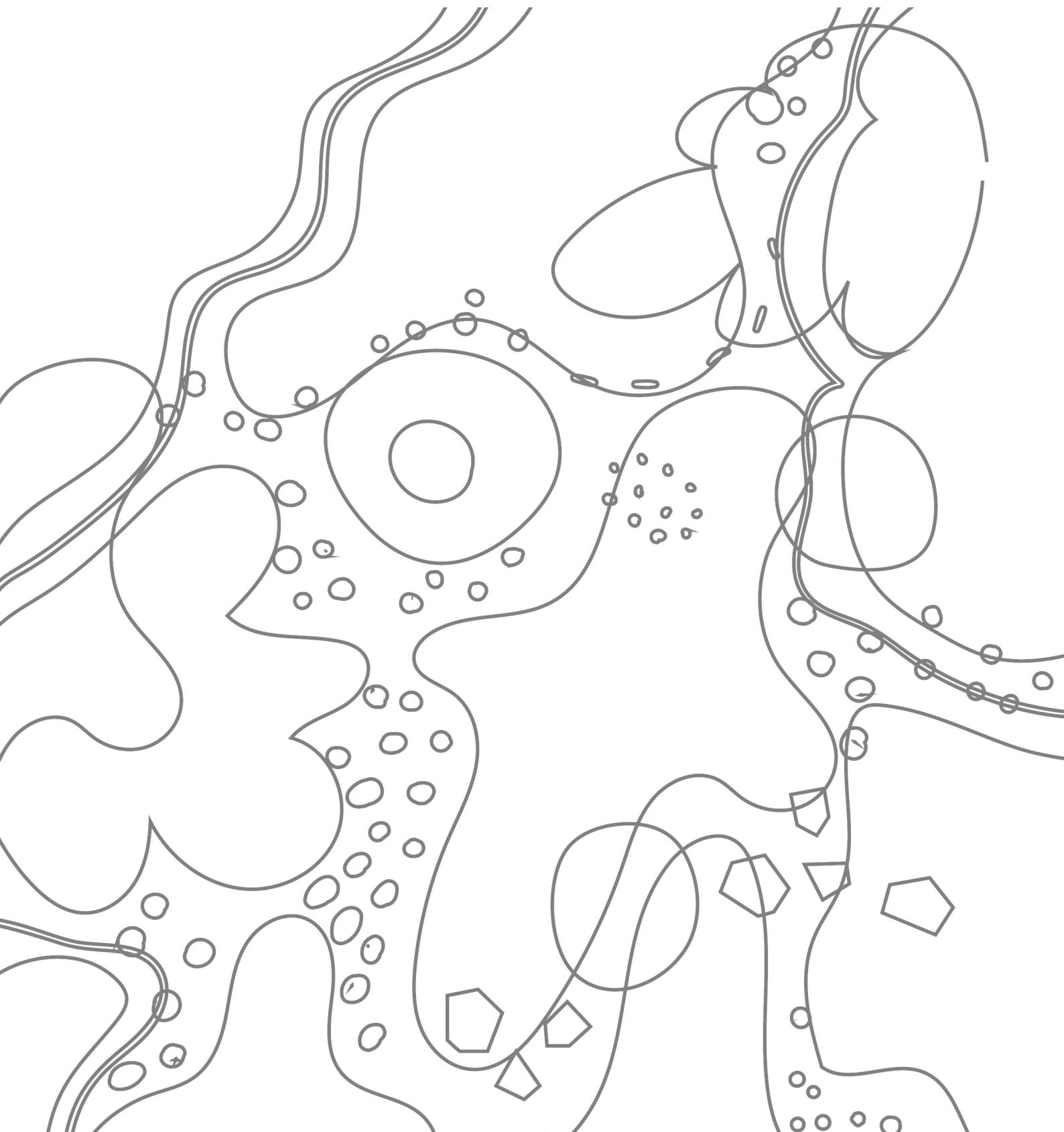
Solange Oliveira Lara **116**

“Quanto mais aprendia sinais, mais vontade tinha de aprender...”

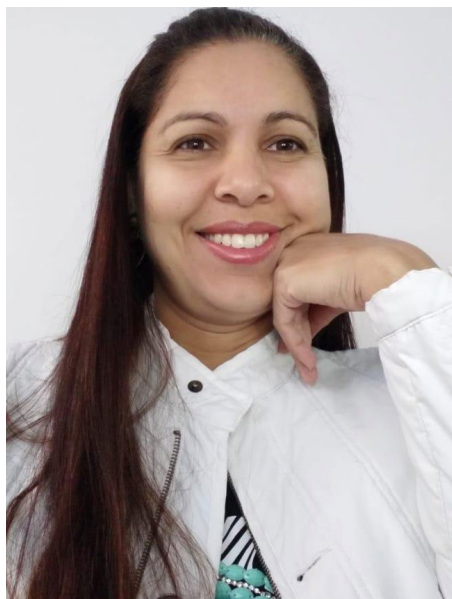
Suelmo Felipe da Costa **118**

PARTE I:

***Memórias de vida, aprendizagem,
formação e escolha da docência***



“Passei a me dedicar sobre a temática de inclusão de alunos com deficiência auditiva...”



**Fabianna Santana Moço
Mendonça Alves**
Muqui (ES)

Antes de iniciar minha autobiografia, trago uma citação de Marie-Christine Josso para a qual construir uma autobiografia é um caminhar para si que

[...] empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um. (JOSSO, 2012, p.21)

Início uma feliz retrospectiva para descrever uma simples, mas verdadeira, história que começa no ano de 1979, numa cidade pequena no interior do estado do Espírito Santo. Sou filha de mãe professora, sendo eu uma das mais novas (por ser gêmea) de quatro filhas.

Meu primeiro contato com pessoa com deficiência foi assim que nasci, pois um tio era paraplégico, condição essa resultante de um acidente automobilístico, e com uma prima acometida com paralisia cerebral. Enquanto criança não entendia muito aquelas condições e às vezes senti até medo de conviver com essas pessoas.

Indo para escola, tive contato com alunos que frequentavam as “salas especiais”, nas quais estudavam alunos de diferentes condições, pois não apresentavam bons rendimentos escolares e acabavam sendo direcionados para essas turmas, que nós, crianças ditas “normais”, caçoávamos dizendo que era a turma dos “doidos”. Além desses, também conhecia um pouco dos alunos que frequentavam a APAE- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - do município, pois esta instituição sempre fazia eventos para angariação de fundos com apresentações dos estudantes.

Na rua em que morávamos também havia dois moradores surdos. Um deles fre-

quentava bastante a casa de minha avó e se tornou um grande amigo ao longo dos anos.

Segui os passos de minha mãe, única com formação superior entre cinco irmãos. Ela sempre se esforçou para que todas nós pudéssemos estudar em busca de um futuro melhor. Cursei toda educação básica em escola pública da rede estadual. Ao final do antigo primeiro grau, dei o primeiro passo, influenciada pela minha mãe, para a docência ao optar por cursar no segundo grau o Curso Técnico em Magistério. Obtive, em 1996, a Habilitação Profissional em Magistério com o título de Professora de 1º Grau da 1ª a 4ª série. Concomitante ao curso Técnico em Magistério, frequentado no turno matutino, cursei o Técnico em Contabilidade, no turno noturno. Durante o ano de 1997, dava aula particular em casa para crianças que necessitavam de reforço escolar (talvez fossem alunos de inclusão escolar, mas na época eu ainda não entendia sobre o assunto, entretanto trabalhava de forma diferenciada para que os mesmos alcançassem a aprendizagem que não conseguia na sala de aula) e estudava algumas disciplinas que não tive nos cursos técnicos.

Senti a necessidade de frequentar um cursinho pré-vestibular para poder prestar vestibular para Educação Física em instituições superiores públicas. Entretanto, minha mãe não tinha condições financeiras para custear toda a despesa de um curso preparatório para vestibular fora da cidade onde eu residia. Busquei alternativa para poder estudar, participando do processo de seleção do Projeto Universidade para Todos, ligado à Fundação Ceciliano Abel de Almeida da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) em 1998 e conquistei uma vaga para frequentar o cursinho pré-vestibular gratuito. Fui morar com minha irmã mais velha no município de Vila Velha-ES, enfrentando o primeiro desafio ao sair de casa.

No final do ano de 1998, prestei vestibular para o curso de Educação Física da UFES, campus São Mateus e para o curso de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pois ambas possuíam alojamento estudantil. Fui aprovada nos dois vestibulares.

O que despertou minha vontade de fazer o curso de licenciatura em Educação Física foi meu gosto pelas práticas esportivas e uma paixão pelo ato de ensinar. Um ensinar e aprender além dos conteúdos, com disseminação de valores importantes para modificar a sociedade.

Aprovada nos dois vestibulares prestados, optei por iniciar minha graduação em Licenciatura Plena em Educação Física em meados de 1999 na UFRRJ. O início letivo deu-

-se em meados do ano devido à greve geral de professores e servidores nas instituições federais de ensino no ano de 1998. Estudei apenas dois semestres. Problemas financeiros levaram-me a trancar a matrícula e retornar para Vila Velha/ES no ano 2000. No final do ano de 2001, prestei vestibular novamente para UFES, retomando meus estudos na Licenciatura em Educação Física no início de 2002 no curso de Educação Física, campus Goiabeiras.

No período em que fiz graduação tive contato mais direto com alunos público-alvo na educação especial ao cursar a disciplina Educação Física Adaptada I e II. Uma parte das aulas era desenvolvida no LAEFA Laboratório de Educação Física Adaptada que desenvolvia um Programa de Extensão sob a coordenação do professor Sidney Rosadas reunindo crianças com e sem deficiência, jovens, adultos e idosos com deficiência intelectual, autismo, baixa visão, cegueira e seus familiares, com proposta de práticas corporais inclusivas e atividade lúdicas, em um ambiente de inclusão, sensibilidade e escuta. Mas foram somente essas disciplinas e que despertava em poucos o interesse em estudos mais aprofundados nessa área por ser considerada difícil demais.

Quando retornei ao curso superior, trabalhava como representante de telemarketing para custear minhas despesas. Ao ser desligada do quadro funcional da empresa de telemarketing, voltei a dar aulas particulares para crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem por alguns meses.

No final do ano de 2002, consegui uma bolsa de monitoria na disciplina Legislação, Administração e Organização da Educação Física a qual exerci minhas atribuições até início de 2004, quando consegui uma bolsa de monitoria no Programa de Aprimoramento Discente (PAD), que durou sete meses.

Durante o ano de 2004, ainda acumulava, além das aulas e monitoria, estágios: em ginástica laboral em espaços da Petrobras, convênio da Fundação Ceciliano Abel de Almeida e no Serviço de Orientação ao Exercício da Prefeitura Municipal de Vitória. Foram momentos difíceis e que requeriam muita disciplina e organização de minha parte. Estudar e ainda trabalhar para poder arcar com todas as despesas.

Em meio a tantas atividades estudantis e laborais, ainda reservei tempo para estudar para o concurso público do magistério da Prefeitura Municipal de Vila Velha/ES. Fui aprovada pela primeira vez para um cargo de professora efetiva em 2004. Como ainda estava cursando a faculdade de Educação Física, utilizei-me da minha Habilitação Profissional em

Magistério e prestei concurso para vaga de professor da base comum curricular para trabalhar no ensino fundamental séries iniciais.

Para assumir o cargo de professora na rede municipal de Vila Velha, solicitei desligamento da bolsa de monitoria PAD e dos estágios.

Durante a graduação apresentei um pôster do meu trabalho de conclusão de curso “Diagnóstico da Educação Física Escolar no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Vila Velha” no Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte em 2004.

Em novembro de 2004, após superar todas as dificuldades, concluí minha tão sonhada graduação, tornando-me professora de Educação Física.

No ano de 2005, iniciei o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia Institucional pelo Instituto A Vez do Mestre, polo Vitória, em parceria com a Universidade Cândido Mendes, tendo-o concluído em 2006.

Ainda em 2006 prestei concurso público para cargo de professor B – Educação Física, na Prefeitura Municipal da Serra/ES, sendo aprovada pela primeira vez para um cargo de professora de Educação Física. Exerci a docência em escolas municipais da Serra por apenas um ano, quando pedi exoneração para assumir um cargo de professora efetiva de Educação Física na rede municipal de Vila Velha, referente ao concurso prestado em 2007.

Permaneci com dois vínculos no município de Vila Velha, um de professora de séries iniciais do ensino fundamental e um de professora de Educação Física.

Por motivos pessoais, no ano de 2009 precisei retornar para minha cidade natal, Muqui/ES. Solicitei uma sessão de servidor para o município de Cachoeiro de Itapemirim/ES, onde passei a atuar durante os anos de 2010 e 2011.

Tendo a perspectiva de permanecer no interior do estado, em 2010 prestei concurso público para a Secretaria Estadual de Ensino do Estado do Espírito Santo (SEDU). Sendo aprovada, assumi um vínculo na rede estadual e solicitei inicialmente a exoneração de um vínculo da rede municipal de Vila Velha. Em 2014, solicitei o desligamento do segundo vínculo de Vila Velha, permanecendo apenas com o vínculo na rede estadual, numa escola no município de Muqui/ES, a qual exerço minha função de professora de Educação Física até os dias atuais.

Entre os meses de outubro de 2013 e janeiro de 2015 exerci o cargo de gestora escolar Pró-Tempore, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Marcondes de Souza, em Muqui/ES.

Em 2014, decidi voltar à academia. Entretanto, estava há muito tempo distante da universidade, em termos acadêmico e territorial. Estar no interior do estado era um empecilho para retornar. Exigia dedicação e foco. Aventurei-me em estudos sem nenhuma orientação em casa e comecei a participar de processos seletivos para mestrado, sem sucesso. No final de 2014, me inscrevi para vaga de aluno especial no Programa de Mestrado em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense “Darcy Ribeiro” (UENF), em Campos dos Goytacases/RJ. Consegui frequentar duas disciplinas como aluna especial neste Programa. Em 2015/1 a disciplina História da Educação Brasileira e em 2015/2 a disciplina Tópicos Especiais em Políticas Sociais: Educação e Ações Afirmativas. A oportunidade em participar destas duas disciplinas me levaram a entender o quanto é importante para um professor que queira fazer a diferença em sua docência permanecer dentro no contexto da pesquisa.

Após participar destas duas disciplinas continuei a estudar e pesquisar em casa, com aprendizados expressivos proporcionados pelos estudos na UENF. Em 2015, tentei outros processos seletivos para mestrado em diferentes instituições sem obter sucesso.

Em 2016, comecei a escrever trabalhos para submeter a congressos. Tive a oportunidade de apresentar trabalhos, sozinha e com amigos. Mas foi a matrícula de um aluno com deficiência auditiva, no primeiro ano do ensino fundamental, que me inquietou a buscar conhecimento sobre inclusão e trabalho colaborativo com intérprete de Libras. Passei a me dedicar sobre a temática de inclusão de alunos com deficiência auditiva.

Entre 2017 e 2018, participei de um congresso regional, um seminário regional e um colóquio internacional apresentando trabalhos com a temática inclusão de aluno com deficiência auditiva na educação física escolar e trabalho colaborativo com intérprete de Libras. O trabalho apresentado no V Colóquio Internacional de Educação, Cidadania e Exclusão, na Universidade Federal Fluminense, em Niterói/RJ, em 2018 foi publicado nos anais do Colóquio. Também em 2018, a Editora Dialogar publicou o livro “Rumos da Educação”, no qual consta um capítulo de minha autoria em parceria com uma intérprete de Libras.

Ainda sem alcançar o objetivo de ser aprovada em processo seletivo de mestrado, continuava participando de processos em diferentes instituições sempre com a crença de que ao cursar um mestrado de qualidade, vivenciaria experiências que contribuiriam para inovar meu percurso acadêmico e minha prática profissional, através de investigação científica e aquisição de conhecimentos especializados inseridos na linha de pesquisa do pro-

grama o qual o mestrado estivesse inserido.

No final do ano de 2018, participei do processo seletivo para o Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação, na Faculdade Vale do Cricaré, em São Mateus/ES. Fui aprovada, iniciando o curso no início de 2019, com a intenção de desenvolver pesquisa sobre educação especial/inclusão escolar, com relevância acadêmica e social a respeito da inclusão de aluno com deficiência auditiva nas aulas de educação física escolar em sistema colaborativo de ensino com o intérprete de Libras.

No segundo ano do mestrado, momento da pesquisa de campo, foi necessário modificar a metodologia inicialmente proposta no projeto da pesquisa, adequando-a ao contexto da pandemia de Covid-19, com isolamento social, fechamento das escolas e desenvolvimento de aulas no formato não presencial. Ainda assim, foi possível desenvolver a pesquisa, defender a dissertação intitulada “Contribuições do Intérprete de Libras para Inclusão de Aluno com Deficiência Auditiva a Educação Física Escolar” e obter o título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação sob orientação do Professor Doutor José Roberto Gonçalves de Abreu.

Passados dois anos da conclusão do mestrado, ainda não consegui adentrar num curso de Doutorado, principalmente por não poder estar diretamente ligada aos centros acadêmicos.

No final de 2022, vi no Curso de Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado, departamento de física da UFJF, a oportunidade de sair da zona de conforto e procrastinação e retomar os estudos.

Hoje, por não ter em meu município alunos com Deficiência Auditiva, não tenho mais focado em estudos específicos desta área, tenho voltado meus olhares para o ensino colaborativo juntamente com o Apoio Educacional Especializado. Uma forma de prática docente que valoriza o ser humano incluso e compartilha as responsabilidades do desenvolvimento integral deste ser. Tenho muita esperança de que esses novos olhares gerem bons frutos e promova de fato a inclusão dos alunos público alvo da educação especial na educação física escolar e também aqueles que não fazem parte deste público mas precisam ser inclusos por diferentes motivos.

Referência

JOSSO. Marie-Christine. **O Corpo Biográfico:** corpo falado e corpo que fala. Seção temática: Cuidado Humano e Educação • Educ. Real. 37 (1) • Abr 2012 Disponível em <https://www.scielo.br/j/edreal/a/rXZF6DgbGRsjFDTvDFCD5YR/?format=html> Acesso em 13/03/2023.

“Às vezes chego a ter um sentimento de impotência por perceber que poderia fazer muito mais...”



Nasci em junho de 1973, na pequena e maravilhosa cidade de Aquiraz, litoral leste do estado do Ceará. Venho de uma família simples, sou a caçula de uma prole de 4 irmãos. Filha de professora, cresci no interior com poucas opções de lazer (além da praia, é claro). Recordo que me contentava em passar a noite assistindo as aulas que minha mãe ministrava no alpendre de nossa casa, à luz de um velho lampião movido a gás de cozinha (a energia elétrica ainda não havia chegado ao nosso sítio). Naquela época, aos quatro anos, eu já fazia minhas primeiras garatujas. Como sempre fui muito curiosa e tive o privilégio de crescer cercada por livros, passei de forma veloz para a fase alfabética. Esse

cenário contribuiu de forma significativa, não somente no aprendizado da leitura e escrita, mas principalmente na minha constituição enquanto sujeito, mulher, psicóloga, professora e apaixonada pela educação especial e inclusiva.

Aos cinco anos de idade, lendo convencionalmente, ingressei na escola pela 1ª vez, matriculada na classe de alfabetização. Foi um dos dias mais felizes da minha vida. Porém, o encanto foi quebrado quando percebi aquele universo diferente do meu, através da postura autoritária e grosseira da professora. A escola era muito tradicional, a metodologia aplicada em sala de aula era baseada apenas na exposição dos conteúdos, e que, nós alunos, éramos submissos a essa autoridade. “Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação...” (FREIRE, 2006, p.38).

Os castigos eram os mais cruéis possíveis, como por exemplo, ajoelhar-se sobre grãos, rezar aos pés de uma imagem (a escola não era laica). Naquela época, não só os professores, mas toda escola mantinha uma linha totalmente tradicional e abusiva, em que sua atuação consistia apenas na preparação intelectual e moral dos alunos, sem se preo-

cupar com os fatores sociais e afetivos.

Talvez a minha aproximação com as pessoas com deficiências tenha iniciado ainda na escola enquanto aluna. Era uma turma de 1ª série, havia na sala uma garota que tinha algumas dificuldades de socialização e de aprendizagem. A menina apresentava gagueira e se mantinha sempre isolada dos demais. Faltava empatia por parte dos colegas e da professora. Aos poucos fui me aproximando e conquistei sua amizade. Assim, ajudava nas suas atividades e tentava combater o bullying sofrido por ela, eram utilizadas terminologias como: “retardada”, “débil mental”, “doidinha”, dentre tantas outras mencionadas pelos colegas de classe. Aquilo me deixava incomodada e procurava neutralizar algumas situações.

O tempo passou rápido, no ano de 1988 minha família mudou-se para outra cidade. Já residindo na cidade de Maracanaú, fui matriculada na 8º série no Centro Educacional Gustavo Barroso, que pertencia à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CENEC). Era uma escola dinâmica e atrativa, mas foi um ano bem desafiador. Demorei a me adaptar, o professor de matemática tinha uma postura muito tradicional. Além do medo e do “bloqueio” em matemática que me perseguia (Seno, Co-seno, tangente, x' (x linha) e x'' (x 2 linhas), tudo era desafio!

No segundo grau (hoje ensino médio) optei pela modalidade profissionalizante (antigo pedagógico). Concluí o curso pedagógico no Colégio Municipal Liceu de Maracanaú, mas foi somente em 1994, que consegui o meu primeiro emprego como professora da rede pública de ensino (era terceirizada). Iniciei em uma turma de pré-escola (Jardim II), na extinta Escola de Ensino Fundamental Professor José Amorim Sobreira. Embora não tivesse nenhum vínculo empregatício, e os salários atrasassem bastante, aquela escola foi meu grande alicerce, pois me proporcionou além dos cursos de capacitações, muitas experiências exitosas.

No ano de 1998, fui aprovada em concurso público para o cargo de professor do Ensino Fundamental no município de Pacatuba/CE. A educação no Brasil passava por um processo de transição. As exigências da nova LDB (Lei de Diretrizes e Básicas da Educação), de capacitar professores leigos, era de caráter essencial. Portanto, no ano de 1998 ingressei no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

Chegando nos anos 2000, fui aprovada no vestibular da Universidade Federal do Ceará, onde tive a oportunidade de me graduar em Licenciatura Plena em Linguagens e

Códigos com habilitação em Língua Portuguesa /Língua Inglesa. A partir deste curso, transformei minha sala de aula em um espaço privilegiado de articulação das práticas de leitura, promovendo atividades que envolveram planejamento, produção escrita e reflexiva sobre o estudo da língua.

Entretanto, apesar de tantas experiências, o que realmente me aproximou da educação especial e inclusiva foi a experiência vivida em uma classe de aceleração no ano 2001. Eram salas numerosas com alunos fora da faixa etária, que não foram alfabetizados e vinham de um ciclo de repetência. “Para você, que enfrenta o problema da repetência, fique tranquilo. Esqueça aquela ideia de que seu filho é lento para aprender. Já existe um programa no MEC voltado para essas crianças: é o programa de Aceleração de Aprendizagem”. (CARDOSO,1997). Vale destacar que a maioria das crianças apresentava algum tipo de deficiência. Eram em média umas 12 crianças, que embora não tivessem laudo, ou qualquer tipo de acompanhamento, se tornava visível as limitações existentes. Posso dizer que esse foi o maior desafio da minha vida enquanto professora.

No ano de 2010 passei em 2º lugar no concurso público da rede municipal de ensino do município de Fortaleza (CE). Acreditava que, por se tratar de uma capital, os problemas e desafios seriam bem menores. Tinha a ilusão de que teria muito mais suporte e recursos que facilitariam meu fazer docente. Contudo, para minha frustração me deparei com a realidade: eu só havia mudado de instituição, mas o sistema era o mesmo.

Diante de tantas tentativas, entre sonhos e frustrações, ingressei no curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza, onde me formei no ano de 2015, e desde então tenho me dedicado aos estudos no campo da educação inclusiva. Fiz uma formação em Atendimento Educacional Especializado no Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Ceará – CREAECE.

Por aqui, já vivemos épocas melhores no campo da inclusão em anos anteriores. Convém ressaltar que fomos referência na implantação do AEE. Hoje, o meu sentimento é de indignação, vivemos um verdadeiro descaso. Falta uma política municipal que eleve a qualidade do atendimento, falta formação, faltam recursos, mas principalmente a valorização da educação inclusiva.

Desde a década de 80 (período de minha infância), no convívio com experiências pedagógicas, tenho observado atitudes de indiferença ou rejeição com crianças que apresentavam algum tipo de deficiência, ou dificuldades de aprendizagem por parte dos

profissionais da educação. Tais observações provocaram gradativamente uma busca de conhecimento que respondesse as minhas inquietações. Eram condutas diferenciadas fundamentadas numa concepção de mundo que refletia numa sociedade injusta e desigual.

Na prática, confio na utilização de recursos didáticos para que haja uma formação de aprendizagem na leitura e escrita, adequando atividades ao conhecimento já construído, ao conhecimento prévio, pois trabalhar com o real, com histórias, experiências de vida, lidar com essa diversidade exige maturidade, que adquirimos ao longo de nossa experiência profissional, questionando, refletindo sobre nossa prática e tomando decisões sobre determinadas situações que surgem ao longo dela.

Hoje, mesmo Psicóloga, Professora do Atendimento Educacional Especializado da Prefeitura Municipal de Fortaleza e mestranda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza, embora tenha trilhado caminhos em busca de conhecimento, vejo que ainda há muito o que percorrer. O meu conhecimento é tão pouco diante da diversidade e das subjetividades as quais me deparo no meu dia a dia. Às vezes chego a ter um sentimento de impotência por perceber que poderia fazer muito mais. Hoje, vivo um momento de transformação e de busca. A velocidade na aprendizagem se faz necessária, pois vivemos numa cultura na qual o conhecimento se transforma rapidamente. E sem dúvida, foi exercendo a profissão de professora, trabalhando com a inclusão, que encontrei o sentido de minha vida!

“Estou na educação especial por escolha...”



Josiane Melo Rocha
Campinas (SP)

Meu nome é Josiane Melo Rocha. Nasci no dia 26 de abril de 1989 na cidade de Montes Claros, norte de Minas Gerais. Sou filha de dona Nilza e seu Antônio. Quando ainda grávida, perto de dar à luz, minha mãe teve que se deslocar da comunidade onde viviam (e vivem até hoje) para a cidade onde nasci, devido às condições precárias de saúde pública, pois era a cidade mais próxima que tinha maternidade. Logo após meu nascimento, já no retorno para casa, conta minha mãe que ouviu no rádio o nome Josiane, então olhou para aquela “coisinha” pequenininha em seu colo e decidiu “ela vai se chamar Josiane”: essa é a história do meu nome.

Foi na Zona Rural, povoado de Tauá, que cresci e vivi até os 18 anos e nove meses; onde construí uma história de aspirações, sonhos e decepções. Durante minha infância não foi muito fácil, tinha que trabalhar na roça para ajudar meus pais, pois éramos muito pobres e faltava até mesmo comida.

O caminho percorrido na minha vida acadêmica iniciou aos cinco anos, quando fui convidada a participar das aulas, mesmo sem estar matriculada. Ildeu dos Reis Pinto, na época prefeito da cidade, me “presenteou” com um caderno e um lápis, o que me deixou muito feliz, pois no povoado em que eu morava a situação social econômica era muito precária. Meus pais não tinham poder econômico, não tinham condições de comprar nem mesmo material escolar. Então, com esse “presente” fui para a escola, mas devido ao fato de ter uma personalidade difícil, discuti com uma aluna e fui expulsa da escola. Na verdade, não era uma escola, era uma casa emprestada, onde duas mulheres da própria comunidade e que não tinham uma formação, ensinavam o pouco que sabiam para as crianças e os adolescentes.

O Ensino Fundamental teve início em 1996 na Escola Municipal Crisanto Pinto, Zona Rural (Povoado de Tauá) situado no município de Lontra (MG). Era uma escola pequena, com apenas duas salas. Devido a isso era necessário que funcionasse com turmas multisseriadas. Assim, o professor dava aulas para duas séries no mesmo período (na mesma

sala). Acredito que esse fato tenha, de certa forma, prejudicado a nossa formação. Não tínhamos acesso a nenhum meio tecnológico. Era tudo muito difícil, até mesmo para os professores, pois eles tinham que ir da cidade até a localidade de bicicleta (cerca de 14 km).

Durante a 1ª série, fui uma aluna muito dedicada, tinha facilidade de aprender. A minha dificuldade era para fazer a letra “F”. O meu professor se chamava Edivan, ele tinha que pegar na minha mão, até que aprendi. Na 2ª série, tive dois professores, o primeiro foi Carlos Chagas. Ele me mimava demais, isso fazia as minhas colegas terem raiva de mim. Devido a um problema de saúde, ele teve que sair de licença, então outro professor assumiu a turma. Este se chamava Anderson.

Cursei a 3ª série em 1998 com o professor Evanelson, foi um dos melhores anos durante todo o meu período escolar. Recordo de um fato que aconteceu neste período que talvez reflita hoje na minha escolha profissional. O fato ocorrido foi que um dia o professor não poderia ir dar aula e como não tinha um substituto ele deixou um texto com a interpretação para eu copiar no quadro negro para os demais alunos. O que é interessante nesta história é que, como eu era muito pequena, não alcançava no quadro, então tinha que subir em uma cadeira.

No ano de 1999 quando estava cursando a 4ª série, resolvi ir morar na cidade de Lontra. Então, mudei para a escola Estadual Simão da Costa Campos (Hoje E.E. Guimarães Rosa). Encontrei algumas dificuldades na adaptação, mas consegui concluir. Neste período tive três professores. O Primeiro Denilson (in memorian), depois Evaneide que me apelidou como “toquinho de amarrar jegue”, pelo fato de ser bem pequena. Já no final não recordo por qual motivo ela saiu, então outra professora assumiu a turma, chamava-se Janine.

A 5ª série inicia no ano 2000. Na Escola Estadual Simão da Costa Campos. Este foi um ano escolar muito ruim. O aproveitamento foi péssimo. Este foi ano de eleições municipais e o então prefeito em exercício não foi reeleito, depois disso se já era ruim a questão na área de educação, piorou, pois ele parou com o transporte escolar. E quem dependia do mesmo, como eu, ficou sem estudar.

Em 2001, pretendia cursar a 6ª série na mesma escola, mas por questões burocráticas não consegui renovar minha matrícula. Fui então transferida para a escola Municipal Maria de Lourdes Gomes. Lá fiz novos colegas e permaneci durante todo o restante do ensino fundamental. Em abril de 2001 participei de um desfile na comemoração do 9º ani-

versário da cidade. Desfilei no bloco das profissões, onde fantasiei de dentista, pois este era meu sonho profissional.

A 7ª série, até o mês de outubro, cursei no período da manhã, mas tinha que trabalhar, então pedi transferência para o período da noite, mesmo com apenas 13 anos de idade. Nesta série eu adorava matemática e tinha muita facilidade em aprender os conteúdos dessa disciplina. Em 2003, já na 8ª série, continuei no período noturno. Era uma turma significativa, com um número considerável de alunos. A primeira turma que concluía o ensino fundamental nesta escola.

O Ensino Médio foi na Escola Municipal Maria de Lourdes Gomes, também uma escola do ensino fundamental II (na época 5ª a 8ª série, hoje 6º ao 9º ano). Por isso retornei para a escola Estadual (a mesma que cursei 4ª e 5ª série), para cursar o 1º ano do ensino médio. Na grade curricular continha as seguintes disciplinas: Língua portuguesa, Matemática, História, Geografia, Física, Química, Biologia, Artes, Inglês e Literatura (posteriormente entendi que naquele período histórico não era oferecido às disciplinas de Sociologia e Filosofia).

Em 2005, no 2º ano do ensino médio, comecei estudar um mês atrasado, devido à falta de transporte, pois residia na zona rural. No final do mês de março, surgiu a oportunidade de trabalhar em um programa de alfabetização de jovens e adultos “Cidadão Nota 10”. Para realizar este trabalho tive que fazer uma capacitação. Devido a isso, como eu ainda não tinha todos os documentos (só certidão de nascimento), tive que providenciá-los, o que resultou em muitos problemas com relação a minha mãe (mas isso não importa agora). Comecei a trabalhar em abril, com uma turma de 20 alunos. Foi uma experiência riquíssima, aprendi muito com meus alunos e ensinei também. O que foi mais interessante de tudo isso foi a oportunidade que tive de ensinar a minha avó a escrever o nome dela, que até então ela não sabia. Isso a deixou muito feliz, pois com 76 anos de idade ela nunca tinha assinado o próprio nome. Sempre que precisava assinar algum documento ela utilizava a digital (o dedão). Ensinei não só a minha avó, mas também outros alunos que encontrava na mesma situação.

Neste mesmo ano, devido aos problemas que tive com minha mãe, em agosto saí de casa e fui morar com meu namorado. Passei a assumir o papel de esposa (dona de casa), mesmo com as dificuldades, algumas barreiras encontradas, prossegui na minha caminhada em busca dos meus objetivos. Em 2006, cheguei à reta final do ensino médio.

Conclui esta etapa e participei da colação de grau.

Depois de concluir o ensino médio, fiquei acomodada. Não tentei fazer nenhum curso. Em 2008, tomei uma decisão: “vou para cidade tentar um curso, ter uma profissão”. E assim como “o pequeno príncipe” sai da minha zona de conforto, em busca dos meus objetivos. Então, surgiu a oportunidade de ir para Belo Horizonte. No dia 17 de janeiro de 2008, desembarquei em BH. No dia seguinte, comecei a trabalhar. Muito empolgada, pensei que iria conseguir pagar um curso (não tinha noção de como era morar em uma cidade grande). Eu, na minha ingenuidade, não sabia que havia um longo caminho a ser percorrido e que enfrentaria muitas batalhas.

Em abril, de volta às salas de aulas, iniciei um cursinho de pré-vestibular com foco no Enem. Em agosto chegou a tão esperada prova, fui péssima e não consegui a média que necessitava para concorrer às bolsas. Em 2009, me acomodei novamente. Só trabalhei, não tentei nada referente aos meus objetivos (trabalhava de empregada doméstica). Em 2010, fiz um curso técnico em administração, mas não soube aproveitá-lo. Continuei trabalhando de empregada doméstica. Em outubro de 2011 resolvi fazer o PEP (Programa de ensino Profissionalizante), então consegui uma nota razoável. Escolhi fazer um curso de técnico em enfermagem. Em novembro deste mesmo ano, fiz o Enem novamente, sem nenhuma perspectiva (não tinha me preparado). Ao ver o resultado percebi que poderia tentar uma bolsa. Mas como viajei para o interior, me isolei um pouco e perdi as inscrições da 1ª chamada no Prouni. Em fevereiro de 2012, comecei o curso técnico em enfermagem. Em julho a oportunidade aparece, após me inscrever na segunda chamada do Prouni. Consegui bolsa de 100% - 1ª opção Administração 2ª opção Pedagogia: como escolher? Analisei, refleti, procurei informações, enfim decidi “Pedagogia”. Essa decisão foi tomada de acordo com a área de atuação, pois a intenção era retornar para interior, assim, como pedagoga eu teria campo para atuar, o que não seria o caso da Administração.

Ingressei no curso de Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PucMinas) no segundo semestre de 2012. Foi um desafio e tanto, não tinha noção nenhuma do que encontraria, pois até aquele momento nunca tinha ao menos pisado dentro de uma faculdade. Cheia de expectativas e sonhos, dediquei-me ao máximo. Tive que organizar meus horários, pois tinha uma jornada tripla (curso técnico de manhã, trabalho à tarde, faculdade à noite e estágio aos domingos). Não foi nada fácil. No 1º semestre de 2013, decidi trancar o curso técnico e me dedicar a Pedagogia, pois não aguentava mais

aquela rotina, estava completamente cansada e não adiantaria fazer dois cursos malfeitos, melhor focar em um deles.

Como a grade curricular do meu curso oferecia um aprofundamento, no 5º período tive que fazer a escolha dentre as três opções: Aprofundamento em Educação Infantil, aprofundamento em Necessidades Educacionais Especiais (NEE) ou Ensino Religioso. Optei pelo aprofundamento em NEE. Não sabia se iria gostar, mas senti que era aquela linha que gostaria de seguir. Com esse direcionamento e com os estudos das disciplinas desta temática comecei os meus primeiros contatos com o público-alvo da educação especial.

No final do 5º período, engravidei e já no início do 7º período meu filho nasceu. Conciliar a maternidade e os estudos foi um desafio enorme. Pensei em desistir, em trancar a matrícula, porém, persisti.

Em 2016, concluí minha graduação e logo em seguida comecei a trabalhar como Professora de Apoio à Comunicação, Linguagem e Tecnologia Assistiva (ACLTA) na rede estadual de ensino de Minas Gerais. Permaneci com essa função até final de 2020. Foram muitos desafios e muito aprendizado. A cada demanda era sempre notório que a graduação não era suficiente para atender tamanha diversidade, e assim buscamos nos aprofundar através de cursos específicos, leituras e reflexões sobre a prática.

Em 2019, prestei concurso para professor de educação especial para a cidade de Campinas SP, sem grandes expectativas. Todavia, consegui a pontuação necessária para a classificação. Em 2021 fui nomeada e aceitei mais este desafio: junto a prefeitura de Campinas construir uma educação inclusiva. Aqui estou, como professora de educação especial no contexto escolar, no qual atuo como articuladora dos processos inclusivos. E a cada dia percebo a necessidade de estarmos sempre atualizados e buscar aperfeiçoamento, pois as demandas são cada vez mais complexas.

Nesse breve relato, busquei apresentar a minha trajetória com o objetivo de compreender como foi o processo e o que me conduziu para a área da educação. De fato, foi um longo caminho percorrido, com expectativas e mudanças de rumos até que conheci a Educação Especial. Ao iniciar a Pedagogia, minha pretensão era o retorno para o interior; hoje, encontro-me mais distante desse desejo. Estou na educação especial por escolha, e realmente sei que posso aprender e contribuir muito nesta área. Continuarei estudando, aprofundando e atualizando.

“O cérebro humano e suas complexidades sempre despertaram em mim uma aguçada curiosidade...”



Karen Peixoto Lopes Silva
Florianópolis (SC)

Sou Carioca, nascida em 24 de março de 1977, filha de uma descendente de Italiano com um descendente de índio com negro, uma mistura bem brasileira. Não tive o privilégio de conviver muito com o meu pai, pois ele morreu aos 29 anos de idade, quando eu tinha apenas 6 anos, mas meus pais não viviam juntos. Aos 11 anos de idade, fui morar definitivamente com minha avó paterna, que dividia a minha “guarda” com a avó materna. Passei a ser vigiada e cuidada por uma “aldeia”, onde cada um teve sua participação na minha construção de vida, de forma direta ou indireta.

Minha avó materna, que hoje tem 87 anos, se casou aos 16 anos de idade com um descendente de Italiano. Em um momento da vida, ele a abandonou com todos os 6 filhos que tinham. Sem outra alternativa, minha avó mandou as 3 meninas (inclusive minha mãe) para um colégio interno, e os outros 3 filhos foram distribuídos por famílias conhecidas. Nessa época, minha avó conta que conseguiu um emprego de polícia feminina para se sustentar, e, aos finais de semana, ia visitar as meninas no colégio interno. Depois, minha avó teve a oportunidade de estudar enfermagem e posteriormente conseguiu trabalhar em um hospital psiquiátrico do Estado do Rio de Janeiro, como enfermeira. Algumas vezes, eu precisava ir com ela para esse trabalho, não tinha quem ficasse comigo. Minha avó, já tinha o diagnóstico de uma filha com esquizofrenia, então acredito que foi o início dos meus questionamentos quanto às deficiências e transtornos, de uma forma muito inocente, é claro.

Minha avó paterna, hoje com 95 anos, veio da roça de café, plantava, colhia e torrava café. Ela também se casou muito cedo e teve 7 filhos com meu avô. Dos 7 filhos, 2 morreram, sendo meu pai de Pneumonia Aguda e meu tio, de Toxoplasmose. Dos 5 que ainda estão vivos, 3 são deficientes visuais com uma doença degenerativa chamada Síndrome de Usher, com perda total da visão e da audição, e, na mesma família, há um primo com Trissomia do Cromossomo 21 (Síndrome de Down).

Não teria como falar do meu “hoje”, sem falar da “minha aldeia” e minha família, que é meu marido. Sou casada desde 1998, com um homem que sempre percebeu meu olhar singular para com cada pessoa.

Em 2003, aos 26 anos, tive a oportunidade de iniciar a minha primeira faculdade de fisioterapia em uma entidade filantrópica do Rio de Janeiro, onde, no período matutino e vespertino, era um centro de filantropia, e à noite, a faculdade. Eram pouquíssimas vagas para estudar ali. Mas não consegui seguir a diante. Passei pela música (canto); artes; beleza e gastronomia, e todas as áreas fazem parte da minha vida até hoje. Porém, em 2018, comecei a observar os sinais que a vida foi me trazendo até aquele momento, e fui fazer Bacharel em Psicopedagogia, pois sempre tive a habilidade de lidar com as dificuldades muito pontuais do ser humano, com muita escuta e paciência para explicar aquilo que muitos não queriam ou não tinham paciência para explicar. O cérebro humano e suas complexidades sempre despertaram em mim uma aguçada curiosidade.

Ao entrar na Psicopedagogia, descobri um “Mundo”, um universo cheio de possibilidades para trabalhar de uma forma muito peculiar, que é a singularidade do ser humano. Descobri como a Neurociências pode, e muito, agregar neste trabalho e fiz pós-graduação em Neuroeducação, além de diversos cursos dentro da educação inclusiva. Atualmente faço uma Pós-Graduação em Educação Especial e Inclusiva, estou terminando Pedagogia e o curso de Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Por diversas vezes, pude entender o quanto eu já estava inserida em um contexto de inclusão e psique desde criança. Hoje, aos 45 anos de idade, não me vejo longe dessa aprendizagem contínua e percebo o meu lugar de ponte, mediadora, abrindo possibilidades onde outrora muitos foram desmotivados ou desacreditados, e percebo o quanto minha “Aldeia” e família me ajudou até aqui.

“Olhar para a condição dos meus alunos com uma lente mais apurada...”



Nasci em Minas Gerais, no dia 3 de outubro de 1990, em uma cidade do interior chamada Cataguases. Desde muito pequena tive a oportunidade de estar rodeada pela natureza, pois minha família possui um sítio na zona rural do município. Eu adorava observar o trabalho das formigas, jogar milho para as galinhas, brincar com os cachorros, visitar as vacas e os bezerros no curral e passear com o cavalo. Com meus primos e meu irmão, fazíamos buracos na areia para depois criar pequenos lagos para lavar os pés ou para criar lindos quitutes de terra molhada enfeitados com flores, folhas, frutinhas, pedrinhas e uma pitada de areia branca fininha passada na peneira. Graças a esses momentos

preciosos, pude construir, desde a infância, um laço de admiração e respeito pelo meio ambiente.

Na escola, as aulas de Ciências/Biologia sempre eram as mais esperadas. Gostava de estudar o reino animal, as plantas e entender sobre o corpo humano. Além disso, tive bons professores que me fizeram admirar ainda mais o gosto pelo estudo da vida. Para decidir a profissão, não foi fácil. Pensei em veterinária, farmácia e biologia, uma escolha muito difícil para uma adolescente de 17 anos. Após muito pensar, decidi que seria biologia e que eu iria me especializar na área de botânica. No ano de 2008 fiz meu primeiro vestibular, mas não consegui ser aprovada na segunda fase, o que me deixou decepcionada na época.

Em 2009, deixei minha cidade natal para fazer um curso pré-vestibular em Juiz de Fora. Foi um ano de grandes mudanças e muitos desafios! Eu me sentia solitária em uma cidade grande e a saudade da família era diária. No entanto, todo o esforço valeu a pena, pois em 2010 consegui a tão esperada aprovação e iniciei a faculdade de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

A oportunidade de estudar em uma universidade pública me apresentou um novo

universo de experiências, cultura e conhecimentos. No início da faculdade, fiz amizades que me acompanham até hoje e iniciei meu primeiro contato com a pesquisa ao estagiar no laboratório de comportamento animal. Meu primeiro contato foi com um animal não muito simpático para as pessoas, o marimbondo. Passava duas horas observando esses insetos presos dentro de potinhos plásticos e anotava todas as suas ações. Às vezes, na hora de alimentá-los, acontecia de algum escapar e era uma operação complexa para capturar o bicho sem sofrer um ataque. Com o tempo, percebi que essa tarefa não era muito compatível comigo.

Em 2011, consegui uma bolsa de iniciação científica no Herbário CESJ da UFJF e fui trabalhar com a informatização dos dados dos espécimes da família Melastomataceae (família das quaresmeiras) depositados na coleção da universidade. Todos os exemplares desse grupo vegetal passaram pela minha mão e eu pude conhecer cada um deles. Havia coletas de diferentes regiões do Brasil: Amazonas, Bahia, norte de Minas, Paraná, Espírito Santo, Rio de Janeiro. Cada plantinha ali prensada tinha uma pequena história em uma ficha de papel que dizia o nome do coletor, a data, o local de coleta e as características do vegetal e do ambiente em que foi encontrado. Com isso, fui me encantando por essa família botânica e a sua diversidade. Na época havia uma professora substituta (Berê), que era especialista em Melastomataceae e assim foi fácil conseguir uma orientadora para o meu trabalho de conclusão de curso e que já serviu de base para iniciar o mestrado.

Durante o período que passei no herbário, pude realizar algumas expedições em uma região maravilhosa chamada de Serra Negra da Mantiqueira. Eram dias cansativos, de muitas caminhadas e subidas sob o sol e até sob a chuva, mas cada ida ao campo valeu a pena. Conheci ambientes maravilhosos que nunca havia visto antes, solos de quartzito que pareciam com sal grosso, cachoeiras com água cor de Coca-Cola e uma vegetação totalmente adaptada e, muitas vezes, exclusiva daquela região. Ao desbravar essas paisagens me sentia novamente a criança observadora e encantada pela natureza.

Após defender meu mestrado em 2016, não quis seguir diretamente para um doutorado, pois estava bastante cansada e ainda sem muita certeza se a carreira acadêmica de fato era a minha real vontade. Além disso, já tinha o desejo de ter um trabalho e conseguir minha independência financeira. E foi dessa forma que resolvi experimentar o mundo da educação. Comecei esse novo ciclo em três instituições diferentes: seis aulas na rede estadual, monitoria em uma escola particular e aulas uma vez na semana em um cursinho

preparatório para o Enem. Cada realidade escolar me trouxe aprendizagens únicas e eu pude concluir que eu também gostava de ser educadora, especialmente da rede pública.

Em 2017, fui convocada para um concurso antigo que havia prestado para um cargo administrativo no Hospital Universitário (HU). Nessa época estava dando aulas no sul de Minas duas vezes na semana e essa rotina de viagem estava bem cansativa. Assim, optei pelo cargo público no HU a fim de ter mais estabilidade e uma jornada de trabalho menos exaustiva. Esse período na administração pública foi importante para descansar e notar que estava como peixe fora d'água, pois o que eu gostava mesmo era de atuar na educação. Nesse mesmo ano, o governo de Minas Gerais abriu um concurso para professores e eu mais do que depressa me inscrevi e optei pelas vagas da minha cidade de origem e que no final, descobri ser apenas uma única vaga para mais de 40 pessoas. A prova foi longa, cansativa e cheia de detalhes minuciosos que causavam indecisão. Saí do local de prova sem saber se meu resultado seria bom o bastante e não alimentei expectativas, pois era apenas uma única vaga. Eis que no dia do resultado, uma surpresa, eu estava em primeiro lugar!

Fui nomeada em novembro de 2018 como professora de educação básica da rede estadual de Minas Gerais. Assumi meu cargo em uma escola que eu nem sabia que existia na minha cidade, situada em um bairro de periferia, no alto de um morro. É uma escola pequena que atende alunos dos anos finais e iniciais do ensino fundamental. Cheguei já no final do ano letivo e caí de paraquedas assumindo todas as turmas de sexto ao nono anos. A princípio houve estranhamento entre mim e os alunos e com muita frequência eu chegava exausta em casa e pensando se havia feito a escolha certa. Mas com o tempo fui me adaptando aos alunos e conhecendo suas histórias, muitas inclusive difíceis. Recebi também o acolhimento de todos da equipe escolar e alguns colegas de trabalho viraram amigos que muito me ensinaram a lidar com as turmas. Percebi que a escola era muitas das vezes o refúgio para alguns alunos, um local onde eles eram ouvidos, valorizados, instruídos e acolhidos. Isso me fez perceber o poder transformador da educação e o quanto é importante a minha profissão na formação dos estudantes como indivíduos e cidadãos. Como sou a única professora de Ciências, dou aula para todos os alunos do fundamental 2 e isso me permite conviver quatro anos com cada turma, o que me possibilita conhecer cada aluno e criar uma relação de respeito e diálogo com eles.

Com o retorno das aulas presenciais, foi notório o déficit de aprendizagem dos es-

tudantes e, no ano de 2022 e agora também neste ano, nossa escola recebeu um número maior de alunos com deficiência intelectual, alguns inclusive vindos de instituições voltadas para a educação especial (APAE). Diante disso, notei que esses alunos chegaram ao ensino fundamental 2 analfabetos ou semianalfabetos e lidar com essa realidade foi um enorme desafio para todos nós na escola. A grande maioria dos professores não possui formação em AEE e nem sequer recebemos capacitação durante nossa licenciatura para atuar com alunos com necessidades especiais. Além disso, muitas vezes e por motivos diversos, as famílias não conseguem obter o laudo médico que comprova a necessidade da criança/adolescente de ter um professor de apoio pedagógico. Assim, cabe a nós, professores, lidar sozinhos com essas diferentes demandas dentro da sala de aula.

Como educadora essa situação me gerou muito desconforto, pois para mim era impossível dar uma aula para a maioria, sabendo que alguns alunos estavam sem condições de aprender juntamente com os demais e passando pela escola como meros copistas. O que eu buscava fazer era levar atividades adaptadas do meu conteúdo, mas selecionando tarefas mais simples dos anos iniciais do ensino fundamental. Dessa forma, o aluno poderia lidar menos com textos e escrita e trabalharia mais tarefas com coloridos, figuras e opções de marcar “x” ou de circular e ligar. É uma tarefa bastante cansativa e que sobrecarrega o professor regente, uma vez que esses alunos precisam de atenção constante para explicar o comando das atividades. Alguns inclusive são bastante dedicados e pedem por mais tarefas e querem nossa correção no momento da aula. Com isso, é preciso dar conta de atender a demanda do conteúdo para a maioria da turma, bem como ter brechas para auxiliar os alunos com atividades adaptadas.

No ano passado, descobri pelas redes sociais que a UFJF estava com inscrições abertas para o curso de aprofundamento em atendimento educacional especializado. Pensei que essa seria a oportunidade para poder aprender um pouco mais sobre como proceder com as situações da minha realidade escolar e oferecer para os meus alunos um suporte mais especializado e com maior compreensão das suas necessidades. Na época, vinha fazendo as adaptações dentro daquilo que pensava que poderia ajudar o processo educacional do indivíduo, mas fazia apenas com a experiência cotidiana e trocando ideias com os colegas de trabalho e com algumas professoras de apoio pedagógico. O curso de aperfeiçoamento em AEE me permitiu olhar para a condição dos meus alunos com uma lente mais apurada e aprender recursos e estratégias pedagógicas voltadas para os

diferentes tipos de deficiência. Atualmente, me sinto mais amparada pelos novos conhecimentos adquiridos e fico feliz por saber que alguns temas como considerar as múltiplas formas de inteligência e as diversas metodologias de avaliação são informações trazidas pelo curso e que vieram para reforçar aquilo que eu já buscava colocar em prática na sala de aula, não apenas com os alunos com deficiência, mas com todos os demais.

“Tive contato com um mundo novo, que eu ignorava...”



Aline Emília da
Silveira Mesquita
Hortolândia (SP)

Durante toda a minha infância sempre tive uma admiração muito grande por todas as minhas professoras. Ficava encantada com o amor e dedicação de cada uma delas. Foi então que, anos mais tarde, me vi fazendo Letras e me preparando para estar numa sala de aula.

No ano de 2020, por causa da pandemia, tivemos que usar máscaras para nos proteger. Isso mudou minha vida. Percebi que sem ver a boca das pessoas não conseguia compreendê-las. Passei várias situações em que não conseguia prosseguir com as conversas e pensava que as pessoas falavam muito baixo. Assim, passaram os meses e as aulas voltaram e todos dentro

da escola usando máscaras. A situação piorou. Eu não conseguia ouvir os alunos e não podia pedir para que tirassem as máscaras. Comecei a dar aulas mais expositivas para não precisar pedir que os alunos participassem tanto. Meu trabalho estava sendo prejudicado e eu não sabia o que fazer.

Procurei um otorrino para ver o que estava acontecendo, afinal minha mãe sempre me chamava de “surda” quando eu não ouvia o que ela dizia. Depois da audiometria, foi constatado que eu tenho otosclerose e já perdi 50% da audição. O otorrino com quem me consultei queria de imediato marcar uma cirurgia, mas não senti segurança. Conversamos sobre aparelhos auditivos pelo SUS e ele disse que demorará bastante tempo até que eu consiga e, por isso, seria melhor operar. Eu preferi aguardar pelos aparelhos.

Desde então, comecei a pesquisar sobre deficiência auditiva, me interessei em saber como é a vida dos surdos, suas lutas, dificuldades e direitos. Tive contato com um mundo novo, que eu ignorava. Na escola em que trabalho temos alunos surdos e eu comecei a me interessar pela história deles, em saber como era a questão da inclusão deles na escola.

Comecei a procurar cursos de AEE, porque quero me tornar uma professora capacitada para colaborar na área da Educação Especial. Estou começando a aprender Libras, me preparando para quando tiver que atender alunos surdos eu esteja apta para colaborar no processo de ensino aprendizagem deles.

Hoje, começo a entender um pouco mais sobre a educação especial, inclusão social e a adaptação dos alunos deficientes na escola. Terminei o curso de pedagogia e quero continuar estudando e me capacitando para ser uma profissional melhor.

“Tive a certeza de que ser professora era o maior objetivo da minha vida...”



Nasci no dia 12 de julho de 1978, na cidade de Tanquinho. Sou filha de José Luiz Cordeiro de Brito e Vilma Lima de Brito, moradores de um pequeno sítio situado na zona rural dessa cidade. Tive uma infância cercada dos três elementos essenciais à alma humana: a natureza, a fé e a família. E assim como Cecília Meireles, “a minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão”. O beija-flor na janela do quarto, os animais andando pelo terreiro e os dias compridos que me convidavam a meditar em meio às terras sem fim e que, ao longe, me faziam avistar a casa da vovó Elpídia.

Em 1984, iniciei meus estudos no ensino regular. Lembro-me que ao chegar à escola, fui elogiada pela professora Lindaura, pois, aos seis anos de idade, já sabia ler e escrever. Isso só aconteceu porque eu sempre fui muito curiosa e, desde os quatro anos, andava com lápis e papel pelos cantos da sala insistindo para minha mãe me ensinar a ler e escrever. Ela não usava livros, apenas um ABC que, aos poucos, foi sendo substituído por jornais e revistas velhas que tínhamos em casa. Ali foi minha primeira agência de letramento.

Meus pais me matricularam na Escola Municipal Cândido Mota, onde estudei até a 4ª série. Era tudo muito simples, a professora só tinha estudado até a 4ª série, não havia porteiro, merendeira, etc. Era a mestra que exercia todos os ofícios para o bom funcionamento da escola, e, além disso, naquela época, o governo não se responsabilizava pelos livros, tínhamos que comprar todo o material a ser utilizado. A classe era multisseriada, havia entre 40 e 50 alunos de níveis diferentes, era muito difícil, mas a professora sempre agrupava todos por série e assim ia ficando mais fácil de trabalhar.

Um fato curioso que marcou minha infância era a escrita de cartas solicitadas por D. Lia, uma senhora doce, amável e muito carinhosa, que trabalhava em nossa casa. Sentia-me tão importante dando vida às suas falas e tinha o cuidado de mostrar a carta para

minha mãe consertar os erros e sair impecável. Imaginava em minhas fantasias quais emoções sentiriam os filhos de D. Lia ao ler a carta da mãe falando da seca, da morte dos animais, da chuva, da colheita, dos falecidos e dos nascidos. Era uma alegria construir a partir da sua oralidade um texto escrito com pinceladas de poesia.

Ao concluir a 4ª série, meu pai comprou uma casinha na cidade mais próxima, ele não queria que eu e minha irmã parássemos de estudar, e nos mudamos no mesmo ano. Fiquei tão feliz, sempre sonhei em morar na cidade para poder dar continuidade aos estudos.

De 1989 a 1997, estudei numa escola pública da 5ª série ao 3º ano. No começo senti dificuldades, pois vim de uma escola pequena, com colegas que tinham quase a mesma faixa etária, e passei a me deparar com um colégio grande, onde muitos alunos só iam para a escola pela fome de comida e não pela fome de saber. Isso me deixou muito frustrada, pois até meus colegas eram diferentes, eu tinha 11 anos na 5ª série enquanto os outros discentes tinham entre 13 e 17 anos. Minha mãe ouvira da gestora na época que não era conveniente me matricular juntamente com os alunos que fizeram o ensino primário naquela unidade, pois eu não os acompanharia, logo eu deveria estudar à tarde com os repetentes.

No decorrer do tempo, fui me soltando, e ao invés de ficar conversando com as pessoas sobre coisas que eu não entendia, como elas falavam: “coisas de adulto”, diante dessas situações, eu ia para a biblioteca ler e estudar em outros livros os conteúdos abordados em sala de aula e ler os livros de literatura juvenil. Em diversos momentos, fui chamada de louca pelos meus colegas, ninguém entendia o porquê de eu procurar justamente a biblioteca para ficar ali sozinha.

Apesar de não ter encontrado nessa fase muitos professores que tivessem formação superior, sentia, em cada um, um esforço muito grande para contribuir com a nossa formação da melhor forma possível.

Na última série do ensino médio, tive uma professora de Sociologia que contribuiu muito para que pudesse analisar os fatos de uma forma mais crítica. Foi apenas nessa disciplina que tive a consciência do que era o “coletivo”. Até então, minha preocupação girava em torno dos meus objetivos, das minhas ambições, do meu eu. Só depois de conhecer a professora Ana Cléria que percebi o homem enquanto indivíduo social e político. E foi nesse mesmo ano que tive a certeza de que ser professora era o maior objetivo da minha vida. Conheci nesse mesmo período uma professora de Língua Portuguesa e Literatura que

fora decisiva para que eu escolhesse ser professora de Língua Portuguesa. Lembro que ela sempre dizia que quando a gente ensina continua vivendo na pessoa que foi ensinada. Nunca soubera que essa frase não era dela, mas sim de Rubem Alves. A cada aula que tínhamos, eu ia ficando fascinada com cada descoberta. Ela falava de cada autor: Drummond, Quintana, Machado, Cecília, Clarice como se os conhecesse, a intimidade era tanta que os que eu ainda não tinha lido, ficava curiosa para ler, queria ter o mesmo deleite e o mesmo fascínio da professora Marluce. E a biblioteca, mais uma vez, era o local que eu mais frequentava na escola.

No meio do ano de 1996, fazendo o Curso de Magistério, fui escolhida unanimemente pelos professores para substituir uma professora da 4ª série do ensino fundamental do colégio que eu estudava, esse seria o meu estágio, porém seria remunerado, diferente do estágio dos meus colegas.

Ao saber que seria eu, a direção da escola ficou receosa, pois achava que os alunos não iriam me obedecer, já que havia muitas queixas por parte da professora que os ensinava. Foi nesse momento que procurei a direção e pedi que me desse uma chance. Eu queria apenas uma semana para saber se devia ou não continuar.

Para começar, fui recebida no 1º dia de aula com uma vela preta e um prato de farofa de dendê e um frango no meio. A sala estava com as luzes apagadas, não havia alunos, apenas o prato no centro da sala. Apaguei a vela, acendi a luz e sentei à mesa esperando a chegada dos alunos, que se escondiam atrás de um comungol para rirem da reação. Convidei-os a entrar e comecei com uma dinâmica de apresentação e comecei a aula como se nada tivesse ocorrido. No decorrer dos dias, muitos incidentes ocorreram, mas fui administrando e tudo terminou muito bem. Descobri que “as feras” como a direção os chamavam, eram apenas pessoas carentes, marginalizadas e desmotivadas com a vida pessoal e escolar. “As feras” foram se revelando ótimos alunos, produziram textos, desenvolveram a oralidade, aprenderam as quatro operações, que para a série era uma competência fundamental. Quando meu contrato venceu, todos os alunos foram à direção pedir para que eu não saísse. Como o contrato não poderia ser postergado resolvi fazer uma surpresa para a turma e nesse dia com tantas emoções e homenagens, tive a certeza que ali e naquele momento nascera uma educadora. Depois desse fato, decidi que iria prestar vestibular para Letras, não poderia ser outro curso. Passei no vestibular e logo na primeira semana comecei a perceber que a estrutura organizacional das aulas, matrícula, etc, eram muito

diferentes da escola. Isso me deixou confusa, pois era algo novo.

Consegui concluir o curso nos quatro anos e desde o 2º semestre já trabalhava em sala de aula: No ano de 1999, trabalhava como professora de quarta série numa escola particular da cidade. No ano seguinte, fui aprovada no Concurso Público da Prefeitura Municipal de Coração de Maria onde lecionava a disciplina de Língua Portuguesa para turmas da quinta a oitava séries no turno oposto ao da Universidade.

No ano de 2001, mesmo trabalhando na referida cidade, fui selecionada pela Fundação Banco do Brasil a ser alfabetizadora do Programa de alfabetização de Jovens e Adultos B.B Educar, lecionava para estes numa sala de uma igreja numa comunidade carente da cidade. Nos anos 2002 e 2003 lecionei como professora de Língua Portuguesa e Metodologia da Língua Portuguesa para turmas de uma Escola Estadual na cidade de Itatim e também trabalhava na formação de professores na cidade de Serra Preta, sob a coordenação da professora Wilma Simões. E logo em seguida, conheci a professora Nadja Maciel e sob suas orientações na Trilha Assessoria Pedagógica trabalhei com a formação de professores em diversos municípios baianos. Oportunidade que além de aprendizagem profissional, também foi também uma oportunidade de aprendizagem humana. No ano seguinte, fiz seleção para uma escola particular de grande porte da cidade e fui contratada para lecionar Língua Portuguesa e Redação para turmas da sexta ao primeiro ano do Ensino Médio. No mesmo ano fui aprovada e convocada pela Secretaria de Educação do Estado para lecionar Língua Portuguesa. Atuava nesse período pela manhã na Escola Castro Alves e à tarde numa escola da rede pública estadual. Logo transcorrido seis meses de empossada, fui convocada pela Secretaria de Educação para assumir mais 20 horas numa escola do campo, onde atuo até hoje e que tanto amo. Em 2008 fui convocada pela Prefeitura Municipal de Feira de Santana a assumir mais 20 horas referente ao Concurso realizado no ano anterior, logo para tal, foi necessário pedir demissão da rede privada. Atualmente, leciono nas redes municipal e estadual desta cidade.

Fiz uma Especialização em Política do Planejamento Pedagógico: Currículo, Didática e Avaliação pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB concluindo o curso no ano de 2005, e fiz outro curso de Especialização na área de Estudos Linguísticos pela UEFS, sendo a mesma concluída no ano de 2007. Na época, fui convidada pela professora doutora Rita Queiroz, orientadora da monografia a publicar um artigo científico na revista Scripta Philologica da UEFS, cujo título foi Análise Ortográfica em Textos Escolares. Ainda no ano

de 2011 tive um texto publicado com o título “Uma Pequena Professora” que fazia parte do Concurso Meus Tempos de Escola no Canal Futura.

No decorrer dos anos, fiz diversos cursos na área de educação especial e na área de Linguagem. Fiz parte nesse período de diversas formações e de 2008 até 2012 tive 3 filhos que é a razão do meu viver. Eles são minha força e por eles luto para ter e oferecer dignidade e melhores oportunidades de vida. Atualmente, finalizei o curso em AEE pela Universidade Federal de Juiz de Fora devido à necessidade de aprimoramento para contribuir com a formação de estudantes nas unidades de ensino.

Meu sonho hoje é me aposentar com saúde física e mental para ter mais tempo para o pilates, para a família, fazer mais musculação, ler mais, assistir a mais filmes, cuidar mais do corpo e da alma.

“Não me vejo parando por aqui...”



Sou Ângela, conhecida como Angel pelos amigos, colegas, família e alunos. Tenho 49 anos e moro em Brasília desde que nasci. Gosto muito da minha cidade, pois somos um misto de todos os outros estados do nosso país e a arquitetura é lindíssima.

Tenho uma filha chamada Mariana e ela está com 22 anos de idade. É meu orgulho! Uma mulher linda, humilde, solícita, de uma expertise única. Acabou de se formar em Tradução - Francês pela Universidade de Brasília e trabalha como Linguista. Já fez alguns intercâmbios, sendo o último deles na Turquia, trabalhando com os refugiados da Síria como professora de inglês. Hoje ela está morando e trabalhando em Londres

e está se preparando para o mestrado. Sou coruja ao extremo!

Sempre fui sorridente, até mesmo nas horas mais tristes conseguia tirar um leve sorriso no canto da boca. As pessoas sempre me taxaram de animada, feliz e alto astral. Isso fez com que uma amiga da faculdade que possui TDAH e esquecia os nomes das pessoas me apelidasse de “garota feliz”. Era bom ouvi-la me chamando assim!

Sou de uma família simples e de origem humilde. Meus pais nasceram em Raul Soares, município de Minas Gerais, no leste mineiro, onde os recursos eram escassos para as famílias daquela época, pois trabalhavam para os fazendeiros da região nas plantações de café e viviam com o pouco que ganhavam, mas sei, pelas histórias contadas por eles e meus avós, que eram felizes.

Meu pai se chama Geraldo, tem 77 anos e está aposentado; ao sair da roça veio para Brasília para servir o exército no final dos anos 60. Minha mãe, Elza, tinha 16 anos quando trocavam cartas de amor que levou ao noivado e logo após o casamento. Fizeram o casamento na roça com direito a muita comida e música e no dia seguinte partiram para Brasília, de onde nunca mais saíram. Também gosto de replicar a história de amor deles, pois cresci ouvindo-os contar os causos deles com emoção. Eu nasci um ano após o casamento, e um ano depois do meu nascimento nasceu meu irmão do meio, Wilson, e quatro anos após meu irmão caçula, Vinicius. Somos um trio que sempre andou de mãos dadas

nas alegrias e nas tristezas. Hoje vejo que esse apoio é importante, pois crescemos com harmonia e amizade.

Logo que meu pai deu baixa no Exército, foi trabalhar como vigilante em banco e começou a se dedicar aos estudos. Lembro-me dele chegando tarde da noite da aula e eu o admirava por ser estudante. Nós não tínhamos brinquedos e não tínhamos fartura na mesa, mas era suficiente para vivermos bem. A gente entendia que não podíamos pedir e exigir mais do meu pai, pois somente ele trabalhava e o salário era baixo para termos vida de luxo. Morávamos nos fundos da casa dos meus avós que também vieram de Minas Gerais. Eles sempre nos ajudavam com roupas, comidas e o que eles tinham a mais, o amor. Assim que meu pai concluiu os estudos, conseguiu passar no concurso público e melhoramos mais de vida. Nessa época eu já tinha 10 anos de idade. Lembro-me bem de quando ele conseguiu comprar nossa casa. Minha mãe ajudava como podia, cuidava da gente com muito amor, dedicação e era um exemplo de mulher. Lavava roupas para fora e assim conseguia ter seu dinheirinho e comprar algumas coisas extras para nós. Minha mãe hoje tem 68 anos. Posso afirmar que ambos são nossa estrutura e nos fez o que somos hoje.

Desde criança queria ser médica que cuidasse do coração dos outros, pois como minha mãe tinha pressão alta, eu sempre disse que cuidaria dela. Minha primeira profissão foi técnica em enfermagem e vivi uma realidade não muito atraente, pois trabalhava na oncologia, ou seja, percebi que não era meu dom, assim eu desisti da medicina, e investi com o salário da enfermagem na faculdade de Ciências Biológicas. A princípio queria ser geneticista para descobrir a cura do câncer, mas me apaixonei pela licenciatura e sala de aula. Dar aulas de Biologia, participar e promover feira de Ciências é o que me move.

Quando concluí a faculdade na Universidade Católica de Brasília, ainda continuei um período na enfermagem, e logo veio a sala de aula que me cativou até hoje. Na faculdade, fui monitora por quatro semestres e participei da equipe de Iniciação Científica no Laboratório de Zoologia. Eu mandava no pedaço, pois sabia onde estava cada peça e estruturas de todos animais vertebrados e invertebrados. E ali geria os demais monitores e alunos que visitavam o laboratório. Com isso, consegui também outra bolsa pela Universidade para trabalhar com o Projeto de Extensão e era responsável pelo Museu Itinerante de História Natural. Foi um lindo trajeto na Universidade.

Como me identifiquei com liderança e trabalho em equipes, resolvi fazer MBA em Gestão Escolar e consegui uma vaga na USP. E isso me levou a trabalhar um período de

um ano na Gestão de uma Escola Bilingue para Surdos em Taguatinga DF, onde comecei a aprender sobre o AEE e as deficiências e como cuidar desses sujeitos tão importantes para nossa sociedade. Hoje não estou exercendo essa função, pois fui substituta, porém me instigou a querer aprender mais e mais sobre gestão e AEE, já que vivi a deficiência nas escolas públicas que necessitam de mais apoio e ações dos setores públicos.

Faço Libras no Instituto Federal Brasília e trabalho como voluntária na Pastoral dos Surdos de Brasília interpretando as missas e encontros com esse pessoal que tanto amo e estimo.

Pretendo focar nesse campo do AEE e acredito que os conhecimentos construídos no Curso de Aperfeiçoamento ofertado pela UFJF melhorem minha vida profissional e, assim, possa ajudar com mais dedicação a vida dos que mais precisam nas escolas e até nos demais setores públicos.

Sou muito feliz onde cheguei e mesmo com a idade que tenho não me vejo parando por aqui, desejo galgar mais conhecimentos e continuar meus estudos. Em breve eu também farei meu mestrado em Educação/Ciências e poderei contribuir um pouco mais para a sociedade.

“Sempre enxergava (e enxergo) meu irmão em cada um...”



Claudineia Ribeiro Pacheco
Ferreira Gomes (AP)

Minha história se inicia no dia 06 de janeiro de 1983, na cidade de Macapá, Capital do estado do Amapá. Sou filha de Francisco Ferreira, servidor público, e de Vera Lucia Ribeiro, dona de casa. Do casamento de meus pais, eu era a única filha mulher, tendo três irmãos, sendo o menor, deficiente intelectual.

Eu me recordo que meu pai trabalhava na Secretaria de Saúde, em uma cidade no interior, chamada Pedra Branca. Rememoro bem este lugar, onde pude viver os melhores momentos da minha infância, onde meus avós cresceram e minha mãe também. Era um espaço tipo sítio, onde toda a família se reunia para passar as férias de julho e, dentro desta programação,

tinha muito banho de rio, muito açaí e peixinho frito, plantações, brincadeiras, histórias de visagens contadas pelos meus avós, fogueira de noite e muitas gargalhadas.

Em 1990, tive meu primeiro encontro com o universo das letras. Não cursei a Educação Infantil, já entrei direto na antiga primeira série. Dos poucos momentos que lembro dessa época na escola, recordo-me de uma professora muita rigorosa, mas que me ensinou a ler e a ter deleite pelas primeiras leituras. Naquele tempo, não podíamos nem levantar a mão e nem questionar nada do ensino, e os pais também faziam essas cobranças em casa, com o cinto ou o chinelo na mão.

Foi também em 1990 que nasceu meu irmão Fransbekeball, e é importante detalhar sobre ele, pois foi meu primeiro contato com a Educação Especial, na certeza de que meu engajamento pela área teve início a partir do nascimento dele e da luta por seus direitos.

Neste mesmo ano, retornamos para Macapá, onde meu irmão nasceu. Durante a gravidez, minha mãe teve muitos problemas de saúde e psicológicos devido à descoberta das muitas traições do meu pai, então, não foi uma gravidez saudável, apesar de ela fazer todo pré-natal. A gestação teve muitas complicações e o parto foi cesariano, meu irmão nasceu e foi direto para a incubadora. Ele, aparentemente quando bebê, era saudável, mas teve atraso no andar, na fala, chorava muito, e ninguém poderia imaginar que ele era especial ou fazer o diagnóstico. Na verdade, percebemos que ele não se desenvolvia, por

isso minha mãe procurou ajuda “anos mais tarde”, na capital, onde ele foi diagnosticado com “retardamento mental”.

É importante relatar, ainda, que minha mãe ainda teve que passar pelo pós-parto sozinha, pois meu pai saiu de casa e nem com o nascimento do novo filho quis voltar; pelo contrário, assumiu outra relação. O tempo foi passando, e tivemos que reaprender a conviver com as mudanças na família, em que os filhos tinham que assumir responsabilidades de cuidar da casa e dos irmãos, porque nossa mãe, em seguida, teve que voltar a trabalhar.

Depois que retornamos para a capital, Macapá, no período de 1991 a 1994, passamos por momentos bem difíceis, a separação era apenas um. Eu ainda estava concluindo o ensino fundamental, morávamos cerca de dez quilômetros longe da escola, íamos e voltávamos a pé, era bem difícil conseguir pegar um ônibus, e quando pegávamos ou entrávamos pela frente, ou passávamos por debaixo da roleta, não tinha dinheiro para pagar as passagens. Na volta para casa fazíamos algumas paradas, para pegar frutas nas árvores pelo caminho, em tudo tinha um pouquinho de infância e alegria, apesar da vida sofrida em casa, pois às vezes havia dias em que fazíamos três refeições, mas, em outros, apenas uma por dia. Nossa roupa era limpinha, muitas doadas, nosso material era simples. Mochila? Não tínhamos, tudo era levado na mão. Quando chovia, colocávamos em uma sacola plástica. Tiveram dias em que chegávamos na escola encharcados da chuva.

Minha mãe, agora, de dona de casa, passou a ser empregada doméstica, porque meu pai havia nos abandonado e em nada nos ajudava. Devido a esta situação, passamos a cuidar uns dos outros, tendo uma rotina de aula pela manhã e afazeres de tarde em casa. Mamãe só chegava à noite, e era quando fazíamos a refeição. Cuidávamos uns dos outros, era meu irmão mais velho que me ensinava, e também ensinava os menores e meu irmão especial ficava sob os cuidados dos meus avós que moravam um pouquinho mais longe. Desta maneira, fomos crescendo e vencendo dia após dia. Durante a noite, eu ficava imaginando como éramos felizes quando morávamos na cidade do interior e ficava me perguntando por que nosso pai nos deixou...

No ano 1998, já nos anos finais do ensino fundamental, eu meu irmão mais velho passamos a estudar de tarde, porque pela manhã estávamos trabalhando fora, eu de babá e ele, de ajudante. Optamos por isso, para de alguma forma contribuir na renda de casa, afinal éramos cinco em casa para alimentar, vestir e calçar e nossa mãe estava chegando a cada dia mais cansada.

Em 1990, já no Ensino Médio, tive a oportunidade da minha vida, passei no Magistério, trabalhava pela manhã, fazia curso de Francês à tarde e estudava a noite. A vida sempre foi uma corrida em busca dos sonhos, que estavam na linha de chegada. Apesar das labutas, nossa mãe sempre nos motivava a estudar e dizia que íamos vencer. Foi neste período do magistério que comecei a aprender e a me interessar pela inclusão. Neste período, meu irmão, já estava estudando, porém era segregado na escola e não evoluía, pois não era estimulado. Devido a estas situações, passei a estudar mais sobre a modalidade de ensino, sobre as leis e assuntos que amparavam o direito dele, pensando em um dia lutar, não somente por ele, mas, por todos.

Em 2003, após a conclusão do curso, tive a oportunidade de iniciar minha vida profissional. Recebi a proposta de trabalhar no contrato em uma escola na zona rural da cidade de Ferreira Gomes; confesso que senti muito medo e chorei só de pensar em ficar longe da minha família, contudo, por eles, eu teria que enfrentar este novo desafio.

Na minha primeira experiência, em uma escola rural, tive que passar por muitos perrengues e o primeiro foi de ir morar na comunidade, pois o acesso era difícil. A escola se chama Pedro Roldão, às margens do Rio Araguaí, comunidade do Triunfo. O acesso é ainda pela estrada de chão ou pelo rio, um lugar lindo, rico por sua natureza e por sua comunidade simples, porém acolhedora, que me recebeu tão bem, ao ponto de preencher um pouco o vazio da saudade de casa. Aos poucos, o tempo foi passando e fui me apaixonando pelo universo da Educação e todo o processo de ensino.

Durante o dia, eu acordava cedo e já ia para o porto, gostava de ver os barcos chegarem com as crianças, uma felicidade só em cada rosto, eles amavam passar a manhã na escola. Durante a aula, fazíamos toda a rotina planejada e depois eu abria espaço para eles falarem das suas vivências em casa, eles me contavam das experiências de morar ali e do sonho de um dia poder ter uma formação e um bom emprego. Isso fez eu me lembrar da minha infância também e de tudo aquilo que um dia foi plantado no meu coração, a esperança, onde a educação é a nossa maior fonte para vencer na vida.

Passei cerca de três anos neste lugar, foi tão bom que decidi morar na cidade que ficava próxima à comunidade que eu lecionava. No ano de 2006, prestei concurso para Educação Municipal e fui aprovada. A aprovação me garantiu uma vaga de trabalho na zona urbana da cidade de Ferreira Gomes, na escola Municipal João Freire Cordeiro, como professora dos anos iniciais.

Neste período, conheci um rapaz chamado Ramon Campos, que se tornou um grande amigo e companheiro, e hoje, meu esposo. Com ele, constituí minha nova família, temos dois filhos, o Pietro e a Ester.

Em 2008, passei no vestibular para o curso de Letras, em uma universidade privada. Devido ao trabalho, optei por estudar no período das férias, julho, janeiro e fevereiro, no módulo. As aulas eram na capital Macapá, cerca de 130 quilômetros de distância, foi neste tempo de aulas que nasceu meu primeiro filho e eu me lembro da necessidade de levá-lo, pois ele ainda mamava. Na faculdade, iniciou-se meu relacionamento com o mundo das linguagens, logo, mergulhei e desejei ter mais conhecimento sobre esta área.

No final do ano de 2009, me inscrevi para o curso de artes Visuais e fui aprovada em uma universidade Pública Federal, a UNIFAP. As aulas tiveram início em 2010 e o sistema também era modular, pois era um programa de formação para professores – PARFOR. Dessa forma, transferei o curso de Letras do modular para o regular, e passei a cursar as duas graduações ao mesmo tempo.

Eu trabalhava de manhã e de tarde ia para Macapá estudar o curso de Letras, pois o curso de Artes era nas férias. Com o apoio do meu esposo e da minha mãe, (que agora já tinha uma vida estabilizada, pois todos nós nos formamos e proporcionamos isso a ela), que ficava com meus dois filhos, eu consegui concluir as duas graduações em 2013.

Neste intervalo, passei a desenvolver atividades educacionais como Professora de Língua Estrangeira, Francês, na Educação de Jovens e Adultos – EJA, (5º e 6º ano) e em uma das turmas me deparei com uma aluna surda. Nossa! E agora? Como vou ensinar a língua francesa para uma aluna com deficiência auditiva? Tudo isso e muito mais eu pensei. Na primeira aula, eu fiquei muito inquieta, porque levei um vídeo sobre a cultura francesa, ela podia ver, mas não podia ouvir. Senti-me despreparada para tal momento e também sem empatia pela situação do outro.

No outro dia, apresentei a dificuldade enfrentada para a direção e Coordenação Pedagógica da escola, também procurei saber se a aluna tinha acompanhamento no Atendimento de Ensino Especial e disseram que sim. Conversei com a professora do AEE, ela me disse que a aluna estava aprendendo LIBRAS e que sabia ler e escrever em língua Portuguesa.

Na aula seguinte, eu chamei a aluna (em gestos que não era a LIBRAS) e pedi para ela me mostrar o seu caderno, pude ver que realmente ela escrevia bem e compreendia

a escrita. Contudo, ter o conhecimento sobre essa situação não iria resolver a questão do ensino da disciplina em que eu trabalhava, foi então que pesquisei um curso de LIBRAS na capital, me inscrevi e fiz a solicitação para a Secretaria Municipal de Educação para cursar o mesmo. Na justificativa, relatei a importância do curso para poder atender a aluna com qualidade e respeito. Assumi a responsabilidade de repor as aulas, pois o curso durou trinta dias, mas valeu a pena.

Quando retornei, usei a metodologia de ensinar o sinal em LIBRAS, depois em português e por último francês. A turma toda passou a aprender também LIBRAS e a desenvolver a inclusão no espaço de ensino. Também trabalhei muito com a comunicação alternativa de imagens nas três línguas. Foi, sem dúvida, uma grande experiência.

No ano de 2013, assumi a Divisão da Educação de Jovens e Adultos e passei a desenvolver propostas que pudessem acolher a todos os alunos, pensando ainda no meu irmão, nesta aluna e em todos os alunos.

Em 2014, já atuando como professora de artes em uma turma do Ensino Médio, tive um aluno Deficiente Visual que igualmente me marcou. Este aluno sabia pouco de braille, mas tinha um super estímulo auditivo, por isso fiz logo nas primeiras aulas uma observação sobre isso e também uma roda de conversa reflexiva com a turma falando sobre a limitação do colega e de se colocar no lugar do outro, pois a classe era bem agitada.

Pedi silêncio na hora da aula e da explicação, pois o colega não enxergava e por isso a aprendizagem seria falada, e as avaliações também para ele. Logo, a turma compreendeu e foi um sucesso o avanço da aprendizagem, onde os próprios alunos faziam a descrição das imagens para o colega DV e também se colocavam dispostos a contribuir formando equipes para ele participar e interagir e não se sentir excluído do processo de ensino.

Entre 2015 a 2019, busquei me especializar, por isso fiz várias pós-graduações, uma na área de Produção de Material Didático na EJA, outra na área de Gestão Escolar e também em Linguística e Ensino de Línguas.

No ano de 2021, após a pandemia, foi o ano do “despertar” mesmo, porque, como escola, ainda não tínhamos dado conta da gama de alunos que precisavam ser atendidos. No retorno das aulas presenciais, nos deparamos com mais de trinta alunos especiais matriculados, só eu tinha dez alunos, em diferentes turmas do Ensino Fundamental dos anos finais, a maioria com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Percebi que a escola estava com uma lacuna em atender esta nova demanda de alunos, por isso a necessidade de se

discutir sobre as políticas públicas direcionadas à área, considerando suas especificidades e realidades.

A partir das experiências com os alunos, passei a ter mais anseio de aprender sobre a área da Educação Especial e Inclusiva, por isso pesquisei cursos, artigos e publicações da área, com a intenção de oferecer aos alunos um atendimento educacional com atividades que pudessem aprofundar, enriquecer e despertar a curiosidade e o interesse nestes. Já fiz vários cursos em todas as áreas e sempre quero poder saber mais um pouquinho.

Atualmente ainda estou cursando duas pós-graduações na área de Ensino Especial, (em fase de conclusão), prestei concurso para o quadro do estado na área de Educação Especial e fui aprovada, esperando ser chamada. No município, estou atendendo alunos pelo AEE, na escola em que trabalho.

Tratar da aprendizagem de Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais é promover a inclusão educacional e social, estimulando o pensamento produtivo, desenvolvendo potencialidades e habilidades específicas na resolução de problemas de diferentes áreas de desenvolvimento. Com os estudos feitos, pude compreender os diferentes níveis de ensino, também aprendi a fazer a identificação das características e a avaliar as necessidades educacionais dos alunos.

Os desafios da minha vida profissional puderam nortear o meu caminho para o AEE. Hoje, posso compreender que este deve ser oferecido nos diferentes níveis de ensino, a ser efetivado nas escolas regulares e nos atendimentos especializados de contraturno, delineados de forma a oportunizar o aprimoramento da capacidade do aluno e suas habilidades.

Vejo que as escolas precisam oferecer mais formação para os professores, falar mesmo sobre esse assunto, porque muitos não têm esta sensibilidade e nem conhecimento sobre cada deficiência, por isso deixam a desejar na oferta do ensino para atender um aluno especial.

Desta maneira, acredito que toda a minha história de vida, também me levou a não somente identificar os estudantes, mas a refletir sobre a minha prática, pois sempre enxergava (e enxergo) meu irmão em cada um. De tal modo que me fez entender sobre o acolher e também sobre a necessidade da modificação em todo o ambiente escolar por meio da compreensão para se ofertar um atendimento com qualidade.

“A vida escolar é muito difícil para pessoas com deficiência...”



No dia 10 de fevereiro de 1979 aconteceu o meu nascimento na cidade de Jordânia/MG, bairro da Saudade. Naquela época, era o bairro mais pobre da cidade. Somos todos nativos de Minas Gerais, mas minha mãe tinha chegado recentemente de São Paulo e alugou uma casa ali, e depois nos mudamos para o bairro Novo Acordo, onde ficamos mais de vinte anos até nos mudarmos para a cidade de Jequitinhonha/MG. Minha mãe teve o parto de gêmeos, Cláudio e Cláudia. Ela teve 14 filhos, dos quais 11 estão vivos.

Aos sete meses, adoeci e fui internado. O médico julgou ser gastroenterite, mas não tinha certeza porque os recursos para uma avaliação eram precários. Tudo

feito a olho nu, e tendo a ajuda no máximo de um estetoscópio. Depois me recuperei, mas Cláudia adoeceu e morreu. Minha mãe lavava roupa e fazia outros serviços domésticos na casa de algumas mulheres da cidade. A minha irmã mais velha já trabalhava como doméstica para ajudar em casa.

Aos quatro anos eu não ficava na escola. Nem mesmo com cinco anos. A escola era um ambiente novo, assustador. Quando ali chegava, ouvia todas aquelas vozes, me desesperava. O medo era tão grande que o copo de merenda, que colocavam na carteira, ali permanecia até o fim das aulas. Chorava muito, esperneava, mordida as mãos que me seguravam. Não teve jeito, minha mãe desistiu de me colocar na escola nessa idade. Então aos seis anos de idade fui para o pré-escolar. Ainda achava o ambiente ruim, pois estava acostumado a ficar em casa. Todo aquele movimento me incomodava. O que eu mais gostava de fazer na escola era desenhar. No período escolar, na minha infância, eu era muito tímido, não conversava com ninguém. Tinha dificuldade de fazer leitura em voz alta, e a professora sempre fazia isso em sala de aula. Tinha a língua presa. Ainda assim, lia bem, e o brinde era sempre um pirulito que era ofertado aquele que fizesse a melhor leitura.

Meu pai trabalhava em São Paulo, e nós vivíamos em Minas. Assim era muito difícil. Quase não tivemos a presença do meu pai durante esses anos da infância. Isso por causa da úlcera que precisava ser retirada através de uma cirurgia, por isso precisava ficar na ca-

pital paulista e fazer uma variedade de exames. Minha mãe era a matriarca da família, pois com meu pai sempre se ausentando, ela assumia todas as responsabilidades. Estava em todas as reuniões de escola. Voltava sempre feliz com os resultados das notas expressas no boletim. As professoras me elogiavam bastante pelo comportamento e pela dedicação. Elogiavam também minha capacidade de fazer pequenas poesias e demonstrar aptidão para o desenho. Meu pai nunca compareceu em nenhuma reunião escolar. Nem mesmo no dia dos pais. Meus irmãos mais velhos faziam para mim brinquedos como carrinhos de pau, pipas confeccionadas com saco plástico, estilingues. Minha adolescência seguiu da mesma forma. Estudei em escola pública desde a infância até o ensino médio.

Sou portador de deformidade de Madelung, uma deficiência física, congênita, e os meus antebraços são menores do que das outras pessoas. As vezes dói bastante, não posso pegar peso, e tenho a perna esquerda mais curta também. Não tive e não tenho dificuldades de acessibilidade na escola, consigo escrever e usar os computadores sem problemas, mas convivi com muitas pessoas com deficiência que tinham muitas dificuldades. Quando adulto, eu cursei Direito em escola particular e Pedagogia em escola pública.

Foi durante o curso de Pedagogia, que cursei na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Divinópolis), que me interessei pela Educação Especial. Tivemos uma disciplina de Educação Inclusiva que abordou vários temas, despertando bastante o meu interesse. Tive alguns colegas com deficiência e detectei muitas dificuldades. Assim, decidi que eu gostaria de ajudar, ser útil. Já durante a graduação eu fiz tudo o que foi possível para ajudar. Além disso, tenho um sobrinho com falta de oxigênio no cérebro, e as suas dificuldades me chamam muita atenção. Quando eu o ensino em casa, ele aprende bem. Mas não gosta da escola. Costuma pular o muro e voltar para casa. Ele tem 12 anos e agora que está conseguindo fazer o próprio nome. Devido à deficiência, esquece o que aprende frequentemente. Eu percebo que ele não consegue amizades e interações na escola. Não há nenhum colega ou professora que ele tenha amizade. Então, como professor quero trabalhar com esse público para compreender melhor a situação, auxiliar os alunos no caminho do aprendizado e promover a inclusão. Também, como eu sou PcD, sei como é se sentir “anormal”, perceber olhares diferenciados, sofrer bullying, segregação, porque são situações que eu já vivi. A vida escolar é muito difícil para pessoas com deficiência, especialmente para os pobres. Atualmente sou professor de Filosofia, Sociologia e História no Ensino Médio, mas futuramente quero me dedicar totalmente ao trabalho na Educação Especial.

“Descobri que superar obstáculos seria minha rotina...”



Elenise Pimentel
Muaná (PA)

Sou Elenise Pimentel. Sou marajoara. Nasci na Ilha de Marajó, no município de Muaná, em Belém do Pará. Percorri a Baía do Marajó e aportei na cidade de Belém, ainda criança com minha família, e passei a residir no bairro do Jurunas, periferia da cidade, mas que fica às margens do rio, ou seja, minha relação com a água não se rompeu mesmo com a nova morada na cidade.

Nasci em uma cidade ribeirinha e moro até os dias atuais em um bairro ribeirinho.

O Jurunas é um bairro periférico, popular e populoso na cidade, seus portos, ruas e feiras são movimentadas. É um bairro de movimento, conhecido pelas

suas festas e, principalmente, pelo samba devido abrigar em seu espaço territorial a escola de samba “Rancho Não Posso me Amofiná”, quarta escola mais antiga do Brasil, simbolicamente considerada como sendo o “coração dos jurunas”.

A experiência de ensinar ao outro me cativou mais do que o ato de dançar naquele momento, já começava a compreender a minha vocação profissional, fato que demarca o início da minha trajetória profissional. Fui paralelamente passista de escola de samba e ginasta olímpica da seleção paraense e a supracitada modalidade esportiva me constitui como pessoa, atleta e fortaleceu meu fascínio em ensinar o outro. Durante nove anos, a ginástica olímpica fora minha vida. Descobri que superar obstáculos seria minha rotina. Participei de competições dentro do estado, os jogos escolares paraenses, posteriormente passei a integrar a seleção de Ginástica Olímpica (como era nomeada na época, agora esta modalidade esportiva recebe a denominação de ginástica artística) que representa o estado em competições nacionais.

Ter sido atleta fortaleceu uma vontade que já me atinava desde antes, queria ensinar, ser professora, mas a vivência com o esporte e o fascínio pelo desempenho físico do corpo, seja na dança como no esporte, me fizeram escolher o curso de Educação Física para o alcance da minha atuação docente e profissionalização. Não posso deixar de mencionar que os treinamentos da ginástica olímpica eram efetuados na Universidade Estadual do Pará

(UEPA) e isto me influenciou diretamente na minha decisão em escolher minha profissão, pois convivía com vários atletas, via diversas práticas esportivas, além da universidade ter sido meu “quintal”, passava a maior parte do dia naquele lugar puramente acadêmico e que transpirava esporte e educação.

Entrei na UEPA em 1988, após prestar o vestibular, e no percorrer do curso me fascinei pela prática de atividades físicas para pessoas com deficiência, em especial pelo nascimento no meu irmão caçula com Síndrome de Down, fato que me impulsionou a buscar mais conhecimentos, por esta razão, participei ainda como acadêmica, de simpósios, aprimoramentos, cursos. Me formei em 1993 e fui contratada pelo Governo do Estado para trabalhar em escolas públicas. Iniciei minha vida profissional na Escola de Ensino Fundamental “Educandário Jesus de Nazaré”.

Na supracitada escola, o material esportivo era mínimo, então tive que improvisar, passei a ministrar as aulas com bolas e fitas de papel, a ênfase do trabalho do corpo se direcionava para uma associação entre esporte e arte e o sucesso deste trabalho resultou na formação de um grupo de alunas para se apresentarem na abertura dos jogos, prática nunca antes efetuada na escola por nenhum outro educador físico.

Depois de alguns anos fui trabalhar na Escola de Ensino Fundamental “Cônego Batista Campos”, lugar que tive contato com minha primeira aluna com deficiência visual ao organizar uma apresentação de dança para uma programação específica da escola. Devido observar a latente vontade da referida aluna em dançar, procurei criar mecanismos e adaptações para garantir seu pleno desenvolvimento, segurança e domínio dos movimentos na coreografia. O grupo de dança passou a se apresentar em outras escolas, fruto do reconhecimento do trabalho exercido.

Neste mesmo período, fui encaminhada ao projeto de reeducação psicomotora (PRP) que fazia atendimento a pessoas com deficiência intelectual e motora. Contudo, o projeto não trabalhava com a dança, por esta razão, elaborei um projeto para trabalhar a dança como atividade artística e de integração social para crianças e adolescentes com deficiência intelectual. Após análise, o projeto fora aprovado e implementado como piloto na Universidade Estadual do Pará (UEPA), em contrapartida, deveria realizar atividades no Núcleo de Extensão da Universidade (NUEX). Aceitei a proposta e comecei a trabalhar no NUEX com atividades físicas e socioafetivas para a terceira idade, onde atuei como docente por dez anos.

A experiência do trabalho com a terceira idade resultou na formação de um grupo de dança que se apresentou em festivais de dança na cidade, nas aberturas da semana pedagógica na UEPA e em outros polos. Desenvolvendo pesquisas para o trabalho da dança com a terceira idade, participei do Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em 2000, onde apresentei minha prática desenvolvida no NUEX com ênfase na docência da dança para idosos em uma mesa redonda. A partir deste evento fui convidada para participar de seminários com foco em atividades físicas para pessoas idosas, dentre eles, ressalto a minha participação como ministrante de oficina na Semana Acadêmica do Baixo Tocantins em Santarém em 2002.

Contudo, o ano de 2005 demarca o fortalecimento do meu trabalho com a prática artística da dança devido ao convite da professora Dr^a Elizabeth Gomes para integrar a equipe de professores da Coordenadoria de Esporte, Arte e Lazer (CEAL) da Prefeitura de Belém. A parceria entre a CEAL e a SESMA (Secretaria Municipal de Saúde) deu início a minha caminhada dentro do “Projeto-Dança”, atualmente denominado como Escola Municipal de Dança. O desenvolvimento do trabalho com a dança, realizada no espaço físico do Centro de Atendimento Psicossocial (CAPIS) fora uma das maiores descobertas da minha vida profissional devido à compreensão e percepção dos benefícios das atividades para os alunos. As atividades no CAPIS perduraram por dois anos e, neste período, foram realizadas apresentações dos alunos em três Mostras de Dança da Escola Municipal de Dança.

Paralelo ao trabalho efetuado no CAPIS, me tornei professora da Casa do Idoso, centro de atendimento à saúde do idoso da SESMA, dei início, então, à turma de dança para pessoas da terceira idade. Permaneço até os dias atuais neste centro que estabelece suas atividades no Instituto Federal de Educação (IFPA). Em 2010 o grupo foi objeto de estudo da pesquisa de doutorado do educador físico e fisioterapeuta César Santos.

Em 2008, fui aprovada no concurso público da Secretaria de Educação do Estado do Pará e fui lotada na Unidade de Educação Especializada Yolanda Martins (UEES) e Silva, que atende crianças, jovens e adultos com deficiência intelectual, física e síndromes. Já cheguei à UEES com o intuito de trabalhar com a dança como perspectiva artística e educacional com meus novos alunos, coincidência ou não, cheguei à escola na véspera da festa de carnaval, momento ideal para se dançar! A partir deste momento, observei alguns alunos com habilidades para a dança como: memorização e criatividade. Todavia, estes alunos eram totalmente dependentes da figura do professor, pois efetuavam cópia e repe-

tição enquanto dançavam.

Não aponto a prática da cópia e repetição no ensino da dança às pessoas com deficiência como equivocada, no entanto, parto da premissa do ensino com base na independência, liberdade e segurança destas pessoas.

O desenvolvimento do trabalho na UEES fez nascer o primeiro grupo de dança da referida escola, o GEDYM (Grupo Experimental de Dança Yolanda Martins), que visa oportunizar aos alunos com deficiência intelectual e comorbidades a prática e contextualização de coreografias. É válido destacar que o GEDYM é o meu campo de investigação enquanto pesquisadora de novas metodologias para o trabalho com a dança para pessoas com deficiências no âmbito escolar. As metodologias são constituídas com base na individualidade, ou seja, a aplicabilidade em aulas leva em consideração as limitações de cada indivíduo, que é ser único e detentor de particularidades, para isto, os estudos voltam-se para a compreensão do corpo, da percepção, da imagem corporal, consciência corporal e dos movimentos no qual tomo como referências os princípios da dança-educação, dança-terapia e dança contemporânea. Não sou bailarina, não tive formação acadêmica em dança, como já mencionei, meu contato específico deu-se nas disciplinas do curso de Educação Física. Este fator me fez ir em busca, como: ver espetáculos, fazer oficinas de técnicas de danças, fazer aulas, dentre outros. Sentia a necessidade de experimentar no meu corpo o que poderia trabalhar com meus alunos. Destas experimentações, destaco os cursos livres oferecidos pelo Instituto de Artes do Pará (IAP), pois foram primordiais no que tange o despertar uma antiga paixão, a dança em cadeira de rodas, que logo utilizei como mais um subsídio para trabalhar com meus alunos cadeirantes da UEES, ampliando meu atendimento a outros alunos e que posteriormente comecei a trabalhar, também, na Escola Municipal de Dança.

Através da dança em cadeira de rodas conheci a professora, bailarina e competidora de dança esportiva em cadeira de rodas Luciene Fernandes, com a mesma fiz oficinas de dança para bailarinos com habilidades diferenciadas e participei do Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, ambos realizados em Belém do Pará em julho de 2012.

Atualmente sou professora da UEES e da Escola Municipal de Dança, em ambos trabalhos com a dança tendo como ênfase a oportunidade de pessoas com deficiências à prática desta linguagem artística integrando a educação como meio para se alcançar o

pleno desenvolvimento artístico, individual e social.

Segundo a pesquisadora Marina Mota (2013) em sua dissertação de mestrado “O seguinte Olhar” destaca a técnica de contato e improvisação como recurso para estabelecer o início da dança ou a descoberta da mesma entre e com os alunos, no caso da pesquisadora citada sua pesquisa foi direcionada a alunos com deficiência visual, fazer com que ao tocar o corpo do outro, o movimento se expanda e seja transmitido gerando ou provocando uma reação, no meu entender essa reação se transforma, é impulsionada a gerar outro movimento, desencadeando uma sequência espontânea, livre, sensível. essa troca de informações entre e com os alunos é fundamental para que possam ter autonomia de movimentos, iniciar um processo de criatividade, onde todos os movimentos sejam criados a partir do sentimento gerado.

Fortalecendo esse estudo busco apropriação em Clarice Nunes “Dança, terapia e educação: caminhos cruzados” (2003) que diz que ao se pesquisar nossos movimentos estamos nos reeducando, ressignificando o corpo, implica em iniciar um processo que jamais será revertido, o das descobertas, a ampliação de minhas vivências que a partir desse processo serão mais refinadas.

Ida Mara Freire em (2002) diz que a dança até pouco tempo era lugar de corpos perfeitos tanto no que se refere a ausência de deficiência ou quanto em relação ao corpo que é exigido pelo padrão do ballet clássico, esse estudo vem fazer um contraponto ainda com maior significância, pois a metodologia proposta sairá da escola, do meio gerador de aprendizado da diversidade e pluralidade de conhecimentos, e não apenas e somente da Academia ou Escolas de dança. Para sustentar essa atividade dentro da escola recorri aos Parâmetros Curriculares Nacional que nortearam o desenvolvimento da arte dentro da escola, segundo Penso (2005) não queremos a perfeição do movimento, mas sim a crítica que construirá esse cidadão, os questionamentos, as divergências que levarão a inquietação. Então ao me deparar com corpos (alunos) cadeirantes, alguns inertes, me inquieto, e início esse estudo, ainda tendo poucas referências bibliográficas, recorro a pesquisadores, que também são desbravadores por acreditarem em uma arte ampla, desconectada de formas perfeitas, apenas a Arte.

Para que as minhas atividades profissionais, tivesse maior embasamento, durante o período pandêmico, onde estivemos reclusos em nossos lares, vi a oportunidade de estudar e a UFJF ofereceu a especialização em Dança em Cadeira de Rodas, a primeira

especialização no país, me senti muito honrada pela oportunidade, um curso maravilhoso, e ressalto a competência da UFJF e o NGIME, em desenvolver um curso EaD. Agora, conclui o curso de aperfeiçoamento em SAAE e pretendo atuar nesse segmento educacional.

“Não tem como fugir de um propósito...”



Os registros apontam que tudo iniciou em setembro de 1986, quando meus pais tiveram a confirmação da gestação. No entanto, antes mesmo que eles soubessem, eu já era chamada pelo meu nome por aquele que me criou: O Senhor. Assim como está escrito: “Os teus olhos viram o meu embrião; todos os dias determinados para mim foram escritos no teu livro antes de qualquer deles existir.” (Salmos 139:16)

Nasci no dia 16 de maio de 1987, segundo relato da minha mãe era um dia chuvoso e nublado. Meu desenvolvimento foi acompanhado por pediatras, e sempre estive dentro do marco desejado para a idade. Uma semana antes de eu completar dois anos nasceu meu

irmão. Como qualquer criança da idade, apresentei comportamentos desafiadores com a chegada dele, mas logo passou. Três anos se passaram, eu já estava com cinco anos e chegava outro bebê em casa, meu irmão caçula. Dessa vez, esperei ansiosa pela chegada, e torcia para que fosse uma menina, o que não aconteceu.

Iniciei na escola aos quatro anos de idade. “Fora de faixa”, fui aos cinco anos e meio para a primeira série. Não apresentei dificuldade em me adaptar e segui pelos anos iniciais sem nenhuma dificuldade. Lembro-me de ter muita dificuldade na sétima série com matemática, pois era necessário da minha parte um esforço maior para compreender este conteúdo, esforço esse que não precisava ter com as demais matérias.

Cheguei ao Ensino médio, adolescência, quantos desafios. Primeiro namorado, primeiro término... tudo parecia tão intenso e avassalador nessa fase. Ao fim do Ensino Médio, sempre estudando em escolas públicas, decidi que faria faculdade de enfermagem, já que meu grande sonho era ser pediatra, mas estava longe demais do meu alcance e me contentaria em entrar na área da saúde, que é por sinal cheia de glamour, pela enfermagem.

Lembro que minha mãe tentou de todas as formas me convencer a fazer o curso Normal Superior. Ela dizia: - “É acessível e você rápido vai conseguir um emprego...” Essas palavras me causavam terror, porque era como se me dissesse: “Pobre só faz faculdade para ser professor”. Naquela idade eu não me preocupava tanto com emprego, eu queria

algo que fizesse sentido para mim.

Venho de uma família de muitos professores, todos de origem muito humilde e conseguiram com muito esforço trilhar o caminho acadêmico. Eu sempre reconheci e me orgulhei da trajetória de todos eles, mas eu queria mais que uma sala de aula e a briga por salário justo. Eu queria me sentir útil, na verdade dentro de mim sempre existiu o desejo de fazer a diferença para a comunidade. Eu ainda não havia compreendido o real sentido da educação.

Fiz um período de enfermagem, mas me decepcionei demais. Não era nada do que eu queria, não conseguia entender nada e fui reprovada em três matérias no primeiro semestre. Fiquei frustrada, porque sempre tive orgulho de ser uma boa aluna, mas ali eu simplesmente não entendia nada, nada fazia sentido para mim. E eu ainda vivia o drama de ver meus pais pagando a faculdade particular com muito sacrifício. Isso me corroe.

Um dia conversei com minha mãe e falei que queria mudar, pois não era aquilo, estava errada e precisava ir em outra direção. Foi aí que encontrei ainda “dentro da área” da saúde uma profissão encantadora: a Psicologia. Iniciei o curso, encantada com os conteúdos trazidos e me identifiquei logo no início com a abordagem Cognitivo -Comportamental (TCC). Ao realizar trabalhos sempre tendenciava a assuntos relacionados a área da educação.

Durante o curso, casei e tive meu primeiro filho. A situação financeira da família não era a das melhores e, como eu e meu esposo estávamos estudando, foi necessário optar para que somente um continuasse. Nesse período pude amadurecer, rever alguns conceitos e daí surgiu a dúvida se voltava ou não para o mesmo curso.

Quando meu esposo estava na metade do curso, decidimos ter outro filho, para que, assim quando ele finalizasse, o bebê já teria dois anos e eu poderia voltar aos estudos sem interrupções, pois não queríamos uma diferença grande entre os irmãos. Assim fizemos. Tive minha terceira gestação (a segunda foi uma gravidez não planejada, que resultou em um aborto espontâneo), uma linda menina.

Meu marido concluiu o curso e eu após um ano da conclusão dele voltei à faculdade. E realmente não voltei para Psicologia. Decidi que precisava de um curso em que me colocasse rapidamente no mercado de trabalho, afinal agora já era mãe de duas crianças.

Iniciei a Pedagogia. Não estava com grandes expectativas, mas fui. Lembro-me perfeitamente do meu primeiro dia de aula. Tive uma aula de Sociologia da Educação, meus

olhos não piscavam, tamanha foi minha admiração pela matéria e pela professora que eu cheguei em casa e dei a aula que havia recebido para o meu marido. Ele ficou surpreso, afinal nunca havia me visto tão entusiasmada e focada como agora.

Então, me encontrei... me (re)descobri. Foi desafiante, porque, ao contrário do que eu imaginava, a pedagogia não era fácil, exigia muita leitura e dedicação. No período da faculdade, participei de projetos de pesquisa e iniciação científica, foi fundamental para mim e me trouxe grandes aprendizados. Finalizando minha faculdade tive a oportunidade de trabalhar como acompanhante da educação especial. Fui selecionada através de um processo seletivo e essa foi minha primeira experiência na educação especial.

Neste período como acompanhante, quebrei muitos paradigmas e preconceitos que havia construído acerca da educação especial. Foi desafiador e de muita importância para a construção da minha identidade profissional. Ali pude presenciar a realidade de crianças e famílias atípicas na escola. Os desafios por eles encontrados e a alegria a cada pequeno avanço do aluno.

Mesmo assim não imaginava o que me esperava. Durante a pandemia enquanto fazia um curso de capacitação para o Ministério Infantil, vivi em um dos módulos ali presente a maior experiência da minha vida. Na grade do curso havia um módulo sobre inclusão e por meio dele me senti tocada por Deus, descobri um propósito para minha vida. Hoje lidero o Ministério de Inclusão da minha igreja e todo o conhecimento que recebo por meio dos cursos que realizo são aplicados na liturgia do ensino da bíblia às crianças. Faço adaptações de materiais e recursos de maneira a alcançar a necessidade de cada criança ali presente. Tem sido desafiador, porém temos vivido milagres, e isso é grandioso demais para mim.

Sou professora de uma turma de quatro anos de uma escola privada da minha cidade. Lá aplico os conhecimentos recebidos e construídos ao longo da minha formação, bem como aprendo e construo novos caminhos, mas o propósito da minha vida é levar famílias, que até então viviam em casa, sem participar de uma comunidade de fé devido às dificuldades dos filhos, à igreja. Por isso foi tão difícil fugir da educação especial, porque a gente pode fugir de uma vontade, uma vocação, mas não tem como fugir de um propósito.

“Estudar diferentes deficiências me estimulou a estudar o caso de meu filho...”



Sou filha de Severino Tenório Cavalcante e Josefa Francisca da Silva Cavalcante, ambos naturais de Caetés, Pernambuco, irmã de nove irmãos paulistas. Meus pais vieram morar em Sergipe após o meu pai sofrer um Infarto e se aposentar aos quarentas e sete anos, no ano de 1975. A partir daí, começa a minha história. Nasci em 15 de abril de 1976, no município de Itaporanga D’Ajuda, Sergipe.

Meu pai faleceu quando eu estava com seis anos. Mesmo sem família em Sergipe, minha mãe optou em criar seus filhos menores no estado, enquanto os irmãos maiores ficaram em São Paulo e não quiseram acompanhar meus pais.

O sonho de meu pai era ver um de seus filhos professor. Ele ainda alcançou minha irmã mais velha como professora, depois vieram mais uma irmã e um irmão e por último a mais nova de todas, que sou eu, no total são quatro irmãos professores.

Iniciei minha trajetória profissional no ano de 1994, aos 18 anos, no último ano de formação do Magistério, na rede pública de ensino, no município de Itaporanga D’Ajuda/SE, através de uma seleção sendo contratada no regime celetista, lecionava no Ensino Fundamental I. No ano de 2004, houve o primeiro concurso público no referido município, me tornando estatutária no quadro de educação. Atualmente tenho 29 anos como professora e funcionária.

Continuando com a minha formação na educação, me graduei em Licenciatura em Letras Português/Inglês (Universidade Tiradentes, 2003). Foi uma realização profissional que me proporcionou trabalhar em outra modalidade, o Ensino Fundamental II, tanto na rede pública municipal, como funcionária efetiva e na rede Estadual, no regime de contrato. Trabalhei como Tutora no Curso de Inglês na Faculdade de Tecnologia e Ciências EAD – FTC EAD. Recentemente fiz minha segunda Licenciatura em Pedagogia (Faculdade Unopar, 2021). Especializei-me em Pedagogia Empresarial (Faculdade Atlântico, 2005);

Educação Global, Inteligências Humanas e Construção da Cidadania (Faculdade de Ensino Superior do Nordeste, 2017).

Voltando para minha trajetória profissional, fui convidada pelo Gestor Público para ocupar um cargo de Direção em uma escola na zona rural que oferece o Ensino de Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Educação de Jovens e Adultos, modalidade CICLO. Foi no ano de 2009 até o momento atual, completando doze anos na direção e está sendo uma experiência profissional com muito aprendizado.

No início da ocupação do cargo de direção, detectei alguns problemas de aprendizagens e sociais, tais como: distorção entre idade série; crianças com deficiência mental, física e hiperativa; abuso sexual de crianças, alcoolismo, entre outros. Após algum tempo descobri que os referidos problemas são provenientes de algumas situações sociais na comunidade, alguns pais de alunos têm envolvimento com álcool, a falta de emprego, a falta de infraestrutura, difícil acesso à cidade, entre outros; ressaltando que as mulheres bebem até mesmo durante a gestação e os abusos sexuais são cometidos pelo pai, o irmão ou os tios.

Além da minha ocupação como gestora, também sou professora da disciplina de Língua Inglesa, no regime de contrato, pela Secretaria do Estado de Educação, nos anos de 2003, 2007, 2008, 2010 e 2011 e atualmente, desde junho de 2020.

Diante de tantos problemas mencionados acima na minha atuação como gestora, procurei me especializar em outras áreas e participei de alguns cursos de extensão para poder atender melhor a sociedade na qual estou inserida profissionalmente, tais como: Curso Prevenção dos Problemas Relacionados ao Uso de Drogas - Capacitação para conselheiros e Lideranças Comunitárias, promovido pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas do Ministério da Justiça e Segurança Pública (SENAD/MJSP) realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por meio do Núcleo Multiprojeto de Tecnologia Educacional (NUTE); me Especializei em Direito Infante-Juvenis no ambiente Escolar – Escola que protege (UFS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2018), sendo a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso -TCC “Resolução de Conflitos no Ambiente Escolar por meio do ECA”; me Especializei em Sociologia para o ensino médio (UNB -UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2019), sendo a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso -TCC “As políticas Públicas para assistência a mulheres alcoólatras”. Ressalto que a motivação para fazer a Especialização em Sociologia foi uma entrevista de um soció-

logo (o qual não me recordo o nome), que assisti em um determinado jornal, falando sobre os problemas que ocasionaram a violência na cidade grande, assim como as enchentes desordenadas.

Iniciei outra especialização em Educação Especial Inclusiva, em uma determinada faculdade particular, mas não cheguei a concluir, devido algumas dificuldades, mas fiz diversos cursos para atender o público das crianças com deficiência.

A sala de recurso no município foi implementada no ano de 2018, para atender às crianças com deficiência e foi uma ajuda bastante significativa, porém ainda temos dificuldades na sala de aula regular.

No âmbito familiar, sou mãe de dois filhos, um de 19 anos e outro de 17 anos de idade. O meu filho mais velho cursa Bacharel em Direito e um dia chegou para mim e disse que precisava procurar um Neurologista, pois descobriu que tem dificuldades para aprender. No início, eu não quis, disse que ele era muito inteligente e estava enganado, mas depois eu aceitei e resolvi marcar a consulta. Pelas características pesquisadas, ele achava que tinha TDAH. Após os exames isso foi confirmado e hoje ele toma medicação. O desempenho e o rendimento no curso e em casa mudaram, e agora ele é mais ativo, disposto e mais atento.

Uma reflexão...passei 29 anos como professora e só me preocupava com os filhos dos outros e não prestei atenção nos meus filhos, hoje adultos. Fui analisar as características de cada um, eles começaram a frequentar a escola aos três anos de idade. Quando meu filho mais velho tinha seis anos, ele ainda não sabia ler e eu procurei a escola, falei com a professora e com o diretor, e me disseram que não estavam vendo nenhum problema e que eu precisava acompanhar mais o meu filho. O que eles não entendiam é que esse acompanhamento ele já tinha e que por isso eu estava pedindo ajuda. No ano seguinte, aos sete anos de idade, ele começou a ler. Como eu não enxerguei ou talvez não quis aceitar a situação de meu filho, ainda continua sendo difícil para mim falar sobre o assunto.

O recente Curso de Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado, na Universidade Federal de Juiz de Fora foi uma das maiores realizações na minha vida. Este curso veio no momento que eu precisava, não só profissionalmente, mas na minha vida pessoal. Estudar diferentes deficiências me estimulou a estudar o caso de meu filho.

“Lutaria para que outras crianças não vivenciassem situações discriminatórias...”



Mirian Ferreira de Lima Maltez
Barueri (SP)

— Professora, não estou enxergando a lousa, a senhora me deixa sentar mais à frente?

— Você não pode se sentar nas primeiras carteiras, vai atrapalhar as outras crianças, elas não conseguirão enxergar a lousa, você é alta demais.

Já em lágrimas, a criança retruca:

— Professora, não estou enxergando de verdade, não consigo copiar o “dever”.

A professora, já impaciente, responde:

— Chega de enrolar, você só quer sentar na frente. Amanhã resolveremos isso.

No dia seguinte havia uma fileira a mais de carteiras, a aluna foi conduzida a primeira carteira, com a

seguinte afirmação:

— Pronto, agora você irá enxergar a lousa!

As demais carteiras da fileira não foram ocupadas, durante os meses seguintes a aluna foi a única a sentar no penúltimo alinhamento de carteiras da sala de aula.

Olhando no “retrovisor” da vida, esta é apenas uma de tantas situações vivenciadas por ser deficiente visual, os adjetivos, desastrada, destrambelhada, molenga, pamonha, cai à toa, cai-cai, bêbada, ainda estão vivos na memória de quem, aos 07 anos de idade, numa pequena cidade na periferia da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, quando ainda não se ouvia falar em inclusão, prometi a mim mesma que estudaria para ser professora e lutaria para que outras crianças não vivenciassem situações discriminatórias.

Os anos se passaram e em 1995 retornei ao Colégio onde concluí o Ensino Fundamental, não mais como estudante, desta vez como estagiária do Magistério. A vontade de fazer a diferença na vida das crianças, aliada à inocência de uma aspirante à docência, sofreu um duro golpe quando me deparei com atitudes preconceituosas praticadas contra o meu irmão, que estudava nesta instituição.

Este Colégio possui uma ampla área arborizada, onde pais e alunos se reuniam à

sombra das árvores, antes do sinal tocar, anunciando o início das aulas. Quando minha mãe chegava com o meu irmão e se aproximava do grupo, imediatamente este era desfeito, com frases que dilacerava o coração e tornava mais forte o sentimento de mudar a história de crianças que passavam por situações semelhantes:

- Não deixe o seu filho brincar com o maluquinho.
- Vamos filho, ele não serve para brincar com você.
- O maluquinho chegou!

Por inúmeras vezes minha mãe chegou angustiada em casa, sem saber o que fazer. Meu irmão só foi alfabetizado quando foi matriculado em uma escola em que eu e minha irmã começamos a lecionar, quando ainda éramos estagiárias, porém já exercíamos a função de professoras titulares de classe. Meu irmão foi incluído, alfabetizado, socializado e compreendido. Neste mesmo período, aos dezesseis anos, me deparei com o que prefiro chamar de melhor experiência e aprendizado da minha vida, uma classe com 26 alunos, 1ª série do ensino fundamental, heterogênea, alunos entre 05 e 13 anos. A coordenadora, ao saber da minha idade, rapidamente me orientou que não a revelasse, segundo ela, evitaria que o aluno de 13 anos, a quem vou me referir de Fábio, me desrespeitasse em virtude da “pouca idade”. Logo nas primeiras semanas percebi que havia algo que inquietava Fábio, ele se esquivava da minha aproximação e sempre tentava esconder o caderno de mim. Os seus olhos inquietos e ligeiros procuravam com muita frequência o caderno do seu melhor amigo. Além da inquietude e ligeireza, os olhinhos me falavam que havia dor e frustração, só ainda não havia descoberto o motivo. Os dias se passaram e com eles, surgiram as complexidades e desafios dos novos conteúdos; a descoberta da razão que motivava as angústias tão bem disfarçadas de Fábio, vieram de uma forma explosiva, este se desorganizou emocionalmente numa tarde quente no final do verão carioca, quando chegou o dia de “tomar a leitura” dos alunos. Não foi apenas a tarde que esquentou, a temperatura dos ânimos atingiu temperaturas altíssimas. O que para todos os alunos, pais, professores e demais funcionários era uma rebeldia, falta de ensinamento dos pais e desrespeito com a professora, para mim, era o grito de socorro de quem a todo custo queria esconder a dislexia, fato desconhecido há época. Não tive muito apoio, acredito que em virtude de também desconhecerem o assunto, fiz o melhor dentro das minhas possibilidades, com os recursos escassos e informações que tinha. Meu aluno teve um bom desenvolvimento, com a colaboração dos colegas de classe, que acredito ter conseguido êxito em plantar a semente da

inclusão nos corações de cada um. Fábio quase não acreditou quando recebeu o certificado de conclusão da 1ª série.

No ano seguinte, ainda na mesma escola e lecionando novamente a turma da 1ª série, com 21 alunos, conheci Rodrigo, um aluno com Síndrome de Down. Com um pouco mais de experiência, e podendo contar sempre com o apoio da minha professora de metodologia e prática de ensino, que sempre tirava um tempo em sua aula para ouvir os anseios das alunas que já lecionavam. Neste mesmo ano, meu irmão foi estudar em outro colégio, lá encontrou uma professora que o acolheu, incluiu e mostrou o quanto ela era capaz e mesmo com a hipótese diagnóstica de TOD e TDAH, ela conseguiu enxergar as potencialidades da criança discriminada e desprezada; meu irmão a amou no primeiro instante e até hoje, aos 33 anos, não a esquece. Enquanto meu irmão era acolhido, e deixava o meu coração mais leve por saber que estava em boas mãos, eu tinha a importante missão de mais uma vez olhar além do que a sociedade de 1997 pensava a respeito de uma pessoa com deficiência. Rodrigo era uma criança inteligente, curiosa, questionadora, bem-humorada, sorridente, um líder carismático e tinha sempre uma palavra de ânimo a quem estivesse com alguma dificuldade, ah... não posso deixar de relatar que sempre conseguia me “trolar”. Inicialmente os alunos tinham curiosidades sobre as diferenças físicas e órtese que Rodrigo utilizava, com o passar dos dias, o respeito, a amizade e o carinho foram construídos de forma tão pura e natural, que só a pureza da infância consegue explicar. Não havia mais os olhares curiosos ao aluno “mongol”, expressão pejorativa que por algumas vezes ouvi, toda a comunidade escolar incluiu Rodrigo de uma forma tão sincera, que por vezes esquecia que ele possuía uma deficiência. Dedico o mérito a Rodrigo, ele conseguiu com muita força e uma incrível personalidade, conquistar o seu espaço e mostrar que a Síndrome de Down era apenas um detalhe pequeno diante de todas as suas potencialidades.

No ano seguinte, em 1998, já formada, não mais nessa escola, tive a certeza que a Educação Especial estava em meu coração, aceitei como uma missão honrosa na minha prática docente. No primeiro dia de aula tive um encontro especial com o pequenino Rodrigo, desta vez na Educação Infantil. Infelizmente ele conheceu o preconceito e a discriminação nos primeiros três anos de vida. Lembro com clareza do menininho com olhos bem escuros, que pareciam sempre estar em um lugar distante, o sorriso fácil e encantador, os dentinhos branquinhos e brilhantes lembravam pequeninas pérolas, a cicatriz no cantinho do olho, que não consigo lembrar se no direito ou no esquerdo, já demonstrava as marcas

de sua brilhante mente inquieta e ávida por ações. O segundo Rodrigo na minha história de amor à inclusão foi o responsável por despertar em mim, uma professora leoa, que não mede esforços para defender e incluir os seus alunos. Não fiquei por muito tempo nesta escola, mas o período suficiente para fazer com que Rodrigo fosse conhecido pelo seu nome e não mais com tantos adjetivos negativos e que na sua candura infantil, presenteava os colegas com um doce sorriso mesmo quando o agrediam com alguma ofensa, simplesmente por ser uma criança com deficiência intelectual. Anos mais tarde encontrei Rodrigo no Orkut, já um rapaz lindo e levando uma vida plena, cheia de possibilidades. O coração da professora orgulhosa transbordou de alegria. Os anos se passaram e sempre era presenteada com alunos maravilhosos, deficientes ou não, as aprendizagens eram mútuas, num eterno desequilíbrio e equilíbrio, novas conexões eram feitas e novas aprendizagens surgiam, os desafios chegavam e eram superados.

Em 2000, veio a mudança para São Paulo, aos 21 anos. Sem os pais, numa cidade imensa, fui trabalhar numa pequena escola de período integral, totalmente diferente do que estava acostumada, mas sempre atenta às diferenças e buscando formas de acolher e incluir. Três anos após chegar a São Paulo, abri a minha própria escola, agora sim, podia vislumbrar a realização de construir uma escola inclusiva e assim aconteceu, fui apresentada com crianças espetaculares, Marcio, Daniela, Pedro, Gabriel, Roseane e tantos outros que fizeram de nossa instituição um celeiro de potencialidades, de construções, crescimentos e principalmente, um espaço de inclusão e respeito. As terminologias TEA, Deficiência Intelectual, Síndrome de Down eram apenas uma informação para atendermos às necessidades das nossas crianças e adolescentes, eles eram respeitados e reconhecidos como alunos em pleno desenvolvimento, sem quaisquer segregações.

Enquanto trabalha para ver a inclusão acontecer em minha escola, sofri assédio de um instrutor, quando tentava, pela segunda vez, tirar a minha habilitação, entrar no carro era uma tortura. Um certo dia, o instrutor saiu do carro e disse que eu só sairia do veículo quando conseguisse alinhá-lo a guia, da forma correta. Após inúmeras tentativas malsucedidas, aos prantos, vi pelo retrovisor, meu instrutor rindo de forma desdenhosa do meu insucesso. Saí arrasada daquela aula, fui até a autoescola e pedi para trocar o instrutor. As aulas foram mais tranquilas, no entanto ainda tinha dificuldades, mas agradecia por não ouvir repetidamente, “você ainda vai arrancar o retrovisor de um carro.” Quando chegou a tão temida prova prática, o primeiro instrutor - que cometia os assédios - proibiu o atual de me

acompanhar; sentou ao meu lado, pediu que eu desse a partida quando estivesse pronta, e sorrindo, afirmou que a troca de instrutores não mudaria o resultado do meu desempenho. Aquela afirmação causou um descontrole emocional, não consegui realizar a prova e desisti do sonho de tirar a habilitação, concluí que não tinha capacidade para dirigir.

Em 2018, segui novos rumos, prestei concurso e fui trabalhar no ensino público, o novo trouxe medo e insegurança, mas ao chegar na sala de aula, um sorriso que tocou o coração e aqueceu a alma, o olhar distante e um pedido inusitado para uma criança de quatro anos, recém completados, foi o sinal de que eu estava no lugar certo:

— Professora, eu quero um giz, vou escrever as cores em inglês na lousa.

Vieram os desafios com Gabriel, não por ele, mas com pais, funcionários e alunos, que ainda não compreendiam o que era a inclusão de uma criança com autismo; para a comunidade escolar, a padronização tornaria a aprendizagem efetiva e eficaz. Foram meses de muito trabalho, e mais uma vez conseguimos, eu e Gabriel, demonstrar que o respeito às especificidades sempre surtirá grandes resultados. O aluno que até então não produzia muitas expectativas a quem acompanhava as nossas aulas, foi quem mais se destacou em aprendizagem; por anos seguidos foi destaque nas ações do colégio. Nunca deixei de ser privilegiada em minhas salas de aula, cresci, amadureci e aprendi com o pequeno Anderson, que estava em hipótese diagnóstica de X Frágil. A vontade de ajudar o aluno e sua família, despertou o desejo de buscar conhecimento para aperfeiçoar cada vez mais o trabalho tão importante e essencial para promover a inclusão escolar e conseqüentemente ofertar uma educação de qualidade aos alunos.

Em 2019, após um novo concurso, assumi o cargo na gestão de um colégio que atende a Educação Infantil. Meu primeiro atendimento na nova função foi a uma jovem e aflita mãe de uma criança com paralisia cerebral, que teria a sua primeira experiência na escola. Conhecer o Miguel foi o combustível para o meu trabalho; iniciamos um projeto inclusivo, promovendo brincadeiras inclusivas, confecção de brinquedos adaptados, apresentações e palestras com bailarinas que dançam em cadeiras de rodas, um jogador de vôlei paralímpico e um pintor da Associação dos Pintores com a Boca e os Pés. O resultado foi surpreendente, vimos a transformação de atitudes; ações inclusivas foram criadas e inseridas no cotidiano escolar. A pandemia chegou e demoramos um pouco para nos adaptar, mas logo começamos a atender os nossos alunos remotamente, a inclusão não parou. Iniciamos o projeto para instrumentalizar os profissionais e por meio do Projeto Identidade,

todos os ambientes do nosso colégio são inclusivos, trazendo representatividade, respeito e acolhimento.

Ao final de 2021, ainda na pandemia, com incentivo do meu esposo, iniciei a terapia com um psicólogo e retornei a autoescola, foram meses de muito trabalho, traumas superados, enfim, a tão esperada habilitação chegou, não foi fácil, mas venci os desafios da falta de noção de espaço, a dificuldade de estacionar no lado direito da via e outras dificuldades que ainda não conseguia compreender o motivo. Seis meses após a habilitação, ao trafegar na rodovia Castelo Branco, percebi uma perda na visão do olho esquerdo, meu esposo marcou uma consulta com o oftalmologista. Após inúmeros exames, foi constatada cegueira irreversível no olho direito, causada por toxoplasmose fetal. A médica solicitou uso de óculos para o olho esquerdo, em razão de uma leve perda na visão. O laudo trouxe um certo desconforto, e, junto a todas as novas descobertas, me fez voltar à sala de aula, em 1986, quando sentei sozinha em uma fileira de cadeiras, por não conseguir enxergar; e também a 2017, quando sofri assédio e discriminação de um instrutor, que afirmava sobre a minha incapacidade de dirigir, dentre tantas outras situações que sofri ao longo da minha vida. Esta descoberta serviu para reafirmar e fortalecer a minha convicção pela Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva e trabalhar com afinco e determinação no acolhimento dentro do ambiente escolar.

Neste ano, criamos o Projeto Florescer, em que bimestralmente temos um encontro de acolhimento e troca de experiências com todas as famílias de alunos com deficiência, neste espaço, compartilhamos informações sobre o desenvolvimento do aluno, ações exitosas que ocorreram durante o bimestre e sempre trazemos um convidado que superou algum desafio para incentivar e mostrar o quanto somos capazes, independente da deficiência.

“Um olhar mais apurado e abrangente acerca dos processos inclusivos na educação...”



Minha história se inicia em 28 de março de 1979, um pouco antes das 7h da manhã, na cidade de Betim, região metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais.

Sou primogênito de uma família de três irmãos, filhos de pais que sempre trabalharam arduamente para sustentar minhas irmãs e eu, e que tiveram poucas oportunidades de escolarização formal.

Na infância e adolescência, pude aproveitar os quintais das casas nas quais residi. Em meio às atividades e peripécias de brincar de faz de conta, como subir em árvores, andar descalço, produzir alimentos de barro e folhas, tão peculiar às culturas da infância, eu

apreciava a ideia de lecionar, utilizando lápis, folha pautada de caderno e, às vezes, pedaços de giz branco e colorido que os meus professores deixavam perto do quadro verde, após o término das aulas. Levava-os para casa, no intuito de brincar de escola com minha irmã mais velha e alguns garotos da vizinhança, despertando, assim, o meu sonho de ser professor quando crescesse.

Ainda na fase da adolescência, como tinha facilidade em algumas disciplinas, dentre elas: língua portuguesa, matemática, história e ciências, era convidado por algumas senhoras a auxiliar nos estudos de seus filhos, netos ou sobrinhos. Apesar da minha natureza introspectiva, conseguia desenvolver tal atividade com certa propriedade.

Simultaneamente a essa vontade de ser docente, descobri na arte, especialmente no teatro, um modo de expressão artística que me possibilitava ser muitas outras personas, despertando a imaginação criativa e o sentimento de ter voz, numa região pacata e longínqua do centro urbano.

Ao concluir o ensino fundamental, quis fazer o Curso de Magistério, mas meus pais não permitiram, pois, segundo eles, era um curso para meninas e eu sofreria muitos preconceitos na área. Então, decidi fazer o Curso Técnico em Contabilidade, que não exerci

por inaptidão e desinteresse.

Aproximadamente um ano após concluir o Ensino Médio, comecei a trabalhar em uma Pré-escola, como Coordenador Administrativo, mas estava sempre envolvido com os aspectos pedagógicos da instituição escolar, participando de apresentações de teatro, auxiliando na produção de documentos pedagógicos e organizando atividades didáticas.

Por intermédio da minha mãe e de uma tia da área da saúde, depois de um processo seletivo, iniciei o Curso de Auxiliar de Enfermagem, o qual pude exercer durante dez anos e aprender muito sobre atendimento humanizado, passando por hospitais e clínicas, envolvendo as áreas da clínica médica, psiquiatria, geriatria e neurologia. Contudo, tinha como foco ser professor e continuava tentando o Curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Minas Gerais, por acreditar no direito inquestionável do aluno oriundo do ensino público em sua totalidade de continuar nessa esfera de ensino.

Mudei-me para Belo Horizonte para ficar mais próximo do trabalho na área da saúde e para realizar um dos meus maiores sonhos: cursar teatro na UFMG, o que ocorreu após seis anos de tentativas consecutivas, estudando boa parte do tempo por conta própria. Em 2007, consegui iniciar o tão sonhado curso.

No ano seguinte, saí da área da saúde, porque fui nomeado no concurso para o Cargo de Auxiliar de Biblioteca Escolar, também em Belo Horizonte, retornando, assim, ao trabalho no ambiente educacional. Durante 15 anos nesse cargo foi possível desenvolver alguns projetos aliando arte e educação, por meio da literatura, teatro, música, dentre outras linguagens artísticas.

Durante o Curso de Teatro, deparei-me com a temática da Educação Especial e Inclusiva, que atravessou o meu percurso acadêmico no ano seguinte ao início do curso, quando conheci um grupo de teatro com adolescentes cegos denominado “Nós cegos”, dirigido pela professora de teatro Kelly Criffer, no Instituto São Rafael (doravante ISR), uma escola da rede estadual de ensino especializado em deficiência visual e situado na cidade de Belo Horizonte/MG.

Houve um encantamento imediato quanto à orientação espacial e à qualidade de movimento corporal dos atores em cena. Naquele instante, nasceu em mim a vontade de compreender melhor como aquelas pessoas com privação da “visão dos olhos” conseguiam deslocar-se com tamanha habilidade. Desde então, venho investigando a área da educação especial na perspectiva da educação inclusiva, expandindo os meus estudos.

Naquele mesmo ano, consegui realizar o primeiro estágio de observação no ISR, sob a supervisão do professor Matheus Sant'Ana, com o qual aprendi a construir a interação afetuosa com os alunos, para além do ensino das técnicas teatrais. Após três anos, retornei à instituição escolar para o segundo estágio para o desenvolvimento do Projeto de Intervenção Artística “A corporeidade na cegueira: O desenvolvimento de diferentes possibilidades perceptivas”, com crianças com cegueira e baixa visão, na faixa etária de 8 e 9 anos.

Em 2014, quando concluí a licenciatura, participei do processo de contratação do ISR para o cargo de Professor de Teatro e fui aprovado para assumir a vaga, uma vez que o professor supracitado havia saído.

Lá, permaneci até 2018, desenvolvendo com/para os alunos de 6 a 75 anos atividades com o objetivo de potencializar a consciência corporal e espacial, ampliar a visão residual, ativar os sentidos remanescentes, dentre outros, por meio de exercícios e jogos teatrais; leitura, contação e improvisação de histórias, bem como a construção de espetáculos cênico-musicais e projetos, como o “Palpitações: As múltiplas formas de amar”. Concomitante a esse período, trabalhei com alunos do Ensino Médio, nas modalidades regular e EJA como docente em outras escolas públicas estaduais.

Durante esse período de trabalho como docente, cursei três Pós-graduações (Especialização): Metodologia do Ensino de Artes pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER); Educação Especial e Inclusiva pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais (IPEMIG) e Educação Inclusiva em Contextos Escolares pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Após a saída do ISR, continuei com o trabalho como Mediador de leitura literária na biblioteca escolar e comecei a me dedicar aos estudos para participação no processo seletivo para o mestrado na UFMG, o qual comecei a cursar em 2020 cuja defesa de dissertação ocorreu há quinze dias. Nesse momento, estou fazendo alguns ajustes solicitados pelos professores da banca, para posterior impressão e encadernação para a entrega ao colegiado da Pós-graduação da Faculdade de Educação. O tema da dissertação envolve a mediação do texto literário e a baixa visão numa Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI.

Há dois meses, após nomeação no cargo de Professor Municipal – Artes, regressei ao exercício da docência. Na escola em que trabalho tem muitos alunos público-alvo do

Atendimento Educacional Especializado – AEE e para uma assistência adequada a esses alunos pelos professores, considero ser a formação inicial e continuada nesse âmbito de atuação de suma importância para produzir novos conhecimentos, propiciando, assim, um olhar mais apurado e abrangente acerca dos processos inclusivos na educação, a fim de eliminar as barreiras de acessibilidade encontradas pelos alunos com deficiência e altas habilidades/superdotação no ambiente escolar. Para tanto, este curso de aprofundamento de Atendimento Educacional Especializado – AEE assegurará essa temática e a proposição de ações no ambiente escolar, pois irá contribuir para a minha participação nas reuniões de elaboração do Projeto Político-Pedagógico – PPP na escola; a identificação das necessidades educativas dos alunos com deficiência; a aquisição de materiais de apoio, como softwares, dentre outros recursos tecnológicos.

Além disso, a elaboração do plano de atuação do professor do Ensino Regular e os profissionais de apoio à inclusão, por meio da proposição de estudos sistematizados junto à direção, coordenação pedagógica, professores e profissionais de apoio à inclusão, visando à formação inicial e continuada, bem como o acompanhamento dos professores do Ensino Regular e das famílias quanto ao uso de recursos e estratégias acessíveis com os alunos. Para tanto, almejo intervir nos processos educativos como docente na sala de aula de ensino regular e, posteriormente, findado o período de estágio probatório, pleitear o cargo de Professor de Atendimento Educacional Especializado na Sala de Recursos Multifuncional.

Por conseguinte, minhas expectativas vão ao encontro da aquisição de novos embasamentos teóricos para prestar um serviço de atendimento educacional com maior qualidade aos alunos e construir espaços de maior acolhimento à diversidade humana, além de fomentar o exercício da autonomia e da cidadania, a fim de contribuir para a promoção da equidade e inclusão social.

“Fui e ainda sou questionadora e interessada na transformação dos protagonistas que chegam em nosso caminho...”



Sou Rosemary, nascida e residente na capital de São Paulo, filha do meio de três irmãos. Meu pai possuía o antigo ensino primário e Ferramentaria no SENAI, tendo atuado em metalúrgicas de grande porte na região, até se aposentar. Já minha mãe desenvolvia atividades de prendas domésticas no próprio lar.

Do primeiro ano do primário até o terceiro colegial, estudei na mesma escola estadual, numa região no centro de Santo Amaro, em São Paulo, tendo nesta escola uma estrutura bem sólida e só estudavam em escolas particulares quem não conseguia acompanhar o ensino da escola pública, já que era bem difícil de ingressar.

A escola tinha uma enorme estrutura; quadras de esportes; com vários professores que se formaram e lecionavam na USP; ensino de línguas (Francês e Inglês); aulas com a utilização de sinais para pessoas surdas, visto ter uma escola para educação especial bem próxima à região.

Havia também, na escola, uma sala com médico e enfermeira e outra sala com odontologista e todos os equipamentos, onde éramos atendidos dentro da área da saúde até a oitava série e gratuitamente, inclusive com vacinação periódica do calendário vacinal. E desenvolvíamos atividades junto com a comunidade local, (festa típicas; datas históricas com bandas, fanfarras, desfiles; passeios, etc.).

Nesta época eu pensava em cursar Medicina Veterinária ou docência, mas ao tentar fazer um estágio com 15 anos de idade em uma clínica veterinária para conhecer mais sobre o assunto, desisti no segundo dia, pois foram dois casos graves de animais que tive acesso e achei que não conseguiria atuar nesta área.

O ensino era de qualidade e mesmo não estudando para o vestibular, em decorrência das provas finais do antigo colegial, decidi tentar participar como um teste, em que, na primeira fase da USP, eram necessários 45 pontos; naquele momento e consegui 42, mas

foquei na conclusão do segundo grau.

Eu gostava de atividades sociais, voluntárias, religiosas, artesanato, costura, crochê, tricô, que aprendia com minhas avós. Meu primeiro emprego foi na área administrativa, atuando como Chefe do Departamento de Compras, com 15 anos de idade; também atuei em outras empresas, secretariando gestores.

Conheci meu marido, nos casamos e com um ano e três meses de casada descobri que estava grávida de três meses sem nenhum sintoma e o médico disse que era um caso incomum, um em cada mil poderia acontecer isso e meu filho veio para somar em minha vida, já que optei por me separar com três anos de casada. Foi difícil: um filho pequeno, consegui um novo trabalho, superei as dificuldades, meu filho participava de minha vida, iniciei uma Graduação de Secretariado Executivo Bilingue, tinha aula de informática de sábado e o levava comigo no curso, já que o professor liberava essa possibilidade para que os filhos ficassem com os pais/mães durante a aula e como meu filho demonstrou superdotação desde um ano de idade, percebi uma possibilidade de auxiliá-lo neste sentido.

Ele sempre se destacou, ficou na escola com 8 meses de idade e era hiperativo, tinha enorme facilidade de assimilação de conteúdo, rapidez e na escola queriam que eu fizesse um teste de QI pra ele (como era conhecido na época) e me recusei, pois eu sentia familiaridade com as habilidades dele, não achava que era algo “anormal” que fosse percebido desta forma.

E assim eu preenchia o tempo dele com várias situações, como através de um computador da IBM, que comprei e parcelei o pagamento a perder de vista e meu filho observava os exercícios do meu curso da faculdade e tentava fazer sozinho na aula de sábado e conseguia, com apenas 8/9 anos de idade.

Algum tempo depois tranquei minha graduação de Secretariado por problemas pessoais, meu filho precisava mais de mim e comecei a atuar em minha casa, com atividades de alimentação, já que morava num condomínio e havia muitos apartamentos e pessoas interessadas. Montei cardápio, eram lanches, refeições, comecei a entregar também na empresa onde trabalhei e, assim, enquanto meu filho avançava em seus estudos, introduzi também (vôlei e futebol) preenchendo o tempo dele.

Algumas vezes atuei na área administrativa com prazo determinado, cobrindo férias, licenças-maternidade, aprendendo com tudo isso, onde inclusive fui a uma escola em que meu filho estudou, lecionando como voluntária dos Amigos da Escola, sobre Gastronomia,

Sustentabilidade, artesanato em geral, para formação de renda, no contraturno das aulas regulares da escola.

Meu filho conseguiu uma bolsa no Colégio da Polícia Militar da região, passou no processo seletivo do SENAI como aprendiz de Mecânico de Usinagem, foi contratado com 14 anos por uma empresa que tinha interesse em auxiliar e onde ele só trabalhava no meio do ano.

Quando ele estava quase concluindo o Ensino Fundamental II, terminando o curso do SENAI, continuou com a Bolsa no Colégio da PM no Ensino Médio e foi contratado nesta escola para trabalhar meio período no Laboratório de Informática do colégio e passou no processo seletivo do SENAI Suíço para o Técnico em Informática que iria cursar no período noturno no semestre que iria iniciar.

Com estas questões mais estruturadas, comecei a retomar meus projetos, planos, implementá-los com passos iniciais: passei nos processos seletivos nos cursos Técnico em Nutrição e Dietética e Técnico em Administração do Centro Paula Souza; Técnico em Processamento de Alimentos no SENAI concluindo-os todos com êxito.

Passei no curso Tecnólogo em Gestão Empresarial da Fatec Zona Sul em São Paulo, cursei o primeiro semestre, tive que interromper por ter conquistado bolsa integral de Graduação em Nutrição da UNINOVE.

Fui aprovada em processo seletivo para trabalhar no SENAI e após cursei Licenciatura em Pedagogia na Universidade Virtual do Estado, atuando também como voluntária em vários núcleos sociais desde meus 15 anos de idade, montando oficinas de criatividade para substâncias de ONG e quando a equipe estava funcionando, tudo organizando e gerando resultados para a ONG, não havia mais a necessidade de que eu permanecesse no local, indo para outra ONG reiniciar o processo.

Profissionalmente, atuo eventualmente orientando alunos como suporte aos orientadores de TCC; substituindo docentes da Rede SESI; produzindo doces e chocolateria; orientação nutricional

Participei de dois concursos em 2017 e 2018 na área de alimentação escolar em dois municípios de SP, situando-me em 23º e 25º lugares, mas a pandemia prejudicou a convocação pelo fechamento das escolas, mesmo com a prorrogação por mais dois anos do Edital.

Um pouco antes da pandemia adquiri equipamentos para produção de vídeos, cur-

sos, aulas, que ainda não coloquei em prática, pois fiquei doente logo no início, com sintomas sugestivos e monitorada pelo Ministério da Saúde por alguns meses, com consequentes exames adicionais periódicos. Fiz especializações de Docência para a EPT; Mentoria para a Educação Profissional e Tecnológica, ambos pelo IFES; depois o curso para o AEE na UFJF, que eu já queria realizar por ter tido contado com uma sala de Recursos durante meus estágios; também iniciei recentemente no IFES a Especialização em Design Educacional.

Todos estes cursos têm me auxiliado a praticar, inspirar e compartilhar estes conhecimentos de diferentes maneiras em vários momentos de minha vida, diante das várias atividades que já desenvolvi, desenvolvo e pretendo desenvolver.

Sou extremamente grata a tudo e todos que me fortaleceram neste trajeto, que nem eu sabia que poderia alcançar diante de tantos desafios e “aparente” impeditivos, que somente me mostraram que são “ilusões de ótica”, pois quando há coragem, perseverança, força de vontade e fé, conseguimos realizar sonhos, além do que imaginávamos atingir.

Tenho orientado algumas pessoas em diferentes âmbitos de atuações, mas necessitadas destes aspectos formativos e recebo muitos convites para realizar novos cursos e ultimamente para compartilhar conhecimentos, palestras, participações em eventos, pesquisas, mas até o momento não tenho tido possibilidades de participar.

Também estou inscrita no Banco de Talentos da SEDUC de São Paulo, com várias possibilidades de lecionar, mas gostaria de produzir materiais educativos, palestras, seminários, para professores, alunos, cursar algo na área da Psicologia e Neurociências de que gosto muito também.

Poderia, ao invés de ter redigido uma autobiografia, também ter traçado minha linha da vida, tornando visível essa construção a partir de possibilidades naturais, conscientes ou não, que vão se desenhando mesmo que as ignoremos, ou até sendo manipulados para isso, sendo evidenciadas paulatinamente.

Por uma fatalidade do destino, no último dia 26 de março deste ano meu pai sucumbiu às debilitações agudas de seu estado de saúde, onde veio a falecer e me vi sem chão, pensei em minha vida inteira e todo o trajeto percorrido e meu pai com 81 anos guardava suas memórias, estava lúcido e parte da família o excluía e eu tentava incluí-lo, mas isso não era aceito e compreendi mais ainda que todos temos direitos, mas também temos que demonstrar e praticar os deveres e o que podemos fazer com um pouco de vontade, muito

trabalho e esforço, provando que a vida é muito mais do que percebemos e conhecimento, práticas e saberes são situações que carregaremos conosco muito além do que imaginamos.

Espero que eu tenha possibilidade de externar os conhecimentos em atividades práticas, inspirando, sendo inspirada, colaborando e cooperando com todos que precisarem!!!

Queria acrescentar uma finalização questionadora para todos nós: Meu filho, que todos diziam que era “terrível”, não conseguiam perceber nele a essência solicitando auxílio, empatia, compreensão, convite ao trabalho, ao aperfeiçoamento de quem doa e de quem recebe, numa troca incessante. Ele se tornou um excelente Instrutor de Tecnologia da Informática no SENAI, cursou Graduação em Design Gráfico, concluiu recentemente Engenharia de Informática na UNIVESP, e no dia 1º de abril de 2023 começou na unidade do SENAI que administra as duas unidades em que ele estudou, sendo requisitado para transferência da unidade em que estava e promovido a coordenar o curso e docentes de TI, com 35 anos de idade. Ajudou a formar muitos alunos, sendo empático e vendo neles a nossa luta, pois até os pais perceberam as evoluções dos filhos.

Tudo o que estudei, estudo, compartilho e explico para ele, tentamos não deixar ninguém para trás, mas sempre inspirar àqueles que não desejam sair do lugar, revisitando-os periodicamente com provocações reflexivas e inspiradoras.

Tive que adiar meus sonhos lá atrás porque eu tinha um filho superdotado, que ninguém compreendia, mas eu fui e ainda sou questionadora e interessada na transformação dos protagonistas que chegam em nosso caminho.

Ontem, enquanto eu concluía este documento ele me telefonou ao final da noite para falar sobre a despedida da sua unidade atual e de tudo que ele falou no discurso e ouviu de alunos e equipe de gratificante convite ao prosseguimento e superação de novos desafios.

Podemos excluir as pessoas que são diferentes? Podemos ignorá-las? Vamos ter problemas, desafios, cansaço, tristeza, lutas, sentimentos contraditórios? Sim e em muitos momentos e, como a Sara, nossa querida tutora disse sobre eu ser resiliente inúmeras vezes, é assim que tenho sido desde que me conheço, sempre olhando para frente e aceitando o que a vida me proporciona e buscando respostas sobre isso e intervenções.

Sempre quis atuar nesta área, com tudo o que é diferente, porque eu sou diferente e tentaram me colocar dentro de uma caixa, me limitar e fazer o mesmo com meu filho e eu fui demonstrando a cada pessoa que assim agiu que havia espaço para todos nós vivermos

em harmonia, respeitando-nos e aprendendo com cada etapa do trajeto.

Gratidão eterna aos educadores que tivemos em nossas vidas, que conseguiram perceber em nós a possibilidade da mudança e da superação.

Eu apoio meu filho, sou rígida, brava e firme quando tive, tenho e terei que ser, mas sempre construindo e nunca destruindo etapas, mas ampliando contextos e aprendendo com tudo o que ocorre em minha vida, nossas vidas, nas vidas de todos.

Nestes dias, uma amiga me disse ao ouvir um problema dela onde eu fiz alguns comentários, que “eu sempre encontrava algo para aprender, um ensinamento, até nas piores coisas” e eu disse que aprendi a ser assim, ou sempre fui, pois ser vista como um ET que caiu na Terra por engano não é nada fácil e lutar para que meu filho se aceitasse e se desenvolvesse também não foi fácil.

No curso Técnico de Administração do Centro Paula Souza, meu professor me colocou num grupo com 6 jovens, hiperativos com idade de 23 a 25 anos e foi muito difícil fazer as atividades em grupo com eles, mas conseguimos e segundo a Diretora da ETEC foram os melhores trabalhos já realizados e que têm inspirado outros jovens e o nosso TCC foi uma Empresa Júnior de Turismo específica para pessoas com deficiência, escolha destes jovens, que hoje são chefes de suas famílias, tenho contato há mais de 10 anos e acompanho suas evoluções.

Isso é a vida sendo escrita todos os dias!!! E o impossível pode até existir, mas na maioria das vezes somos nós que não sabemos interpretá-lo, reconhecê-lo como um aprendizado desafiador que podemos enfrentar e descobrir caminhos alternativos para nossa própria iluminação, agregando luz, cor e energia de quantos estiverem perto ou longe, reconhecendo a importância de cada um em nossas vidas.

“Todos os sujeitos, independentemente de sua deficiência e/ou limitação, podem aprender e participar ativamente das atividades escolares...”



Sou oriunda de uma família de 2 irmãos, sendo eu a primogênita com mais de 33 anos. Moro com minha mãe e meu irmão. Ela estudou até o 4º ano primário. Minha mãe é uma das maiores incentivadoras para que eu continue estudando e me qualificando profissionalmente. Ela, meu irmão e eu tivemos nossa escolarização básica na rede pública de ensino.

Exerço a profissão de professora na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental há mais de cinco anos. Antes de falar da minha formação acadêmica e das minhas experiências profissionais, gostaria de partilhar uma situação que marcou minha trajetória escolar, quando cursava o 7º ano no ensino

fundamental. Na turma, havia um colega com deficiência, o qual não participava das atividades em grupo e das atividades ministradas no espaço recreativo da escola. Observei durante aquele período que poucos professores lhe davam atenção.

Meu colega de classe andava sobre as pontas dos pés e verbalizava com dificuldade. Naquela época, não existia professor de apoio à inclusão. Em um determinado dia, perguntei ao professor de Educação Física o motivo pelo qual o aluno não participava da aula e não realizava as atividades conosco, ou seja, com os demais alunos da sala. Recordo, em parte, que havia muitos argumentos que eram baseados na limitação motora e por não ter ninguém para ajudá-lo, além do risco de se machucar sem esse auxílio.

Um certo dia, a turma tinha feito uma roda para brincar de rebater a bola, o nosso colega de turma chegou e ficou olhando de longe como se quisesse jogar também. Nós o chamamos para participar e ele aceitou. No início da brincadeira, sempre que a bola era jogada em sua direção ele a pegava e saía correndo com ela agarrada em seus braços. Toda a turma ia atrás dele para pegar a bola de volta. Explicamos e mostramos para ele como era a brincadeira. Depois de um tempo repetindo as regras do jogo, ele conseguiu

permanecer na roda e passar a bola para os outros colegas. Desse dia em diante, passei a acreditar que todos os sujeitos, independentemente de sua deficiência e/ou limitação, podem aprender e participar ativamente das atividades escolares, sendo o protagonista de seu próprio desenvolvimento.

Nessa perspectiva, Mantoan (2006, p. 24) defende que “a inclusão é, ao mesmo tempo, motivo e consequência de uma educação de qualidade e aberta às diferenças”, considerando, assim, o importante papel dos profissionais da educação quanto ao respeito à diversidade existente desde o princípio da escolarização.

Desde os primeiros anos de vida, sonhei em ser professora. Após algumas vivências como aluna da rede pública de ensino e observando situações de exclusão, o tema inclusão despertou em mim o interesse em buscar novos saberes. Assim sendo, formei-me na área da Pedagogia com aprofundamento em Necessidades Educacionais Especiais e, posteriormente, cursei Licenciatura em Educação Especial.

Posso dizer que tive uma formação de qualidade técnica e humana significativa, a qual pude compreender alguns processos de aprendizagem no âmbito da Educação Especial numa perspectiva da Educação Inclusiva, aprendendo a respeito de síndromes, altas habilidades/superdotação, deficiência motora (física), intelectual, sensorial (visual e auditiva) e transtornos.

Penso que boa parte dos profissionais recém-formados acredita que tudo será perfeito no exercício de sua trajetória profissional, pelo menos eu acreditava nisso, já que tinha uma boa bagagem teórica para ser colocada em prática. Confesso que algumas práticas educativas foram bem sucedidas; outras, nem tanto!

A interação entre teoria e prática pode fazer sucesso com uma turma, mas não com todas, uma vez que existe um público heterogêneo dentro do ambiente escolar que carece de nós educadores uma qualificação profissional por meio da formação continuada.

Esse anseio por continuar buscando novos conhecimentos veio quando recebi em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, no ano de 2018, um aluno com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), com grau severo e uma aluna com Deficiência Intelectual (DI).

Com esses alunos foram construídos alguns recursos e estratégias de acessibilidade para a realização das atividades. Aos poucos, eu os conheci e percebi aquilo que eles mais gostavam e o que não gostavam. Observei também que havia ausência de interesse pela escrita, pois o registro escrito pode ser algo penoso para alguns alunos com defici-

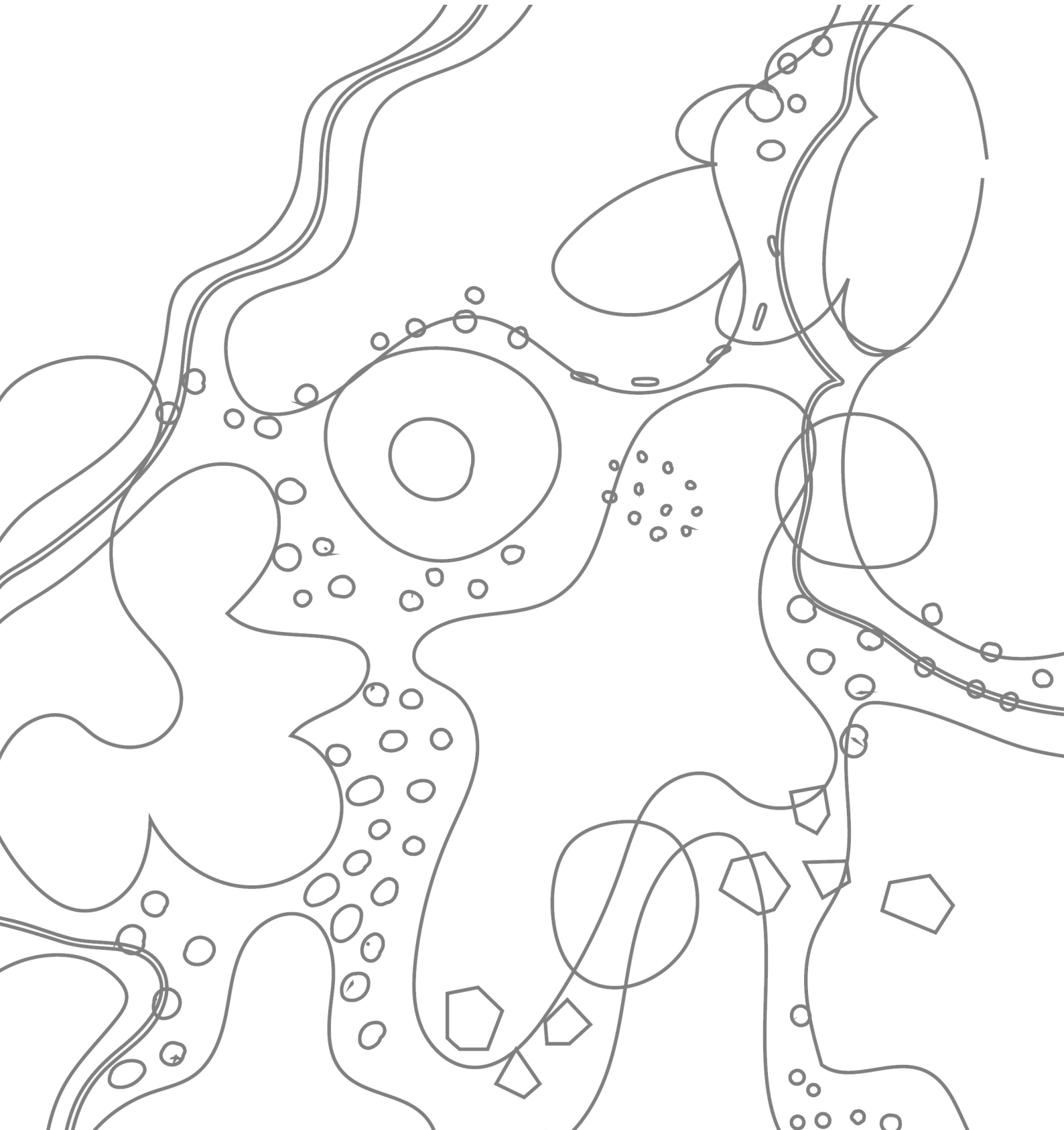
ência, que têm a coordenação motora fina comprometida, inviabilizando o movimento de pinça dos dedos para pegar um lápis. Então, optei por estimular a exploração do espaço da sala de aula e, naquele momento, identifiquei que o pincel e o quadro eram materiais que os atraíam e que acabaram sendo instrumentos essenciais para os registros feitos por eles. Assim, a participação foi aumentando gradativamente nas aulas, juntamente com os colegas mesmo sendo por curto período, devido ao intenso barulho, e isso é desafiador para a pessoa com TEA.

A partir das memórias relatadas até aqui, pude notar que a PcD e com TEA ao explorar o meio em que se encontram outras crianças, ela estabelece relações de afeto, de confiança com o espaço e com o outro, desde que haja práticas educativas especializadas e, assim, vai aprimorando também seus aspectos cognitivos e sociais. Conseqüentemente, permitindo o direito à aquisição de novos saberes em um ambiente escolar que propicie à criança ter voz, principalmente a com deficiência.

Todos os educandos têm o direito a uma educação de qualidade e que sejam vistos pelos demais personagens da escola para além das suas dificuldades e limitações. Sigo acreditando na necessidade de ressignificar o espaço escolar para que seja um lugar onde possa ser encontrada a equidade, ou seja, a oferta daquilo que o aluno necessita em suas especificidades para se desenvolver, participar ativamente e aprender, além do reconhecimento de que cada sujeito possui sua singularidade e o direito a uma educação justa e igualitária para o exercício da cidadania.

PARTE II:

Trajelórias profissionais: o AEE como formação continuada



“Tive contato com uma criança com TEA que me chamou à atenção...”



Ariane Monteiro Siqueira
São Paulo (SP)

Foi difícil pensar sobre como cheguei na Educação Especial... Seria muito fácil indicar meu percurso como professora. Talvez deva começar por aí.

Desde pequena, vivenciei o papel de professora corrigindo as atividades feitas na escola, como se fossem de meus alunos, quando também escrevia com giz de lousa em uma das portas de madeira da casa de meus pais. Nunca fui uma aluna excelente, mas era muito dedicada, o que pode ter compensado minhas limitações devido ao capital cultural restrito que possuía.

Ao final do Ensino Médio, comecei a trabalhar e após dois anos me inscrevi em um curso técnico de Auxiliar de Enfermagem. Migrei para esta área pensando

em atuar com idosos, o que fez com que mais à frente pensasse em cursar Gerontologia. Em certo momento da vida, deparei-me com a necessidade de fazer algumas mudanças e ingressei em um cursinho pré-vestibular. Seja pela necessidade ou pela experiência de vida de dois de meus três irmãos, ingressei em uma universidade pública. Inicialmente escolhi o curso de Pedagogia pensando em trabalhar com idosos na EJA, mas logo os planos mudaram.

No período em que estive na graduação trabalhei com uma pesquisa de Iniciação Científica e não ingressei na sala de aula. Meu contato com a escola se dava via estágio, dentre os quais ocorreu na disciplina de Educação Especial.

Lembro-me de ouvir minha professora mencionando que pouco ou quase nada havia mudado na Educação Especial e que, em meu estágio, observei que, mesmo incluída fisicamente, a criança que acompanhei não vivenciava as experiências escolares em plenitude. Passava um bom tempo deitada em um colchão.

Em minha primeira experiência efetiva como professora, pois antes havia atuado como assistente de sala, atuei com uma criança com deficiência intelectual (Síndrome de Down). A “Maricota”, maneira carinhosa de chamar a Maria Antônia, era uma criança bastante cativante. Conhecida por todos, sempre nos abraçava e fazia com que acompanhássemos seus pequenos avanços com muita empolgação. Ali no contexto da Educação In-

fantil, em uma sala de crianças com dois anos, poucos eram os traços que a diferenciavam das demais crianças. Foi via Maria Antônia que participei de um encontro na Associação de Assistência à Criança com Deficiência (AACD) para dialogar com os profissionais que a acompanhavam na instituição. Fui convidada a ir até lá fora do meu horário de trabalho, mas fui com o desejo de compreender um pouco mais sobre a sua condição.

Em meu primeiro ano na Rede Municipal de São Paulo não tive uma sala fixa, fiquei como módulo, professora substituta. Nesta ocasião tive contato com o Gabriel. Diferente da criança anterior, Gabriel apresentava estereotípias, não apresentava um olhar compartilhado e apenas balbuciava, contexto em que contava com quatro anos completos. Era um menino tranquilo e gostava de propostas com músicas. A família estava começando a buscar por um atendimento especializado e a sua professora regular tentava pensar em formas de agregar valores a sua aprendizagem, mas observávamos poucos avanços em seu desenvolvimento.

Em minha terceira escola na rede, um espaço reconhecido por ser inclusivo, tive contato com crianças com deficiência intelectual, física, auditiva e com TEA. Em uma escola com oito salas, tínhamos cinco crianças público-alvo da Educação Especial. Era interessante observar que até as crianças com a mesma condição, tal como o TEA, eram muito diferentes em seus fazeres e interações. Foi, então, que no ano passado, já em outra escola, tive contato com uma criança com TEA que me chamou à atenção. Criamos uma estreita afinidade, tínhamos um carinho muito especial um pelo outro e em alguns momentos estive em sua sala como professora substituta. As professoras regulares desta criança não compreendiam suas necessidades, sua procura por desafios, por materiais diversificados, pela necessidade de intervenção e mediação e nos dias em que estive com ele, sempre me mantive perto, tentando ser uma parceira em suas descobertas. Ele foi ficando mais calmo e a equipe da escola foi percebendo que realmente me dedicava a cuidar e a educá-lo. A inflexibilidade das professoras dele me incomodava bastante, mas minha atuação junto delas era bastante restrita. Foi então que iniciei o curso Educação Especial com ênfase no Espectro Autista, proposta articulada entre a UNESP e a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, e mais uma vez pude estar com a criança em questão devido a um estágio voltado à comunicação alternativa.

Estendi este estágio a outra criança da unidade e ao mesmo tempo que percebia que estava aprendendo mais, também observava que tinha muitas dúvidas quanto à minha

atuação, particularmente sobre a condução das propostas em relação à comunicação alternativa, pois muitas eram e ainda são as minhas dúvidas a este respeito.

Em meio a esta experiência soube do curso de Serviço de Atendimento Educacional Especializado da UFJF após me lembrar que em meu primeiro ano na rede municipal de ensino participei de um curso voltado à Educação Física nesta mesma instituição. Minha procura se deu porque mesmo fazendo a especialização voltada apenas ao TEA, trabalharei na rede em salas de recursos multifuncionais com pessoas com outras condições, o que me fez crer na necessidade de ampliar as minhas possibilidades de aprendizagem.

Já surgiram outros planos no meio do caminho, tais como a Fonoaudiologia e a Musicoterapia, já que tenho uma forte relação com a música e em contato com crianças com autismo observei interesse e motivação por propostas que envolviam esta linguagem.

Para além disso, recentemente surgiu em minha rede a possibilidade de atuar como Professor de Apoio Especializado (PAEE colaborativo) na Educação Infantil, etapa com a qual leciono desde a minha formação em 2011. Esta oportunidade gerou em mim, e em algumas professoras da minha unidade, uma grande expectativa, pois neste ano todas as nossas turmas têm alguma criança com deficiência intelectual ou TEA. Contudo, em minha rede de ensino há uma preferência pela colocação de professores nas EMEFs, tendo em vista a alta demanda e a necessidades crescente. Ainda assim, entendemos que quando a rede não dá visibilidade à primeira etapa da formação dos estudantes, deixa de fazer as incursões necessárias em um momento de grande plasticidade cerebral.

Há muito ainda a aprender e um grande caminho a ser percorrido. Espero ter condições de apoiar as crianças e os adolescentes da nossa rede de maneira efetiva, auxiliando meus colegas professores em sua jornada de formação e de autoformação.

“Precisei aprender a aprender para, assim, conseguir ajudar meus alunos...”



Carla Regina Gouveia Monroe
São José de Ribamar (MA)

Uma frase bem conhecida de Piaget diz que “o ideal da educação não é aprender ao máximo, maximizar os resultados, mas é antes de tudo aprender a aprender, é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola.” (PIAGET, 1977, p. 225 apud EIDT,2010, pág. 169). Essa é uma frase que me identifico bastante, pois na minha trajetória de vida acadêmica me encontrei em momentos muitos difíceis por não ter conhecimento suficiente sobre determinado assunto. Mas como assim, Carla?

Assim que passei no vestibular para Pedagogia na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) em 2015, imaginava que seria um curso em que eu estaria

me preparando para ser professora de educação infantil, apenas. Com o decorrer de um ano, consegui um estágio em uma escola privada e foi quando tive contato com os alunos com deficiência, em especial os com Transtornos do Espectro Autista (TEA) e Paralisia Cerebral. Encontrei-me diante de uma situação muito incômoda, pois eu seria responsável por dar todo apoio àquelas crianças e é onde se encaixa a citação acima “o ideal da educação não é aprender ao máximo..., mas antes de tudo aprender a aprender...”

Precisei aprender a aprender para, assim, conseguir ajudar meus alunos. A cada etapa do desenvolvimento deles, eu me sentia muito realizada por ver que eles estavam conseguindo superar suas limitações de alguma forma. O carinho deles e o olhar me dizendo que contavam comigo era muito grandioso enquanto profissional. Assim, comecei a focar meus estudos e trabalhos da faculdade para área da educação especial. Era um ramo da educação que, para mim, era desconhecido e me incomodava não saber como trabalhar, enquanto uma professora. Procurei me preparar e continuo me preparando para exercer meu papel com compromisso e honra diante de meus alunos.

As dificuldades que encontramos nessa área ainda são muito grandes, por isso, a capacitação e o conhecimento são essenciais. “Aprender a se desenvolver” é muito mar-

cante em minha vida... precisei aprender a me desenvolver diante do desconhecido, do medo que senti no início de não saber como trabalhar, que atividades desenvolver, entre outros. Por isso, a Educação Especial é um marco em minha vida e a busca pelo aperfeiçoamento para um trabalho excelente enquanto profissional.

O curso AEE é um degrau mais acima para minha formação, pois o que pretendo realmente é ajudar meus alunos a enfrentarem suas barreiras, mostrar à sociedade que crianças com necessidades especiais ou com qualquer tipo de deficiência são, antes de tudo, seres humanos com vontades próprias e anseios por conquistas e realizações pessoais.

Desta forma, busco quebrar barreiras, não apenas maximizar o conhecimento, pois isso depende do que cada sujeito quer para si, mas quero aprender com eles e que eles aprendam comigo, seja em sala de aula regular ou em sala de AEE. O conhecimento deve ser significativo para ambas as partes. Não quero que meus alunos sejam apenas ocupadores de cadeiras ou um número a mais para o governo. Em minhas experiências de sala de aula, vi que muitas crianças foram ignoradas e/ou taxadas de “burras” simplesmente por não conseguirem realizar as atividades da professora.

O curso de SAEE trouxe uma nova oportunidade ao meu crescimento profissional e espero com ele oferecer um bom apoio pedagógico aos meus futuros alunos.

**“Tem me transformado não só em uma educadora
melhor, mas em um ser humano melhor...”**



Com o intuito de retratar parte significativa de minha trajetória educacional, cheguei a um consenso de que seria conveniente neste momento evidenciar práticas aliadas à educação inclusiva, mesmo que não fosse uma atuação direta na Sala de Atendimento Educacional Especializado.

Iniciei minha trajetória como educadora no ano de 1995, atuando na Educação Infantil, no segmento denominado Série Inicial, na época referia-se à classe de alfabetização. Durante esse período, muitos educandos passaram em minha vida com algumas questões como hiperatividade, Déficit de Atenção, Transtorno Opositivo Desafiador, dentre outras necessidades educacionais,

no entanto foi só no ano de 2005 que tive a oportunidade de trabalhar com um aluno cadeirante com hidrocefalia. Foi uma experiência intensa, pois na época não existia apoio e, como se tratava de uma instituição privada com poucos recursos, era a professora regular quem tinha a responsabilidade de cuidar de todo o processo, desde a higiene à adaptação de conteúdos, além é claro de orquestrar toda a turma. Aprendi muito de forma autodidata, mas foi uma experiência gratificante, até mesmo porque ele só não tinha os movimentos da cintura e pernas e um leve comprometimento na caligrafia, no mais, conseguia acompanhar o currículo sem muitas adaptações.

No ano de 2007 iniciei minhas atividades como professora no Ensino Superior no curso de Graduação em Pedagogia pela FIC (Faculdades Integradas de Cataguases) hoje FIC_UNIS e um leque de possibilidades em relação à formação continuada se abriu. E então ingressei no Curso de Pós Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional numa Perspectiva Inclusiva.

Os anos se passaram e em 2016 tive uma aluna autista, que possibilitou um aprendizado ainda mais intenso, nesta época já pude contar com um professor de apoio como parceiro pois havia ingressado na rede pública de ensino. Foi neste mesmo período que

o conhecimento sobre o autismo e a possibilidade de parceria com a Sala de Atendimento Educacional Especializado se tornaram mais acessíveis. Um verdadeiro marco histórico em minha profissão, pois inovei minha prática com a utilização de recursos lúdicos e uma atuação mais fundamentada.

Atualmente continuo lecionando tanto na rede pública como alfabetizadora de uma escola de Ensino Regular quanto no curso de Graduação em pedagogia e procuro sempre alinhar as duas realidades, mostrando a prática que vivencio para meus graduandos com o intuito de que façam um caminho um pouco mais curto do que o caminho que tive que traçar para chegar onde me encontro hoje, não pronta, mas com uma bagagem significativa.

Após a pandemia, as crianças vieram com muitas necessidades educacionais e foi um novo desafio não só para mim, mas acredito que para milhares de educadores, no entanto, não tive nenhum aluno com algum diagnóstico. Neste ano de 2023, o presente veio multiplicado por quatro! Tenho um cadeirante com um quadro inicial de Leucoencefalomácia e atraso importante no desenvolvimento neuropsicomotor, CID 10 G80.0(Encefalopatia crônica) devido à paralisia cerebral quadriparética espástica, apresenta déficit motor em 4 membros, lado direito com pouca estimulação e atraso na fala, mas uma ótima intenção comunicativa, pronuncia algumas palavras, aponta, gesticula e direciona o olhar para os objetos ou para quem está falando, consegue compreender comandos verbais curtos, realiza escolhas, atende ao ser chamado pelo nome. É a alegria em pessoa! Uma criança que nos motiva a buscar!

Temos também dois autistas, que não necessitam de tantas adaptações, pois conseguem acompanhar o currículo tranquilamente, em virtude da metodologia lúdica e concreta da qual não abro mão.

E por fim, uma criança com baixa visão por sequelas de Toxoplasmose congênita em AO (lesão ocular e encefálica), CID P371 F 81.9, refração de EPR (constitucional) EM AO, Cicatriz mácula em OD, cicatriz perimacular em OE.

Essas crianças são minha motivação diária pela busca constante por conhecimento e capacitação! A cada dia aprendo mais e fico mais motivada a buscar e compartilhar tecnologias assistivas, recursos inovadores! Esse momento tem me transformado não só em uma educadora melhor, mas em um ser humano melhor!

**“Precisamos enxergar além, além das limitações,
além das barreiras, além da invisibilidade...”**



Elza Costa Porto De Oliveira
Dourados (MS)

Esta biografia vem expor um pouco da minha história e experiências formativas e profissionais implicadas na construção da minha identidade enquanto professora.

Sou Elza Costa Porto de Oliveira, tenho 45 anos, sou casada e tenho 3 filhos, todos adultos.

Meu trabalho como professora na escola regular iniciou-se em 1998 e nele permaneço até os dias atuais. Essa vivência me possibilitou compreender um pouco da amplitude que envolve desde a educação infantil indo ao final da primeira fase do ensino básico, passando pelo cursinho pré-vestibular, chegando até a educação especial, e passando também pela coordenação escolar.

Também me proporcionou vivenciar e entender um pouco das dificuldades que um professor e gestor enfrentam em seu dia a dia, na busca da melhor realização do seu trabalho na escola.

Mesmo depois de quase 25 anos de profissão, continuo com muita certeza de que acertei na minha escolha profissional e que, apesar de ter iniciado a minha carreira insegura, com muitas dúvidas e incertezas, a minha força e vontade em aprender e ensinar era maior que qualquer dificuldade ou decepção.

Dessa forma, trago lá do fundo da memória o começo de minha trajetória profissional, porém antes é preciso salientar que, no início de minha formação no ensino médio, esse não era meu desejo, fui obrigada a fazer o curso de magistério, pois na escola mais próxima de onde eu morava (que nem era tão próxima assim) a demanda de alunos era muito grande e as vagas para o colegial eram poucas; conclusão: ou fazia o bendito magistério ou procuraria vaga em outro lugar. Não tive escolha, minha mãe me matriculou no “tal magistério” mesmo. No primeiro ano, fui obrigada, detestava aquilo tudo, mas no segundo as coisas começaram a mudar, veio a disciplina de didática que era a minha preferida, depois psicologia educacional e então, a cada dia que passava, eu ia gostando mais “desse

magistério”. Quando chegou o terceiro ano, eu estava certa que era aquilo que eu queria fazer: “ser professora” e fazer jus ao nome que minha mãe me deu em homenagem a uma professora que ela teve na infância e que encheu sua trajetória escolar de encanto. Então, eu seria a professora que encantaria os alunos por onde eu passasse?

Formei-me em março de 1996 e no outro mês fui convidada a trabalhar em uma Creche hoje denominada Centro de Educação Infantil Municipal (CEIM). Lembro-me como se fosse hoje, um monte de criança no refeitório em mesas gigantescas, todas esperando para tomar o café da manhã e ali havia somente duas funcionárias para servir aquela criançada toda. Eu fiquei só olhando, afinal de contas eu havia sido contratada para dar aula (eu era a professora). Depois que terminaram de tomar o café e as crianças foram divididas pela faixa etária, peguei a turminha que me cabia (30 crianças de 04 anos) e fui para a sala, enquanto isso uma das funcionárias me acompanhou e disse: “Vou falar uma coisa mas não quero que se chateie, você precisa ajudar a servir o café para as crianças, na hora do banho precisa ajudar e na hora do sono também”. Logo respondi: “obrigada pela dica, não me informaram que era para fazer tudo isso”, (mas confesso que fiquei assustada, achava sinceramente que minha função ali era somente “dar aula”. Mas ao final do meu turno sai daquele lugar com muitas indagações, o que estou fazendo aqui? Isso é dar aula? Acho que não é isso que quero para mim. Mas confesso que ali iniciou o meu aprendizado enquanto professora, que o professor acaba às vezes inconscientemente ou por imposição das situações se tornando aquele que ensina, o que aprende, que às vezes consola, que às vezes cuida, que às vezes se torna médico, psicólogo e até ironicamente “mãe”, “pai” e até “avó” (quando os alunos se confundem).

Em 1998, entrei para a faculdade para cursar Letras, pois queria ter uma experiência diferente lecionar do 5º ao 9º ano. Aos trancos e barrancos, terminei a faculdade, porém já com uma certeza que havia adquirido nos estágios supervisionados “o que realmente eu não queria era dar aula para adolescentes.”

Permaneci no CEIM até 2003, quando surgiu uma oportunidade para trabalhar em uma Escola que oferecia educação pré-escolar até o 5º ano. Nessa época eu já estava concursada, então pedi remoção para a referida escola, estava cansada do CEIM e queria uma experiência nova. Fui trabalhar com o Pré-escolar e me deparei com uma situação similar ao CEIM, sala lotada, mas com uma diferença: agora eu não era mais a “tia da creche” eu seria a professora do pré-escolar, mas junto com a titulação vinha também a cobrança,

“essas crianças precisam sair alfabetizadas para o 1º ano”, e agora? O que fazer? Tinha criança que não estava aprendendo, ai meu Deus! Eu já estava começando a achar que era melhor ter continuado sendo a tia da creche.

Concomitante com o trabalho na escola em 2003 fui convidada a ministrar aulas de literatura e produção textual para o Cursinho preparatório para o vestibular oferecido pelo estado, então com muita insegurança resolvi aceitar e obter mais uma experiência profissional em minha vida. No início, foi meio assustador tínhamos que nos deslocar por várias escolas que ofereciam o cursinho, salas superlotadas e neles haviam adolescentes, senhores e senhoras de idade que buscavam um pouco mais de conhecimento para tentarem entrar na tão sonhada faculdade, era uma realidade bem diferente da qual eu havia vivenciado, via-se pessoas interessadas que mesmo cansadas após um dia de trabalho estavam buscando meios para tentar mudar de vida. Ali mais que alunos fiz amigos para a vida toda, mas no outro ano por motivos pessoais não pude continuar com essas aulas noturnas, permanecendo apenas com um período na escola regular.

Os anos foram se passando e aos poucos fui aprendendo a lidar com cada situação, com cada imprevisto, com cada criança que chegava até mim, já estava segura e mesmo com todas as dificuldades eu gostava muito do que estava fazendo.

Em 2007, fiz meu segundo concurso e dessa vez optei pelo ensino fundamental (etapa inicial), pois alfabetização era algo que eu gostava muito e então fui aprovada; assumindo minha vaga em uma Escola Municipal bem diferente do qual eu estava acostumada. Essa escola era bem grande com muitas turmas e atendia o ensino fundamental primeira e segunda etapa, e como eu estava chegando agora fiquei com a turma que havia sobrado (alunos repetentes e/ou com dificuldades de aprendizagem), só ouvia alguns professores falarem: Nossa você ficou com o 2º D? Coitada!! mas isso não me intimidou não, não vou dizer que foi fácil, havia dias que eu saía com vontade de chorar por me achar incapaz de alfabetizar aquelas crianças, mas quando chegou o meio do ano letivo pude observar o quanto alguns haviam melhorado e isso me encheu de orgulho, me fez seguir em frente. Porém recebi a proposta de remover meu concurso para a escola na qual eu já trabalhava desde 2003, não pensei duas vezes, era isso que eu queria, lá era o meu lugar.

Chegando à escola assumi uma turma de 4º ano (a professora havia se aposentado) até me assustei! Os alunos eram maiores que eu, a maioria com distorção idade/série, 13 e 15 anos no quarto ano, mais um desafio que eu enfrentaria, pois lá estavam os “benditos”

adolescentes dos quais eu havia fugido na minha formação e agora teria que encarar. Mas foi um semestre de muita luta e aprendizado, consegui terminar o ano letivo. Mas a partir daí tive a plena certeza que eu preferia trabalhar com os alunos menores.

De 2008 em diante sempre trabalhei com turmas de alfabetização (1º e 2º ano) me sentia realizada com os pequenos, tive a plena certeza que tinha nascido mesmo pra ser professora alfabetizadora.

Em 2010 foi implantado em algumas escolas do município de Dourados (MS) o Programa Mais Educação e nossa escola foi contemplada, então recebi o convite do diretor para ser a coordenadora do Programa na escola, fiquei em dúvida mas decidi aceitar este novo desafio, pois tudo que é novo assusta um pouco, foram três anos de lutas (falta de estrutura física) de decepções (falta de apoio dos próprios colegas de profissão) mas também de muitas alegrias (ver como os alunos gostavam de ir à escola no contraturno, saber que muitos que ficavam na rua sem ter o que fazer estavam protegidos aqui) e de ver os avanços alcançados por alguns.

Porém, em 2013 com a mudança de gestores municipais, todos os coordenadores do Programa Mais Educação foram trocados por funcionários contratados e então voltei para a sala de aula, um turno com o pré-escolar e outro com o 1º ano, era o que eu mais identificava (amava trabalhar com os alunos menores). No segundo semestre deste ano, uma das coordenadoras se afastou para fazer mestrado e novamente fui convidada a assumir o seu lugar. Mais uma experiência nova, quando estamos em sala de aula vemos o papel do coordenador completamente diferente do que na realidade é, são muitos trâmites burocráticos, atendimento a pais, professores, formações e sem contar os “pepinos” que surgem para serem resolvidos, foi uma experiência muito rica, passei a entender e vivenciar de perto mais um dos segmentos da escola.

Em 2015, quando a coordenadora retornou, voltei novamente para a sala de aula comum, mas no final do primeiro semestre a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola foi transferida para o CEIM e novamente fui convidada para ficar em seu lugar, tendo em vista que já tinha formação e vários cursos na área da educação especial, fiquei em duas escolas diferentes (20h em cada uma) sendo que em uma delas estava sendo implantado o AEE e montada a sala de recursos. Foi um semestre de muito estudo e aprendizado, conhecimento e reconhecimento de conceitos, aceitação e também de confronto, pois nenhuma mudança acontece sem conflitos e infelizmente a educação

especial na escola comum causa muito conflito.

No segundo semestre de 2016 fui designada a ficar somente em uma escola, (poderia voltar novamente e ficar as 40 horas na “minha escola de origem”), agora já estava bem indecisa sobre voltar ou não, afinal lá havia muitos casos desafiadores, (como TEA e Deficiência Intelectual), porém resolvi voltar pois aqui conheço os pais, uma parte da comunidade e a maioria dos alunos que fui professora do irmão, do primo, do vizinho, etc., existe todo um lado afetivo por este lugar.

E assim continuo minha missão até os dias atuais, como professora do AEE, algo que gostei muito, que me identifiquei, que acredito e mesmo sabendo que por mais que se estude, sabemos muito pouco (cada aluno é um desafio diferente), quero muito aprender, buscar e me aperfeiçoar e dar o melhor de mim para algo que acredito e afirmo que vale a pena. Sei que será um trabalho árduo e contínuo, mas não me importo, não tenho receio de enfrentar desafios.

Aproveitando a frase de Augusto Cury: “Todos fecham seus olhos quando morrem, mas nem todos enxergam quando estão vivos.” Vejo o trabalho no AEE como um constante enxergar o outro enquanto pessoa, enquanto muitos fecham os olhos e os deixam passar despercebidos, precisamos enxergar além, além das limitações, além das barreiras, além da invisibilidade.

“A inclusão efetiva e humanizada em salas de aula não era real...”



Gilsinéia Corrêa Henrique
Magé (RJ)

Meu nome é Gilsinéia Corrêa Henrique, tenho 37 anos, nascida na maternidade pública, no município de Duque de Caxias (RJ). Filha de Dona Ester e “Seu” Girson, do lar e vidreiro ambos ex-lavradores no interior de Minas Gerais. Última de uma família de 9 irmãos, a qual, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, se manteve íntegra.

Fruto da educação pública, fui uma das poucas na família a concluir o ensino médio no fluxo escolar hábil, afinal na época esta formação acadêmica era considerada uma ostentação para famílias de baixa renda. Naquela época inexistiam programas sociais, assim como a universalização da distribuição do livro didático

no ensino médio, visto que concluí o ensino médio dois anos antes da implementação da distribuição parcial dos livros didáticos. Como não havia apoio por parte do principal provedor da família em dar prosseguimento aos meus estudos, a solução foi procurar uma maneira de obter minha própria renda para assim adquirir meu material didático, uniforme e afins, sendo a vaga/matrícula adquiridas por intermédio de uma irmã mais velha, que também não obteve o ensino médio na época. Foi então que iniciei aulas de reforço para alunos do primeiro e segundo segmento do ensino fundamental, vulgo explicadora, iniciando o mundo da docência em minha vida.

Naquela época, a instituição na qual havia obtido a vaga para o ingresso no ensino médio, a vertente profissionalizante era composta pelos cursos normal e formação geral. Uma vez que naquele momento não tinha menor pretensão de me tornar professora, devido às más condições de trabalho, desvalorização manifesta por baixos salários, entre outros fatores, optei pelo curso de formação geral. Porém, ao longo dos anos, ouvi de alguns professores o que me parecia uma espécie de mantra: “você tem todo perfil de professora.”

Em 2010, embora não tenha sido tarefa fácil, fui pioneira da família a ingressar no ensino superior. Fui bolsista ProUni e optei pelo curso de Bacharel em Ciências Físicas e Biológicas (UNIGRANRIO), ainda na relutância do ingresso na carreira docente. No entanto, naquele ano o currículo preconizava o ingresso na Licenciatura para posteriormente o

Bacharel, então por este motivo me matriculei no mesmo.

Neste ínterim, fiz estágios em algumas instituições, públicas e particulares, nas quais obtive contato com alunos de educação especial. Observei, então, que embora o conceito “Educação Inclusiva” já existisse há tempos no Brasil, a inclusão efetiva e humanizada em salas de aula não era real, funcionava mais como uma socialização e não aprendizagem. Em um dos momentos, fui ajudar um professor na correção das avaliações e por acaso, peguei justamente a de um aluno com deficiência intelectual. A prova era “a mesma” aplicada para os demais alunos, sem adaptação para o aluno PCD. Vi que não tinha coerência e dentre alguns rabiscos, haviam sílabas soltas; uma tradução do que aquele aluno interpretava. Me dirigi ao professor para saber como avaliá-lo, e antes mesmo da indagação ele disse: “Esse tem uma correção “diferenciada”, só olha e dá 5,0 (nota para passar)”.

Esta vivência, então, me levou a buscar evidenciar como a prática efetiva de ensino era aplicada para este grupo de alunos no público, o que me deixou muito consternada, pois vi que esses alunos finalizavam seus estudos e recebiam seus diplomas, sem ao menos compreender o mínimo do que lhes era “ensinado”. A disparidade era tamanha que me causou certa indignação e passei a procurar alternativas, através de literatura existente, de como reduzir este abismo. E assim sem perceber, inconscientemente comecei a “flertar” com a docência. Não obstante, após a licenciatura ingressei no Bacharel, iniciando estágio voluntário na APA- Guapimirim no âmbito de Educação Ambiental e posteriormente no Laboratório de Ecologia e Fisiologia do Fitoplâncton – UERJ, iniciando o desenvolvimento de trabalhos mais técnicos no âmbito da pesquisa científica.

Fui colaboradora de alguns projetos desenvolvidos neste laboratório, além do meu próprio (Avaliação da influência da intensidade luminosa sobre o crescimento e formação de cistos de *Tetraselmis* sp. (CHLORODENDROPHYCEAE) e posteriormente fui bolsista de Apoio Técnico Nível 3 (PROATEC/UERJ), atuando no projeto de pesquisa intitulado Espécies-alvo nos Eventos de Floração dos Corpos d’água Costeiros e Continentais Fluminense.

Sendo assim, em julho de 2016 passei no processo seletivo e ingressei no Mestrado, nesta mesma instituição, pela Pós-Graduação em Biologia Vegetal (PGBV). Desenvolvi trabalho em ecologia de rios (Paraíba do Sul) e atuei como monitora nas aulas de práticas de campo em Ilha Grande (Disciplina Biodiversidade Vegetal I). Após este longo trajeto na pesquisa científica, em 2018 fui reconvocada no concurso público SEEDUC RJ para Pro-

fessor Docente I, atuando como professor da disciplina de Ciências Físicas e Biológicas, o que foi realmente desafiador.

Minha primeira lotação foi no CIEP 423 – Mora Guimarães, localizado em São Gonçalo, em área de comunidade, escola esta “culpada” por meu fascínio e paixão pela docência. Público carente emocionalmente, fisicamente e intelectualmente, onde lotação de salas, falta de recursos, baixo engajamento dos alunos, defasagem de aprendizado, eram algumas das muitas dificuldades encontradas em sala. Todavia, a maior dificuldade enfrentada foi obter meios de “inclusão” para os alunos de educação especial, sendo grande parte dentro do espectro autista.

Busquei orientações por meio de artigos, sites, revistas sobre o assunto e alternativas que me norteariam como aplicar de maneira eficiente, conteúdos tão abstratos como os de Ciências, Química e Física. Por fim, dentre inúmeras pesquisas, encontrei o Curso de Atendimento Educacional Especializado, oferecido pela UFJF, o qual veio ao encontro das minhas necessidades como educando, me abrindo horizontes de novas e concisas abordagens para trabalhar com alunos de educação especial.

Hoje leciono no Colégio Estadual Presidente Bernardes, localizado no município de Teresópolis, no qual há aumento do recebimento de alunos com necessidades especiais, com diferentes laudos. E aquela pessoa, que outrora vislumbrava apenas a área técnica, hoje se depara com uma paixão pela educação e desejo de melhorias constantes. Sendo assim, considerando a necessidade da capacitação sistemática do professor, bem como os desafios com a falta de preparo e formação continuada à inclusão, participar deste curso viabilizou a implementação efetiva de recursos, garantindo melhor ensino, promovendo um processo efetivo de aprendizado aos alunos de educação especial.

“A educação será sempre especial devido as particularidades diferenciadas apresentadas pelo educando, através da qual, o mesmo poderá vivenciar uma educação inclusiva por meio do atendimento educacional especializado.” (Duanne Bomfim).

“Garantindo o seu direito a uma educação de qualidade, significativa e inclusiva...”



Eu, Jocelma Rodrigues dos Santos, sou professora da sala de aula comum no ensino fundamental II, no município de Itaberaba-Bahia. Tenho formação no magistério pelo ensino médio, pedagogia pela UNEB-Universidade do Estado da Bahia/ Campus XIII em Itaberaba-Bahia (1999). Letras Vernáculas também pela UNEB-Universidade do Estado da Bahia (2009). Sou pós-graduada em Libras, Política do Planejamento Pedagógico e em Antropologia e Turismo: Patrimônio Natural e Cultural. Além disso, em 2020 recebi o título de mestra pelo Programa de Pós-graduação em Estudo de linguagens. E, atualmente sou doutoranda do mesmo Programa de Pós-graduação onde fiz o mestrado, com

previsão de pesquisa em torno da educação de surdos.

O interesse pela inclusão de pessoas surdas nas redes regulares de ensino surgiu com a angústia e preocupação pela aprendizagem desses alunos, quando em 2010 chegaram à escola que trabalho atualmente e os professores veteranos não quiseram trabalhar com eles em sala de aula. Assim, jogaram para a professora novata que iria trabalhar com língua portuguesa, que seria eu. Assim, professora de língua portuguesa, sem nenhuma formação em educação de surdos, passei a trabalhar na sala de aula com 10 alunos surdos na quinta-série do ensino fundamental II. E agora? Como trabalhar? O que fazer? Como fazer? Tudo muito obscuro, sem experiência, sem formação na área.

Apareceram, então, as inquietações relacionadas ao processo ensino-aprendizagem da inclusão de surdos, principalmente: como trabalhar com dois grupos com línguas diferentes? Com aprendizagem diferente, com especificidades culturais diferentes? Teria, então, metodologias, estratégias metodológicas para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Inicialmente foquei nas dificuldades de aprendizagem destes alunos, pois considerei que, se eles não ouviam, saberiam ler, por isso iria trabalhar com textos impressos para eles lerem. Tamanha foi a decepção ao saber pelas intérpretes e observar

nas aulas que eles tinham dificuldades com o português por ser a sua primeira língua, a língua materna, a Libras e a sua segunda língua a língua portuguesa.

A partir daí começaram as formações, o meu envolvimento com a educação de surdos. Busquei então fazer cursos nesta área, por isso, fiz graduação em Letras-Libras pela UFPB-Universidade Federal da Paraíba, Pós-graduação em Libras, e recentemente defendi dissertação intitulada “Aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua: um estudo de caso com alunos surdos e ouvintes em contexto inclusivo” Atualmente estou iniciando o doutorado e continuo pesquisando em torno da educação de surdos com previsão de tese relacionada às contribuições do letramento digital no processo ensino-aprendizagem em contexto de inclusão de Surdos.

Na pesquisa, penso em estudar o letramento digital tanto na aquisição da aprendizagem do aluno quanto na formação do professor, com enfoque nas TDCIS-Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação e as TA-Tecnologias Assistivas, trazendo referências para a educação de Surdos com o uso de metodologias inovadoras, eficientes, significativas e mais inclusivas, pois a minha maior inquietação está no fato de trabalhar com dois grupos distintos, em termos de língua, cultura e identidade no mesmo momento escolar. Como trabalhar com alunos surdos e ouvintes juntos, no mesmo espaço da sala de aula, ao levar em consideração que os surdos têm língua materna diferente, com costumes e tradições diferentes, bem como identidade e particularidades específicas também diferenciadas, sendo o português escrito uma segunda língua para os surdos. Qual a importância do AEE? E, como de fato devem ser desenvolvidas as atividades nas salas de Recursos Multifuncionais?

Então, qual metodologia o professor de língua portuguesa poderá utilizar para garantir a acessibilidade destes alunos em sala de aula? Trabalhar com grupos separados não é o problema. O maior problema é ter formas, ou seja, estratégias metodológicas eficientes, que possam atender aos dois grupos indistintamente, a fim de não promover a exclusão de qualquer um dos dois grupos.

Na verdade, a minha história com o AEE só veio acontecer anos depois, por volta do ano de 2013, quando a escola passou a ter um Atendimento Educacional Especializado-AEE para surdos, através da sala de recursos multifuncionais, ainda com poucos materiais didáticos, mesmo assim bem distante da sala de aula comum. Em 2016 realizei estágios nesta sala de Recurso Multifuncional, mas também um contato bem superficial com os

alunos e profissionais. A única coisa que sabia, devido já ter feito outros cursos EAD, é que o atendimento não era reforço para as atividades da sala de aula comum, tem caráter complementar e suplementar, e que lá os alunos aprendem Libras, língua portuguesa como segunda língua na modalidade escrita e conceitos que traziam da sala de aula comum para serem desenvolvidos, explorados no momento de atividades em libras.

Desta forma, percebo um distanciamento entre os profissionais do AEE com os professores da sala de aula comum. Também posso citar vários problemas que resultam em um trabalho individualizado, sem muita agregação do que deveria acontecer. Não há um trabalho em conjunto, nem um espírito de coletividade. Por isso, tive a ideia e a necessidade de fazer este curso para entender o que é o atendimento educacional especializado e adquirir conhecimento sobre como poderia colaborar para fortalecer os laços de atuação pedagógica e didática com o objetivo de possibilitar a acessibilidade do aluno ao contribuir, assim, com a sua aprendizagem, garantindo o seu direito a uma educação de qualidade, significativa e inclusiva. Mas, o que vejo atualmente, infelizmente parecem ser dois mundos bem diferentes, bem distintos, a sala de aula comum e o atendimento educacional especializado que ocorre na sala de recurso multifuncional da escola.

“O AEE abre caminhos para que a Educação Inclusiva de fato aconteça...”



Trazendo a luz do trabalho inclusivo e minha inserção nesse mundo de possibilidades que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) traz, não há como deixar de revelar flashes de minha história que culminaram e me impulsionaram para a Educação Especial.

Tenho, hoje, 34 anos, e entrei no mundo do AEE desde muito cedo, na verdade, por conta de uma doença que me acomete de forma crônica. Tive impossibilidades físicas em minha infância que me fizeram precisar de um certo “atendimento educacional especializado”, não desenhado na época de forma institucionalizada, mas percebida hoje como prática de intervenção eficaz.

Mas de forma formal, o meu primeiro contato com AEE foi no Ensino Médio, na formação de professores, no formato de Educação Especializada, na APAE de minha cidade, chamada Aperibé, interior do estado do Rio de Janeiro.

No formato de AEE dentro da escola comum, meu primeiro contato foi em uma aula na Faculdade de Pedagogia, na disciplina de Políticas Públicas, na qual fui designada para dar uma aula sobre o AEE e sua legislação. Foi onde adentrei de maneira mais profunda no que, de fato, era o AEE e consigo associar com minha história enquanto pessoa que foi atingida pelo AEE de maneira sublime.

Logo depois do término da Faculdade, fui convidada para ser mediadora de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), em uma escola privada na cidade de Itaocara, interior do estado do Rio de Janeiro, onde fui mediadora durante 4 anos. Nesse meio tempo, passei em 1º lugar para o concurso público do Município de Aperibé para professor de Educação Especial e seis meses depois passei em 7º lugar para o concurso público do Município de Santo Antônio de Pádua também para Educação Especial, onde comecei a trabalhar em Salas de Recursos Multifuncionais, fazendo atendimento educacional especializado. Neste local, comecei uma trajetória, de fato, de atendimentos de alunos

da Educação Especial e os desafios que o abarcam.

Atualmente, coordeno a Educação Especial do Município de Aperibé e o Núcleo de Apoio à Inclusão Educacional do Município de Santo Antônio de Pádua, possuindo uma visão ampla desse Atendimento Educacional Especializado, seus caminhos e possibilidades. Portanto, o AEE abre caminhos para que a Educação Inclusiva de fato aconteça, um mundo de possibilidades e intervenções que fazem a diferença na vida e história dos nossos alunos, igual fez com a minha.

“Gratidão por estar ali e ter feito diferença de forma positiva na vida de alguém...”



Kamilla Andrade de Oliveira
Chapadinha (MA)

Com o intuito de situar o leitor do porquê pela busca em me qualificar profissionalmente em atendimento educacional especializado, venho discorrer sobre minha trajetória até então.

Minha formação é em bacharelado em engenharia, na área de ciências agrárias, fiz mestrado e doutorado e não me orgulho em escrever que não somos preparados para dar aula, ou seja, não temos pedagogia, então muitos colegas são um tanto quanto insensíveis com o próximo, algumas pessoas não tem tanta empatia para lidar com os alunos, eu ao contrário dos colegas tenho essa qualidade e/ou defeito.

Desde 2018 atuo na Universidade Federal do Maranhão – UFMA como docente na área de geoprocessamento e meteorologia entre outras disciplinas no departamento de engenharia agrícola. Quando em 2019, após primeira aula do semestre, chegou um aluno falando que não entendeu quase nada do conteúdo apresentado (disciplina de introdução do geoprocessamento), o indaguei o porquê disso e como poderia melhorar essa situação, ele me explicou sua situação clínica – portador de acromatopsia – Daltonismo em seu grau mais severo, em que só enxergava tons de cinza.

Diante do quadro apresentado, busquei auxílio da universidade, no setor responsável, sem retorno. Em 2019 ocorreu o lockdown e todas as atividades foram suspensas. Ao retornar de forma online no segundo semestre de 2019, tive o mesmo aluno em três disciplinas por mim oferecidas, ainda sem retorno do setor responsável pela universidade, estudei o caso dele, tentei entender como poderia ajudá-lo. Nas disciplinas que ministrei ao aluno, sempre ao término das aulas (que tinham imagens e figuras) conversávamos acerca do entendimento, se tinha dúvidas quanto ao conteúdo e sempre passava os slides de aula para ele nas cores que me solicitava. Então acredito que, mesmo intuitivamente, acabei realizando um atendimento educacional especializado (AEE) sem saber exatamente.

Ao final das disciplinas em 2021, o aluno ficou tão satisfeito com o tratamento que eu

tinha prestado a ele – segundo ele: muito diferente de outros professores, que por vezes faziam chacota e desdenhavam a condição dele - que me convidou para ser sua orientadora em geoprocessamento. Fato que me encheu de orgulho e medo (principalmente) pensei: nossa, vou ter que me desdobrar para auxiliá-lo em uma área que tem muitas análises de imagens, tarefa como uma monografia, e a distância, para completar – tentei o fazer mudar de ideia – e ele disse que tinha sido rejeitado por outros professores em áreas que ele gostaria de atuar e tinha adorado a minha área.

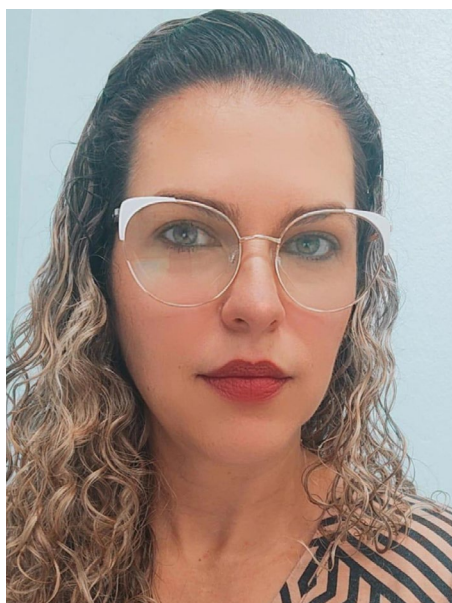
Enfim, meu coração de mãe apertou e decidi aceitar o pedido. Juntos embarcamos nessa empreitada. Foi um primeiro semestre de 2021 complicado, passei algumas atividades para ver o desempenho e se ele realmente estava entendendo o que estava fazendo, mudei a área de atuação duas vezes, até que o indaguei sobre os trabalhos com radares e ele aceitou, fiz um curso com ele sobre todo o tratamento de imagens em radar (tons de cinza) e observei que o entendimento dele estava além da média, dessa forma seguimos.

No decorrer de 2021-2022 tivemos várias reuniões semanais, as dúvidas que ele apresentava durante sua pesquisa eram bem consistentes, e buscava solucionar sempre que surgiam. No segundo semestre de 2022 o aluno apresentou sua monografia, convidei um professor que tive na UnB referência nacional na área, que aceitou o convite prontamente, foi uma defesa emocionante, inclusive ele foi contratado por uma fazenda antes de colar grau.

Em outubro de 2022 teve a primeira formatura presencial, e tive a honra de ser escolhida como paraninfo da turma e discursar para os jovens engenheiros e demais formandos naquela ocasião. Na mesma data conheci os pais do discente, pude dar um abraço e desejar tudo de melhor, ocasião sem dúvida que pude sentir enorme gratidão por estar ali e ter feito diferença de forma positiva na vida de alguém.

Desde então, acabei virando referência em AEE no meu campus, e ainda surgiram mais discentes em condições especiais à minha procura de orientações, estágios. Ocasão que chegou a mim a divulgação do curso de AEE oferecido pela UFJF, tendo minha inscrição aceita, pude aprender um pouco mais sobre o AEE, o que me deixou muito grata pela iniciativa do corpo docente da UFJF por essa experiência ímpar de ensino.

“Aspiro caminhos possíveis e necessários...”



Luciana Camilo Borges
São José do Rio Preto (SP)

Tendo como norteadores os percursos trilhados até agora, esta autobiografia demonstra quais razões fizeram com que o tema “Inclusão e Atendimento Educacional Especializado” ocupasse um importante espaço no perfil desta professora que aqui se apresenta.

No ano de 2001, concluí o magistério no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), ingressando em seguida como monitora em uma creche de São José do Rio Preto, iniciando assim, minha história como profissional da Educação. Em 2009, concluí a graduação em pedagogia no Centro Universitário de Rio Preto (UNIRP) e segui com o trabalho na educação infantil. Desde o início da minha

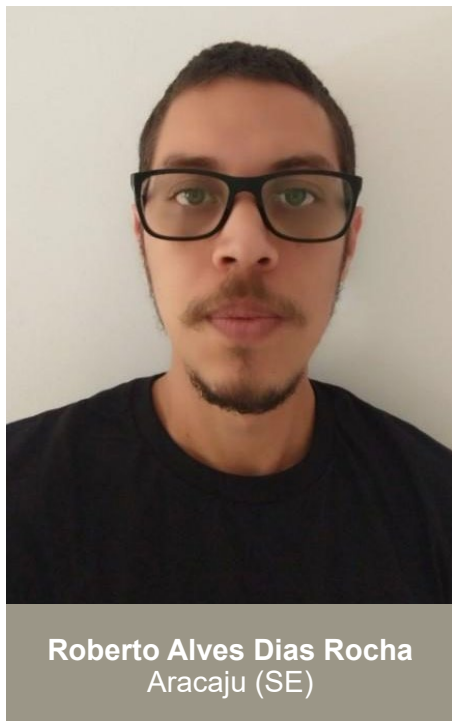
trajetória acadêmica, as propostas relacionadas à diversidade me causavam grande interesse e muitas indagações. Observando a postura das professoras e da equipe escolar como um todo diante de situações envolvendo as crianças pequenas com desenvolvimento neurodivergente e, percebendo as dúvidas que pairavam no grupo sobre como agir, como manejar, o que oferecer e o que fazer, senti que a vontade de me aprofundar no assunto ganhava proporções ainda maiores.

Em 2012, conciliei o trabalho na rede pública (onde atuava como celetista) e na rede privada, fato que me permitiu vivenciar espaços iguais e posturas diferentes no que tange à intervenção de conflitos, ações anti-bullying, assembleias, rodas de conversas e reflexões sobre diversidade. Vislumbrar e participar de ações tão importantes na rede particular e perceber o déficit de ações semelhantes na rede pública, fizeram com que meu olhar se voltasse à situação desta, no que diz respeito à maneira de abordar, fomentar e instigar determinadas questões envolvendo assuntos ditos polêmicos.

Em 2018, assumi o cargo de professora de educação básica na rede municipal, atuando com crianças de 8 a 9 anos. Logo nos primeiros meses, me deparei com uma situação em que a turma ora ria e debochava, ora fazia comentários sobre um dos alunos que “não aprendia”. “Ele é o mais burro e desastrado, professora” diziam em voz alta. Logo descobriu-se que além de Deficiência intelectual, o aluno citado também apresentava baixa

visão. Além de ouvir discursos de colegas professoras, mencionando que boa era a época em que tinham escolas “específicas” para esses alunos especiais. Como considero todos os alunos especiais e não só os alunos com deficiências ou neuroatípicos, me incomodava muito falas como essas. Assim, percebi que ali, no cotidiano escolar, onde as narrativas pedagógicas, socioemocionais e afetivas se misturam, havia um campo fértil para pesquisas e novos estudos. É a partir desse cenário que surge a intenção de fazer parte da equipe de AEE do município. Em 2021 busco especialização em neuroeducação/ Educação Especial e em 2022, após participar do processo seletivo e ser classificada em 2º lugar, entro para a equipe de AEE. Há pouco mais de um ano na função, sinto que aprendi muito e tenho tanto a aprender. Meu maior objetivo é estar preparada para atender alunos, orientar professores e família, oferecer os materiais mais adequados e que, assim, TODAS as crianças possam se desenvolver. Esclareço que a palavra “toda”, em letras maiúsculas se refere àquelas que são consideradas dentro dos padrões de “normalidade” e àquelas que não são. Como professora de escola pública, vejo que muitos assuntos polêmicos são invisibilizados, considerados difíceis demais de serem colocados em pauta, justamente por falta de conhecimento e estudos que tragam luz ao debate. Fortemente acredito que quanto menos se fala, menos se discute políticas públicas, mais se acumulam problemas, mais se perpetuam os tabus e menos se garantem os direitos das crianças de aprenderem e serem felizes. Aspiro caminhos possíveis e necessários para que se construa uma sociedade mais justa, inclusiva e saudável.

“A minha mente foi se abrindo para as infinitas possibilidades da educação inclusiva...”



A descrição abaixo tem como objetivo mostrar um pouco de como me tornei um docente voltado para a área do Atendimento Educacional Especializado, trazendo alguns relatos de tudo que me trouxe até aqui. Momentos e memórias nos constroem um pouco cada dia, e nada disso poderia ser dispensado na construção de quem somos, pessoal e profissionalmente.

Natural de Aracaju – SE, estudei todo o meu ensino fundamental em escolas particulares da cidade. Nunca fui um aluno exemplar, mas sempre entendi quais eram as minhas obrigações no ambiente escolar e dentro de casa. Filho de pais que não tiveram a oportunidade de completar o ensino médio ou fazer uma

graduação, mas que sempre abriram mão de ter uma vida mais confortável para proporcionar aos seus dois filhos uma infância diferente da que tiveram, o que me faz eternamente grato e com que sempre os tenha como exemplos absolutos.

Durante o ensino médio, migrei para escolas estaduais, o que me inseriu em contextos e ambientes diferentes daqueles que tinha vivido até então. Mesmo cursando os anos finais do ensino básico ainda não tinha escolhido uma carreira, e ver todos à sua volta decididos o que farão pelo resto de sua vida enquanto você não consegue se encontrar pode ser uma experiência muito desesperadora para um adolescente.

Eis que finalizo o ensino médio, começo a fazer um cursinho preparatório para o vestibular e passo a me encantar com a Biologia. Sinto uma conexão com a disciplina que até então nunca havia acontecido com nenhuma outra área. Decido cursar Ciências Biológicas Licenciatura na Universidade Federal de Sergipe, o que não aconteceria até o ano seguinte, pois fui aprovado apenas na minha segunda tentativa.

No ano de 2012 então me torno oficialmente universitário, aluno de uma Universidade Federal, realização de uma meta que tinha imposto a mim mesmo como forma de agradecimento aos meus pais, e por entender também que para a área que eu havia escolhido

se tratava da melhor instituição no Estado. Além disso, não havia condições financeiras de sustentar uma graduação em universidades particulares. Por volta do terceiro período, segundo ano de curso, me tornei estagiário remunerado em um laboratório de anatomia patológica, onde permaneci por dois anos muito proveitosos, construí amizades que carrego até hoje e um aprendizado imensurável.

Após esse estágio e próximo a finalizar a graduação, comecei a fazer estágios como professor em diferentes escolas da região, e foi onde definitivamente me encontrei. Me ver enquanto professor em frente a dezenas de alunos que podem me enxergar como exemplo de pessoa, de profissional, e como alguém que pode lhes passar um grande conhecimento, foi um sentimento indescritível. Sempre me chamou muito a atenção a maneira que era trabalhada a suposta inclusão com os alunos com deficiência em todas as escolas pelas quais passei, e isso me gerava um incômodo. Incômodo por me sentir impotente para agir perante as coordenações e direções das escolas, visto que estava apenas estagiando. Não me sentia no direito de fazer sugestões ou tomar atitudes perante a escola, mas principalmente por sentir também que não tinha o suporte necessário para tal.

Ainda enquanto estudante, passei a cursar algumas disciplinas na graduação que possuíam um foco na inclusão e foi aí que uma chave girou dentro de mim. Conversando com o professor e com colegas da disciplina, a minha mente foi se abrindo para as infinitas possibilidades da educação inclusiva e do impacto positivo que isso pode ter na vida dos alunos com deficiência.

Ao completar a minha graduação em 2016, rapidamente consegui um emprego como professor de uma escola particular no bairro em que morava. Um ano depois fui selecionado para ser professor do ensino médio e do curso de pré-vestibular na mesma instituição que fiz o cursinho preparatório quando entrei na universidade. Trabalhar ao lado de profissionais que haviam sido meus professores foi um sentimento de conquista incrível.

Um outro ponto importante a ser destacado é que há sete anos convivo com a minha companheira e a mesma possui Baixa Visão. Conviver com uma pessoa com deficiência enquanto educador potencializa os meus sentimentos e a minha vontade de fazer a diferença enquanto docente que trabalha com a Educação Educacional Especializada. Ouvi muito sobre as dificuldades que a mesma enfrentava em sala de aula no passado, e presencio atualmente as suas batalhas por inclusão em seu ambiente de trabalho ou mesmo durante a sua graduação, recentemente finalizada.

No ano de 2022, foi aberto em Aracaju um edital para atuar enquanto profissional de Apoio Escolar II nas escolas públicas do estado. Até então não entendia muito bem as atribuições dessa função e foi preciso muita leitura até compreender do que se tratava. Para minha surpresa, era exatamente o que eu estava engajado em fazer. Felizmente fui selecionado e atualmente sou professor do ensino básico em escolas particulares no turno da manhã e durante a tarde atuo como profissional de Apoio II na rede pública de ensino, acompanhando alunos com necessidades especiais em sala de aula. No presente momento acompanho um aluno incrível que, coincidentemente, também possui baixa visão, assim como minha companheira. Isso faz com que o aprendizado do meu cotidiano junto a ela possa ser levado para sala de aula a fim de melhorar a qualidade de vida do meu aluno, e que o contrário também aconteça.

O Atendimento Educacional Especializado chegou em minha vida para ficar e não há nenhuma outra área na docência que me traria mais felicidade e sentimento de conquista. Atuar enquanto professor, facilitador e parceiro desses alunos no dia a dia é o que faz com que eu sinta que hoje, sim, consigo fazer a diferença na vida desses estudantes e de suas famílias.

“Vontade de aprender Libras e conseguir me comunicar com as pessoas surdas...”



Neste momento, venho apresentar um breve relato da minha história e experiências vividas com a inclusão, descrevendo um recorte da minha trajetória profissional como professora.

Meu contato com a inclusão de alunos começou em 2007, quando eu morava em Brasília. Eu trabalhava como professora temporária numa escola pública na Asa Sul e tive duas alunas surdas. Nessa época não sabia Libras, nem como incluir essas alunas durante minhas aulas. Eu só oralizava e as alunas ficavam conversando em Libras, o que me incomodava muito. Na época não havia intérpretes na sala, mas havia a sala de recurso que dava complementação às alunas, porém

ninguém me orientava em nada. Eu me senti muito perdida e incomodada com a situação, com vontade de aprender libras e conseguir me comunicar com as pessoas surdas.

Em 2008, mudei de escola e fui trabalhar com uma turma de aceleração (6º ao 9º ano), em que havia alunos de vários níveis e necessidades específicas. Nessa escola, não havia sala de recurso, apenas orientadora educacional que me auxiliava com os alunos.

Em 2009, me casei e deixei de trabalhar porque fui morar em São Luís, Maranhão, mas, no ano seguinte, voltamos para Brasília para meu marido fazer doutorado.

Em 2010, meu filho Pedro nasceu e eu decidi iniciar uma formação na área de Libras. Em 2011, pretendia voltar ao mercado de trabalho, mas logo no início do ano descobri que estava grávida da minha princesa Beatriz. Com isso, resolvi não voltar a trabalhar e dedicar um tempo para minha formação, quando fiz dois cursos de Libras, mas que tinham uma carga horária muito pequena.

Em 2012, voltei ao mercado de trabalho como professora substituta no IFB - Instituto Federal de Brasília e tive um aluno com baixa visão, em um dos cursos de formação continuada. Foi um grande desafio, pois precisei fazer adaptações no material e nas avaliações. Nessa época, eu relatei minha dificuldade e depois consegui uma formação básica de brail-

le e de como fazer adaptações no computador por meio de tecnologia assistiva, enquanto atuava lá, também fiz um curso de Libras. Fui cada vez me encantando por essa área de inclusão.

No final de 2014, retornamos para São Luís e fiquei sem trabalhar até o final de 2019. Nesse intervalo de tempo eu iniciei a graduação em Letras Libras (UFMA), fiz especialização em Libras, mestrado em Letras com a pesquisa a respeito da trajetória histórica da Associação de Surdos do Maranhão (ASMA).

No início do ano, trabalhando como professora do 5º ano na rede municipal, UEB Anjo da Guarda, onde atuo até hoje, eu tive uma aluna com deficiência intelectual. Foi um grande desafio, pois na escola não tem sala de recursos, não tem coordenador e tem um espaço físico bem limitado. A família era muito presente e repassou todas as informações necessárias para que eu conhecesse Andressa, uma garota muito meiga. Ela tinha independência e autonomia para realizar suas atividades diárias sozinhas, não precisava de ajuda para ir ao banheiro, exceto se tivesse menstruada. Em relação ao conhecimento, ela conseguia demonstrar seus conhecimentos pela fala, mas tinha bastante dificuldade de sistematizar por meio da escrita. Ela conseguia copiar palavras, frases, textos, mas não conseguia produzir um texto escrito com independência, se não fosse com uma escrita guiada. Ela participou das aulas remotas e a mãe não queria que ela fosse para outra escola, pois devido a pandemia, preferia que continuasse na escola, mas a gestão não permitiu.

Em 2021 até meados de 2022, as aulas na escola continuaram remotas, retornamos apenas em agosto de 2022, após a reforma da escola. Durante o semestre que retornamos, percebi que alguns alunos precisavam de atendimento educacional especializado, e solicitei o atendimento do núcleo de educação especial da SEMED na escola, veio uma técnica que constatou que havia alguns alunos na escola que precisavam do atendimento e conversou com alguns pais. Porém nada foi feito, nem por parte da família e nem da SEMED. Este ano tenho um aluno que não fala, mas não é surdo e um outro aluno que tem laudo de várias especificidades (TOD, TEA, TDAH entre outras coisas). A escola continua sem sala de AEE e a educação especial ainda não compareceu na escola. Vale destacar que, atualmente, também atuo como professora do ensino superior na Universidade Estadual do Maranhão como professora substituta da disciplina de Libras. Lá existe o Núcleo de Acessibilidade da Universidade (NAU), que dá suporte aos alunos em relação ao atendimento educacional especializado e oferece cursos de extensão para atender aos servidores e comunidade.

Na universidade, já tive um aluno com baixa visão na disciplina de Libras. Foi um desafio grande, pois inicialmente ele não me avisou, pois disse que nenhum professor antes na universidade fazia adaptação das aulas ou atividades por causa dele, mesmo sendo num curso de Direito. Mas eu tentei durante as aulas fazer o meu melhor para atendê-lo, sempre perguntando se estava bom e como poderia melhorar. Além dessas experiências como professora, também tenho situações familiares que me provocaram a procurar me especializar no AEE. Meu pai e meu sogro têm Parkinson, tenho um sobrinho neto e dois filhos das minhas primas têm TEA, e meu filho tem Altas Habilidades acadêmicas. Já sofri muito por causa das Altas Habilidades do meu filho, pois inicialmente meu marido dizia que era coisa da minha cabeça, mesmo ele sendo da área da educação não tinha o mesmo olhar que o meu. Foi em 2021 que isso mudou, e hoje meu filho e eu estamos mais felizes, pois ele está numa escola que faz o atendimento educacional especializado suplementar que ele precisa.

Percebi que as escolas particulares, apesar de terem mais recursos material e profissional, não sabem lidar com os alunos com necessidades especiais e que a escola pública tem profissionais mais bem capacitados e um ambiente mais adequado para atender esse público. Diante de tantos desafios encontrados na escola, na universidade e na família resolvi fazer o curso de AEE para compreender melhor cada deficiência e transtorno e, assim, atender melhor meus alunos e meus familiares.

“Lutarei sempre pela inclusão de todas as pessoas na sociedade”



Sou Solange Oliveira Lara, atualmente professora do componente curricular Ensino Religioso e Embaixadora do Projeto Escolas Criativas da Rede Brasileira de Aprendizagem Criativa (RBAC), no Estado do Rio Grande do Sul, e atuo na EEEF Frederico Augusto Hanemann, localizada no interior de Vera Cruz-RS.

Possuo graduação em Licenciatura em Pedagogia (Censupreg), Aperfeiçoamento em Ensino Religioso (SEMEAR), Pós Graduação em Ensino Religioso (FASEC), Pós em Projeto de Vida (FASEC), membro do Conselho Estadual do Ensino Religioso - Seccional SCS (CONER-RS) e da Pastoral da Educação do Rio Grande do Sul. Atuo há dois anos como professora e

me sinto completamente realizada, me encontrei na área da educação, pois ensinar é um ato de amor e ao mesmo tempo que estamos ensinando aprendemos diariamente com nossos alunos, vivendo e convivendo com a realidade de cada um.

A grande virada na minha vida se deu em 2013 com a chegada do nosso filho mais novo em nossa família. Foi quando tudo mudou, ele simplesmente caiu em nosso colo, já que temos uma filha biológica com 19 anos (na época estava com apenas 10), mas meu sonho sempre foi adotar uma criança, mas, devido às burocracias, achei que nunca seria possível, mesmo assim nunca deixei de pedir a Deus com amor, fé e todo meu coração, comentava seguidamente com algumas amigas que esse era meu grande sonho. Acho que de tanto pedir e pensar positivo o grande desejo se realizou. Então ele nasceu pesando apenas 2090 kg, ficando 15 dias internado na UTI do hospital aqui da minha cidade, devido a complicações do parto. Durante esses dias foi que tudo aconteceu, sua mãe biológica o deixou ainda no hospital, ela era usuária de drogas, acreditamos então que o pai ficaria com ele, mas também não conseguiu, pois não se sentiu capaz emocionalmente e financeiramente para assumi-lo. Como o pai biológico é parente de sangue e com seu consentimento pude assumir total responsabilidade como tutora legal e adotá-lo. Então entramos com a papelada e em dois anos a adoção estava concretizada.

Conforme ele foi crescendo, comecei a me preocupar como seria seu desenvolvi-

mento cognitivo e sua aprendizagem na escola, mesmo que já estivesse frequentando a APAE desde os primeiros meses de vida, eu sabia que precisava fazer mais por ele, sabia que o atendimento uma vez por semana não seria suficiente, então montei um espaço em casa, adaptei materiais para trabalhar e estimular sua aprendizagem, a partir daí comecei a pesquisar tudo sobre a Síndrome de Down e me inscrevi para o curso de Licenciatura em Pedagogia, me formei e estou sempre procurando aprender cada vez mais, por isso realizei o curso Aperfeiçoamento em Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEE). Meu objetivo como mãe é auxiliá-lo na sua aprendizagem para torná-lo o mais independente possível para se virar na vida ou sem precisar depender da mana 100%. ou de outras pessoas no futuro.

Minha visão e pensamento mudaram depois de entrar para escola e conhecer a realidade de muitos alunos, percebi que também posso e devo fazer mais por outras pessoas com deficiência ou dificuldade na aprendizagem, para incluí-los e torná-los tão independentes quanto meu filho, devo ajudar meus colegas professores a mudarem sua visão sobre as pessoas com deficiência tanto na escola quanto fora dela, lutarei sempre pela inclusão de todas as pessoas na sociedade, só assim deixaremos um mundo melhor para nossos filhos. Acredito que devemos trabalhar a inclusão desde os anos iniciais pois ninguém nasce preconceituoso, as pessoas se tornam preconceituosas com a convivência do dia a dia com pessoas que não tem o conhecimento e por falta de informações sobre as deficiências acabam criando seres tão ignorantes quanto eles, mas se trabalharmos a inclusão com os pequenos já no Pré Escola tenho certeza que irão crescer tendo a compreensão de que o preconceito não é legal e, sendo assim, serão pessoas melhores e tornarão um mundo melhor para todos.

“Quanto mais aprendia sinais, mais vontade tinha de aprender...”



Sempre quis ser professor, porém não tinha a ideia de que seria na área da inclusão. Concluí o Magistério em 2000 e, por condições financeiras, só iniciei Pedagogia em 2009, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), na cidade de Santo Antônio Salto da Onça/RN. Nesse momento, iniciou minha saga acadêmica. Já no terceiro período, consegui entrar no projeto chamado PBA- Programa Brasil Alfabetizado, que ensinava a jovens e a adultos, e fiquei vários módulos, até setembro de 2011.

No sétimo período da faculdade, cursei a disciplina Educação Especial com seminário temático em Libras e foi algo surreal, foi paixão ao primeiro sinal!

Fiquei encantado como se conversava com as mãos, e comecei a aprender, estudava dia e noite e quanto mais aprendia sinais, mais vontade tinha de aprender a Língua Brasileira de Sinais.

No mesmo mês, fui convidado para uma oficina de Libras na Escola Municipal Maria Umbelino de Melo na mesma cidade ofertada pela professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Para minha surpresa, quem ministrava a oficina era um surdo (instrutor Jailson) da cidade de Brejinho/RN e foi aí que percebi que já me comunicava. Em 2012, a Secretaria de Educação do município Maria da Conceição Anselmo me convidou para assumir a Sala de Recurso Multifuncional (SRM) com o AEE para Aluno com Surdez. Agora, de fato, iniciava minha trajetória na área da inclusão.

Em 2013, a Secretaria de Educação da cidade de São José do Campestre/RN me convidou para fazer parte do quadro de profissionais, atuando na SRM no atendimento aos surdos da escola Antônio Thiago Gadelha. Em paralelo, consegui adentrar no projeto de Intérpretes de Libras da rede estadual do Rio Grande do Norte, trabalhando na escola Manoel Dantas, cidade de Santo Antônio, com alunos surdos da EJA (Educação de jovens e Adultos). Permaneci em Campestre e em Santo Antônio em 2013 e 2014. Ainda em 2014, concluí minha tão sonhada graduação em Pedagogia.

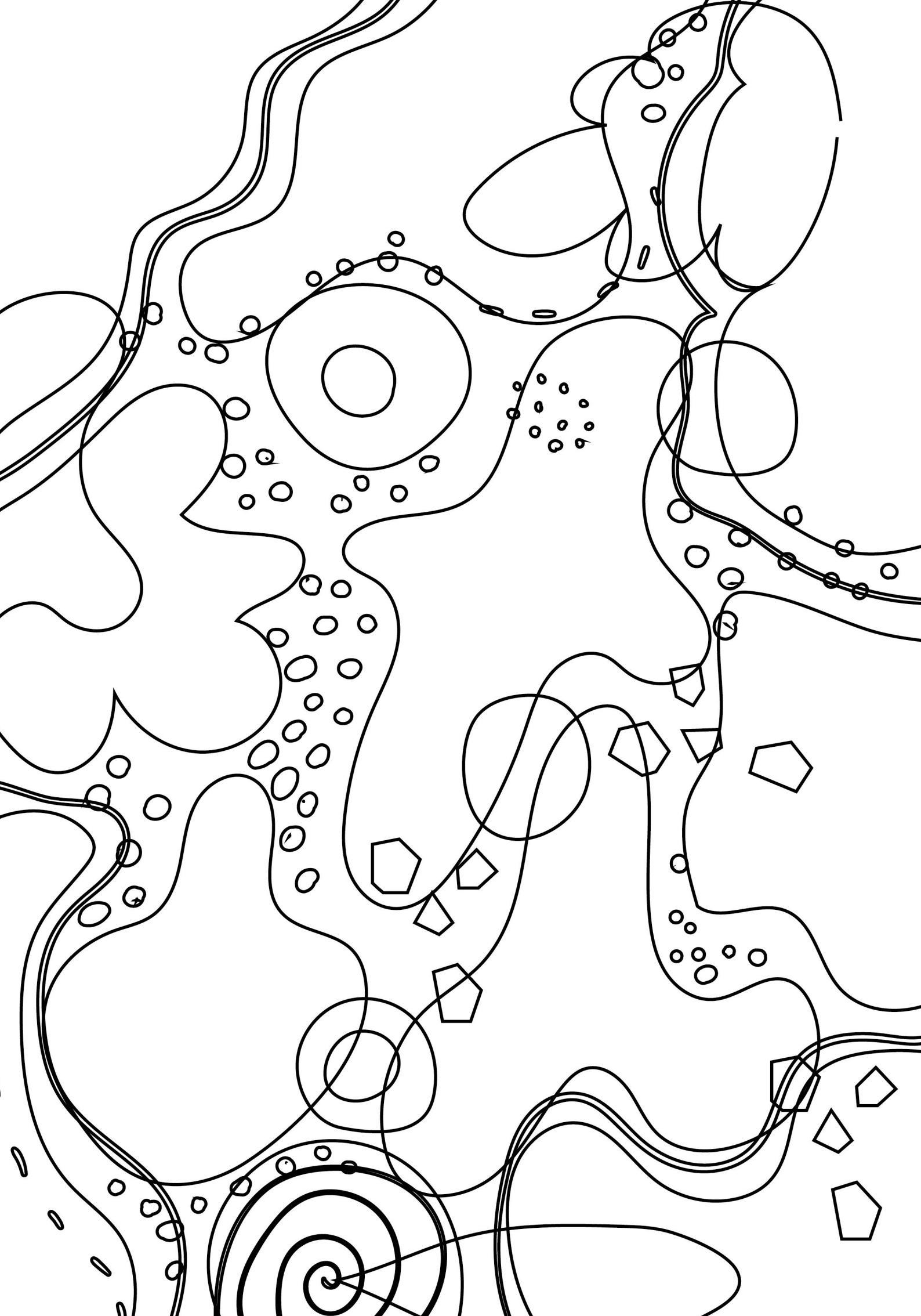
No ano de 2015, surgiu a oportunidade de trabalhar no Centro de Saúde Auditiva

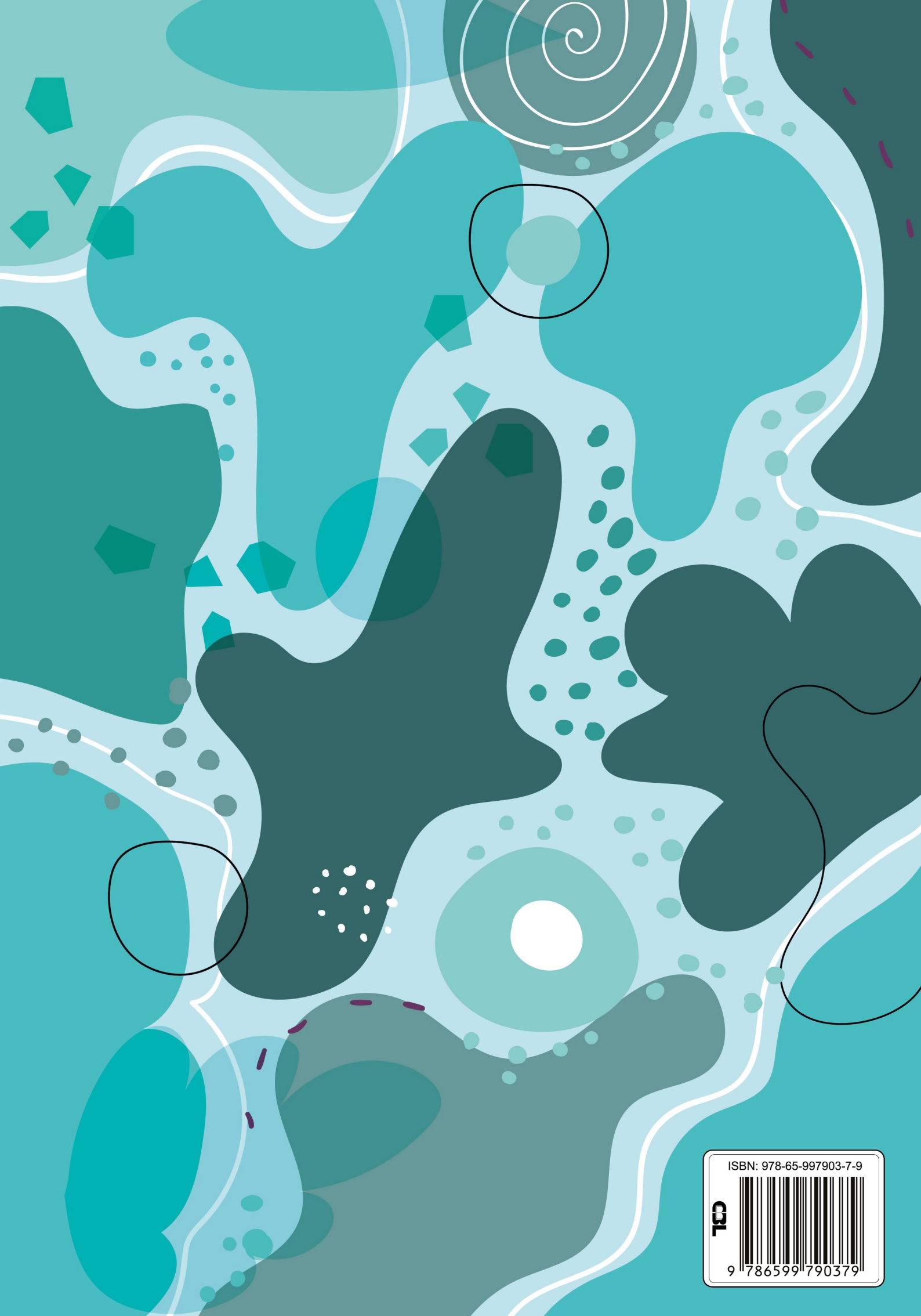
(SUVAG) como profissional intérprete e também continuar no projeto de intérpretes de libras na rede regular, em parceria da Associação de Surdos de Natal (ASNAT) e da Secretaria de Educação Estadual (SEEC) no Centro de Atendimento ao Surdo (CAS). Permaneci por um ano nessas instituições.

Iniciei minha Pós-graduação em Libras e, no mesmo ano, teve concurso público da rede estadual de ensino com diversos cargos ofertados, sendo um deles, o de Professor de Educação Especial para a terceira regional (Nova Cruz/RN). Consegui ser aprovado e em 08 de abril de 2016 fui convocado e comecei atuar com uma discente com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola Julia Alta de Oliveira (Santo Antônio). Em 2017, mudei para Escola Manoel Dantas para auxiliar um aluno usuário de sistema FM e usuário de cadeira de rodas e fui aprovado no processo seletivo para professor de Libras na prefeitura do Natal/RN para Escola Municipal Amadeu Araújo. Em 2018, permaneci no Manoel Dantas atuando com um aluno com paralisia cerebral e na rede estadual fui transferido para escola Maria Alexandrina (Parque das Dunas, zona Norte/Natal).

Em 2019, foi um dos grandes momentos na minha carreira profissional como tradutor/intérprete de Libras, pois fui convidado para ingressar na equipe de intérprete das coletivas de imprensa da Covid-19(RN). Fomos televisionados em rede nacional. Foram momentos de sensações, emoções, sofrimentos, angústias e conquistas vividas à flor da pele.

No início de 2021, ingressei no Letras Libras-Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Em outubro, foi momento de alcançar outros objetivos e fui convidado pela atual subcoordenadora de Educação Especial de SEEC (Maria Ducarmo Severo) para fazer parte da Subcoordenadoria de Educação Especial da Rede Estadual de Ensino (SUESP), atuando no cargo de assessor pedagógico na equipe de DA/SURDEZ. No ano de 2022, concluí a pós graduação em Educação Especial Inclusiva ofertada pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e fui aprovado e convocado no seletivo da rede estadual de ensino no cargo de professor Intérprete de Libras, atuando no CAS onde permaneço até os dias atuais.





ISBN: 978-65-997903-7-9

CD



9 786599 790379